

EDUCAÇÃO E... ...PANDEMIA ...FAMÍLIA ...TECNOLOGIA



Alex do Carmo Barbosa
Aline dos Santos Moreira de Carvalho
Diego de Almeida Silva
Érika dos Santos Pereira
Gabrielle Oliveira dos Santos
Hérica Cristina Oliveira da Costa
Ingrid dos Santos Pereira
Jaqueline Flávia Rodrigues da Cunha França
Lana Cristina de Almeida Silva
Léia Flauzina da Silva de Albuquerque
Liliane Musumeci Ferreira
Lucas Frade Pinto Cunha
Lucélia Aparecida Jagobucci
Sabrina da Silva Menezes
Viviani de Sá Merísio
Camila Abreu Thomazini Frinhani
Karla de Lourdes Antunes Souza
Eliete Regina Alves Silva

Ana Estela Brandão Duarte
Diogo Janes Munhoz
Aline dos Santos Moreira de Carvalho
(Organizadores)

EDUCAÇÃO e...
... pandemia
... família
... tecnologia

**Ana Estela Brandão Duarte
Diogo Janes Munhoz
Aline dos Santos Moreira de Carvalho
(Organizadores)**

**EDUCAÇÃO e...
... pandemia
... família
... tecnologia**

Autores

Alex do Carmo Barbosa
Aline dos Santos Moreira de Carvalho
Diego de Almeida Silva
Érika dos Santos Pereira
Gabrielle Oliveira dos Santos
Hérica Cristina Oliveira da Costa
Ingrid dos Santos Pereira
Jaqueline Flávia Rodrigues da Cunha
França
Lana Cristina de Almeida Silva

Léia Flauzina da Silva de Albuquerque
Liliane Musumeci Ferreira
Lucas Frade Pinto Cunha
Lucélia Aparecida Jagobucci
Sabrina da Silva Menezes
Viviani de Sá Merísio
Camila Abreu Thomazini Frinhani
Karla de Lourdes Antunes Souza
Eliete Regina Alves da Silva

Copyright © Autoras e autores

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos das autoras e dos autores.

Ana Estela Brandão Duarte; Diogo Janes Munhoz; Aline dos Santos Moreira de Carvalho [Orgs.]

EDUCAÇÃO e... pandemia ... família ... tecnologia. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022. 232p. 16 x 23 cm.

ISBN: 978-65-5869-789-3 [Impresso]

978-65-5869-790-9 [Digital]

DOI: 10.51795/9786558697909

1. Ambiente escolar. 2. Família. 3. Tecnologias. 4. Ensino remoto. I. Título.

CDD – 370

Capa: Petricor Design

Ficha Catalográfica: Hélio Márcio Pajeú – CRB - 8-8828

Correção ortográfica: Julia Rovaris Leme

Diagramação: Diany Akiko Lee

Editores: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Conselho Científico da Pedro & João Editores:

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/ Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luis Fernando Soares Zuin (USP/Brasil).



Pedro & João Editores

www.pedroejoaoeditores.com.br

13568-878 – São Carlos – SP

2022

SUMÁRIO

PREFÁCIO	9
Maria do Socorro Cordeiro Feitosa	
CAPÍTULO 01	
O IMPACTO DA PANDEMIA NO CONTEXTO FAMILIAR E NA GESTÃO DO TRABALHO DOCENTE PARA A MULHER	13
Aline dos Santos Moreira de Carvalho	
CAPÍTULO 02	
ENSINO REMOTO EM TEMPOS DE PANDEMIA: desafios e lições aprendidas	23
Gabrielle Oliveira dos Santos	
CAPÍTULO 03	
OS DESAFIOS DO TRABALHO DOCENTE E DISCENTE EM TEMPOS DE ISOLAMENTO SOCIAL	35
Lana Cristina de Almeida Silva	
CAPÍTULO 04	
A UTILIZAÇÃO DOS RECURSOS FEDERAIS NO PERÍODO PANDÊMICO	43
Sabrina da Silva Menezes	
Viviani de Sá Merísio	
CAPÍTULO 05	
O ENSINO DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR NA PANDEMIA	53
Lucélia Aparecida Jagobucci	

CAPÍTULO 06 O ENSINO DA BIOLOGIA E AS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO DURANTE PANDEMIA DE COVID-19: expectativas x realidade Alex do Carmo Barbosa	69
CAPÍTULO 07 A CONTRIBUIÇÃO DE GAMES E GAMIFICAÇÃO NA EDUCAÇÃO Hérika Cristina Oliveira da Costa	89
CAPÍTULO 08 FAMÍLIA COMO MEDIADORA DO CONHECIMENTO Léia Flauzina da Silva de Albuquerque	101
CAPÍTULO 09 ESCOLA TAMBÉM PODE SER NO LAR Liliane Musumeci Ferreira	111
CAPÍTULO 10 BREVE REFLEXÃO SOBRE A IMPORTÂNCIA DA ROTINA NA EDUCAÇÃO INFANTIL Jaqueline Flávia Rodrigues da Cunha França	123
CAPÍTULO 11 PSICOLOGIA EDUCACIONAL EM TEMPOS DE PANDEMIA COVID-19 Lucas Frade Pinto Cunha	135
CAPÍTULO 12 O LÚDICO COMO METODOLOGIA PSICOPEDAGÓGICA AOS ALUNOS COM DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM Érika dos Santos Pereira Ingrid dos Santos Pereira	147

CAPÍTULO 13	
NEUROCIÊNCIA E EDUCAÇÃO: PERSPECTIVAS PARA UM NOVO PROCESSO DE ENSINO- APRENDIZAGEM	161
Diego de Almeida Silva	
CAPÍTULO 14	
DESAFIOS E POSSIBILIDADES DO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DA LEITURA E DA ESCRITA NOS ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL II	181
Camila Abreu Thomazini Frinhani	
CAPÍTULO 15	
EDUCAÇÃO E TECNOLOGIA: desafios na implementação das Tics no processo de ensino- aprendizagem aplicada a Educação Básica	199
Karla de Lourdes Antunes Souza	
CAPÍTULO 16	
DESBRAVANDO E SUPERANDO OS DESAFIOS ENCONTRADOS NA LEITURA E ESCRITA PELOS ALUNOS DO ENSINO MÉDIO	211
Eliete Regina Alves da Silva	
ORGANIZADORES	223
AUTORAS E AUTORES	225

PREFÁCIO

Reunir, em uma obra, reflexões sobre Educação e...pandemia...família... tecnologia é, antes de tudo, um desafio para pessoas ousadas. Por isso, principio parabenizando autores e organizadores deste livro pela coragem e ousadia, neste momento tão complexo em que estamos vivendo.

A obra, em cena, mesmo tendo sido concebida em momento de luto da humanidade devido à COVID-19, não se deixa abater, através de múltiplos olhares, lança luz sobre a educação quando, a muitas mãos, faz uma imersão na literatura, colhe, acolhe e reafirma a ideia de que a escola é viva, e viver é paradoxal por excelência.

Objetivando ampliar o acesso à informação, com estes artigos, a Universidade Columbia del Paraguai mais uma vez fala para o mundo. Inicia com a discussão sobre a identidade feminina, focando como Rousseau descreve a educação feminina, seguindo até os dias atuais nesse processo de malabarismo funcional em que a mulher contemporânea é uma equilibrista por identidade e necessidade. Desafio é a palavra marcante na trajetória de educadores e estudantes desde o ano de 2020 marcado pela COVID – 19, especialmente para as mulheres com o ensino remoto com seus desafios e lições para a educação. Nesse aspecto os autores evidenciam que tanto os alunos quanto os professores necessitam urgentemente de apoio tecnológico.

Esta obra também nos convoca a aprimorar o conhecimento acerca da utilização do PDDE- Emergencial, destacando-o como Recurso Federal excepcional no contexto de situação de calamidade provocada pela Pandemia COVID – 19.

Também nos convida a refletir sobre o ensino de Educação Física Escolar, nesse mesmo contexto e destaca o resgate que ele fez de atividades com a interação da família, resgate de jogos e brincadeiras e construção de brinquedos.

Nesta mesma linha da ludicidade temos o prazer de saber sobre propostas de intensificação das atividades de experimentação de como se faz ciência de maneira divertida e sobre a importância e contribuição da gamificação para uma educação inovadora, ferramenta empolgadora e motivacional.

Retomando a questão da família como mediadora do conhecimento o aspecto positivo relevante é a otimização dos laços afetivos, no entanto os relatos familiares atestam que ela não conseguiu “dar conta” daquilo que é genuinamente da escola.

Alargando a reflexão sobre a importância da Rotina na Educação Infantil, ganha destaque o fato dessa proporcionar à criança segurança, organização e conforto. Andando de mãos dadas com a escola, a Psicologia Educacional propõe, em tempos de Pandemia COVID – 19, mudanças de hábitos no cotidiano para melhorar a qualidade de vida.

Nesse caminhar, temos os alunos com dificuldades de aprendizagem para os quais a obra ressalta o lúdico como Metodologia, atestando que brincar é o que as crianças fazem de melhor e que a brincadeira não pode ser considerada como uma atividade complementar, e sim, primordialmente pedagógica. No trabalho Psicopedagógico, a contribuição do lúdico ultrapassa os aspectos do lazer e alcança os objetivos de aprendizagem.

Caminhando um pouco mais, nessas trilhas da educação, o livro que temos em mãos nos faz deparar com novas perspectivas de ensino – aprendizagem através do diálogo entre Neurociência e Educação, diálogo que deixa claro que o educador é o profissional que maior impacto pode causar no sistema atual da educação.

Dentre tantos desafios encontrados até aqui não poderíamos deixar de encontrar: desafios e possibilidades do processo de aprendizagem da leitura e da escrita também nos estudantes do Ensino Fundamental dos anos finais e a relevância de que aprender a ler e escrever são atividades inerentes à escola.

E por falar em desafio.....Que tal trazer logo a reflexão sobre a exclusão digital? É Isso mesmo que Você leu, Caro leitor. Esta obra

nos apresenta os inúmeros desafios na implementação das TICs no processo de ensino – aprendizagem aplicada à Educação Básica.

E, finalmente, desbravando e superando os desafios encontrados na leitura e escrita pelos alunos do Ensino Médio somos apresentados à interdisciplinaridade como instrumento fundamental para o aprimoramento da leitura e da escrita, um redimensionamento no fazer pedagógico.

Acreditando que já estava caminhando com Você, Colega Leitor, eu agradeço pela companhia e digo:

“A boa companhia encurta a estrada”.

Maria do Socorro Cordeiro Feitosa
Mestra em Educação e Professora de Língua Portuguesa



O IMPACTO DA PANDEMIA NO CONTEXTO FAMILIAR E NA GESTÃO DO TRABALHO DOCENTE PARA A MULHER

Aline dos Santos Moreira de Carvalho

Introdução

A mulher ainda nos dias de hoje busca e almeja sua afirmação profissional e como sujeito social, vivendo e revivendo o debate sobre gêneros, igualdade e mercado de trabalho.

A profissão de magistério foi a primeira porta aberta para o mercado de trabalho feminino, por questões de natureza histórico-cultural.

A mulher, na sociedade brasileira, considerada patriarcal, até algumas décadas atrás era criada para ser boa esposa e boa mãe, responsabilizada pelos trabalhos domésticos, o que fez com que a mentalidade feminina internalizasse essa responsabilidade.

Nesse contexto, hoje, diante da pandemia da COVID-19, a situação outrora velada, foi desnudada diante o distanciamento social e a necessidade de aulas remotas para os educandos, ou seja, as professoras-mães que estavam sobrecarregadas anteriormente, agora se encontram em situação de equilíbrio entre trabalho, alunos, casa, família, autocuidado, saúde, lazer e etc.

O presente estudo tem por objetivo resgatar conceitos como mulher e identidade feminina, assim como identidade docente, no contexto histórico-cultural, relacionando-os com a atual situação contemporânea e pandêmica das mulheres que são professoras, mães e esposas.

Para tal, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, que segundo GIL (2008) é desenvolvida com base em material já elaborado, principalmente em artigos científicos e livros.

Foi realizada uma leitura analítica, relacionando conceitos e afirmativas baseadas em artigos, pesquisas e estudos, que resultaram em três tópicos correlacionados: mulher, identidade feminina; Mulher e o ser docente; e Mulher, professora e mãe na pandemia - o equilibrismo.

As conclusões assim como impressões da autora compreendem as considerações finais.

Mulher, a identidade feminina

Segundo Oxford Languages, mulher significa “1. Pessoa de sexo feminino ou do gênero feminino; 2. O ser humano feminino, considerado em conjunto, ideal ou concretamente.” (LANGUAGES, 2021, online)

Segundo Vieira (2005), cada época, da forma que lhe cabe, influencia os sujeitos em suas formas de pensar, agir e sentir. De acordo com a história da humanidade, muitos períodos foram decisivos em marcar a construção de identidades como a Idade Média, o Renascimento, entre outros (VIEIRA, 2005).

O autor afirma que para construir o self, ou seja, a si mesmo, é necessário que o sujeito agregue tendências específicas do conhecimento, assimilando as particularidades e valores de determinados momentos.

Para Giddens (2002 apud VIEIRA, 2005), a pós-modernidade tornou o sujeito passível de fragmentação reduzindo o valor da subjetividade. Nessa perspectiva, a construção do sujeito resulta não apenas de um momento ou fato, mas sim de uma série de eventos que aconteceram na vida de uma pessoa. Assim, cada sujeito possui seu percurso histórico particular, único e singular, onde estão as emoções, perdas, ganhos, crenças, com juízos e valores agregados durante sua vida.

Ainda sob essa óptica, destaca-se que o sujeito não é apenas um espectador de sua vida, ele intervém e interfere na construção de sua subjetividade. De acordo com Emília Pedro (1997, p. 160 apud VIEIRA, 2005, p. 211)

Entretanto, nós não somos usuários passivos de fontes de discursos pré-fabricados. É verdade que elas existem e limitam-nos e formam o que nós dizemos, mas quando nós falamos, nós as usamos sempre em combinações novas e variadas. Nesse sentido, nós podemos ser considerados autores genuínos.

Com relação a discussão de identidade feminina, ou da mulher, Vieira (2005) ressalta que é por meio da negociação da identidade e diferenças que o sujeito é constituído, resultando de um processo ideológico.

Nesse sentido, a identidade da mulher resulta de diferenças, não sendo unitária. M. Talbot (1995 apud VIEIRA, 2005) afirma que a perspectiva crítica concorda com a ideia de que o gênero não é recebido previamente, também não é estático, porém construído ativamente, alguns estudos afirmam em constante construção dinâmica, onde essa característica assegura a mudança permanente e incompletude (VIEIRA, 2005).

Vieira acrescenta que a identidade do sujeito não pode ser vista como propriedade exclusiva de um ser centrado e limitada pelos gêneros, antes ela é híbrida e inconstante. Assim, Emília Pedro (1997 apud VIEIRA, 2005) é conclusiva ao dizer que o que e quem nós somos é resultado do relacionamento entre o sujeito (o self) e o outro.

Contudo as identidades são desde muito cedo, as identidades de mulheres e homens são construídas no contexto social, como as identidades de gênero. Essas são o resultado de um modelo de comportamentos sociais aprendidos com a família e com outras instituições sociais. Nessa perspectiva Vieira (2005) afirma que cabe à família a tarefa de construir a identidade feminina. Assim como Simone de Beauvoir afirmou “não se nasce uma mulher”, sendo essa feita, como uma espécie de mundo em construção e mudanças, e o seu colorido reflete na contemporaneidade com qualidades, erros, fragilidades e falhas do ser mulher.

Ao adentrar o assunto letramento ou escolaridade, constata-se a ideologia que os papéis femininos e masculinos são bem diferenciados e o letramento depende de cada um vai exercer.

Segundo Cornes (1994, p. 105 apud VIEIRA, 2005, p. 229), Jean Jacques Rousseau descreveu a educação feminina da seguinte forma:

A completa educação das mulheres deve ser relativa aos homens, para agradá-los, para serem úteis a eles, para que se façam amadas e honradas por eles, , para educa-los quando jovens, para cuidar deles quando crescidos, para consolá-los e para tornar-lhes a vida doce e agradável. Estas são as obrigações das mulheres em todos os tempos e é assim que elas deveriam ser ensinadas desde a infância.

Nesse sentido, a educação contribui para as características que aprofundam as diferenças entre os gêneros, reiterando o valor da cultura e assim, fazendo com que a identidade feminina seja um reflexo das crenças, valores e costumes de cada grupo social.

Segundo Vieira (2005, p. 228), para refletir sobre a identidade feminina e o ensino, deve-se prestar atenção na questão curricular pois esta reflete o papel da sociedade e de seus valores ideológicos para a construção da identidade feminina, como os cursos Normais brasileiros, voltados à formação feminina, onde eram ensinados desde puericultura a canto, passando por economia doméstica, sem o ensino de física, biologia e química. O discurso ideológico consistia em a jovem se formar professora (magistério) e se preparar para casar, pois poderia trabalhar em apenas um turno, melhor o da tarde para conciliar os afazeres de esposa e mãe com o trabalho.

Mulher e o ser docente

Neves, Brito e Muniz (2019) observam que, historicamente, a inserção feminina no mercado de trabalho se dá através de profissões que apresentam similaridades com a esfera doméstica, com as atividades de “cuidados”, de casa e dos familiares, como o magistério (NEVES; BRITO; MUNIZ, 2019).

Historicamente, devido a crescente urbanização com o processo de industrialização brasileiro, houve a necessidade de expansão do ensino, e os homens que atuavam no magistério retiraram-se. Incluindo, nessa perspectiva, que a mulher é considerada como aquela

que sabe como perceber e exercer o magistério com maestria, função aprendida desde pequena, uma vez nascida numa sociedade patriarcal (NEVES; BRITO; MUNIZ, 2019). Ser professora ganha sentido de processo necessário para se pôr em prática competências e habilidades inatas ao ser mulher, não sendo vistas como qualificações, o que gera desvalorização do trabalho feminino e menores salários (NEVES; BRITO; MUNIZ, 2019).

Pessoa, Moura e Farias (2020) acrescentam que a docência é configurada como estreita relação entre a mulher e o mercado de trabalho, rapidamente associada ao feminino. Configuração reafirmada pelo fato de nessa profissão haver a possibilidade de conciliar trabalho e família, não interferindo em sua atuação como mãe e esposa (BRABO, 2005 apud PESSOA; MOURA; FARIAS, 2020).

Segundo Chamon (2005 apud NEVES; BRITO; MUNIZ, 2019), a aceitação no magistério está ligada às exigências de comprometimento com disciplina e educação de crianças, primeiramente. Na conjuntura social, a mulher possui características inatas (vocação) para cuidar de crianças e superioridade em relações afetivas.

O magistério é uma profissão repleta de interações sociais, fazendo-o flexível ao que acontece na sociedade como um todo (PESSOA; MOURA; FARIAS, 2020). Como acrescentam Tardife e Lessard (2011, p. 43 apud PESSOA; MOURA; FARIAS, 2020, p. 167), ensinar é “agir dentro de um ambiente complexo e por isso, impossível de controlar inteiramente, pois, simultaneamente, são várias coisas que se produzem em diferentes níveis de realidade”.

Segundo Almeida (1999, p. 32 apud GIL, 2020, p. 78), a mulher entra na carreira de magistério por essa representar o equilíbrio necessário e aceitável dentro de sua especificidade,

Situa-se aí a extrema ambiguidade da posição feminina a respeito de trabalho e instrução, representada pelo equilíbrio entre a condição desejável e a possível de se obter. O magistério, por sua especificidade, foi uma das maiores oportunidades com a qual contou o sexo feminino para atingir esse equilíbrio. Era aceitável que as mulheres desempenhassem um trabalho, desde que este significasse cuidar de alguém.

Outra visão marcante sobre a presença da mulher no magistério é essa carreira possuir característica de um sacerdócio para o feminino, uma missão que transcende a esfera doméstica, dos filhos para os alunos, e deveria ser feito voluntariamente., como demonstram Dametto e Esquinsani (2015, p.150 apud GIL, 2020, p. 79):

Para que a expansão escolar às custas da mão de obra feminina fosse palatável, houve um investimento em representações acerca da mulher e do magistério que conduziram a interpretações que persistem há muito tempo, como a ideia do magistério enquanto missão ou sacerdócio, além de ser uma vocação feminina natural.

O magistério pode ser considerado a porta de entrada da mulher no mercado de trabalho, mesmo diante da desvalorização da mão-de-obra feminina e da profissão, falta de prestígio social e da luta salarial (GIL, 2020).

Mulher, professora e mãe na pandemia - o equilíbrio

O Corona Vírus Disease (COVID-19) surgiu na China em 2019 e se espalhou pelos demais países do planeta, sendo declarado pela Organização Mundial da Saúde (OMS), em março de 2020, como pandemia e a maior emergência em saúde pública enfrentada pela sociedade nos últimos tempos. Nesse contexto, foi declarada a necessidade de distanciamento e isolamento social (em alguns casos), o que se tornou dever de todos. Como afirmou Bittencourt (2020, p. 171 apud MACÊDO, 2020, online) "permanecer em casa é um ato político".

Entretanto, Macêdo (2020) salienta que o trabalho doméstico formal ou não, no Brasil, é inteiramente de responsabilidade da mulher, representante da diferença ainda existente entre homens e mulheres. E, que para muitas, esse trabalho representa opressão, dor e sofrimento diante da imposição de um lugar subalterno ao do homem, tanto na sociedade como na hierarquia familiar tradicional. E acrescenta que essa situação, diante das questões atuais e agravantes, está levando as mulheres à exaustão, uma vez

que essa condição foi internalizada pelas mesmas (ser a responsável por todos os afazeres), o que implica em poucos ou nenhum cuidado consigo e nenhum lazer (MACÊDO, 2020).

Com relação a profissão de docente, o período pandêmico e suas consequências trouxeram à realidade o Ensino Remoto, pelo qual os discentes e docentes trabalham o processo ensino-aprendizagem através das tecnologias digitais. (GIL, 2020)

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação - LDB 9394/96 prevê em casos emergenciais o uso de aulas à distância para colaborar no desenvolvimento do ensino, a Base Nacional Comum Curricular reafirma as competências e habilidades a serem desenvolvidos com uso das tecnologias na educação tanto de forma interdisciplinar como colaboradora no ensino para aproximar as práticas educacionais ao contexto dos alunos imersos na tecnologia, vindo de encontro à necessidade de uma formação integral. (GIL, 2020, p.79)

Gil (2020) afirma que, enquanto, profissional teve sua identidade docente superdimensionada, uma vez que precisou trabalhar no ambiente doméstico, sem horários corretos, em meio às necessidades familiares. (GIL, 2020).

Ataíde e Nunes (2016, p. 172 apud GIL, 2020, p. 81) ao discorrer sobre a identidade da profissão docente acrescentam:

A compreensão da identidade da profissão docente como resultante de um processo histórico de construção social a partir de fatores sociais, culturais, políticos e econômicos, revela-se imperativa para a sua caracterização e diferenciação em relação a outras profissões. [...] Assim sendo, a identidade parte da fusão de elementos caracterizadores dos indivíduos e localizados no tempo e no espaço de forma a torná-los singulares, inconfundíveis no conjunto de seus pensamentos.

Gil (2020) acrescenta que é necessário refletir acerca dessa identidade de professora, pois dentro do atual contexto pandêmico, a mulher professora se coloca em evidência pois, além dos aspectos docentes e seus desdobramentos, precisa ser mulher, mãe, esposa, articulando os cuidados familiares e as demandas do trabalho, num processo de malabarismo funcional.

O malabarismo é rotina e cotidiano de mulheres docentes e mães durante a Pandemia. O estudo de Macêdo (2020) organizou alguns relatos de mulheres nesta situação.

Lembro, ao acordar, que, por causa da pandemia, não há nenhum horário rígido a seguir. Mas eu não consigo ficar na cama. Uma vez li um artigo que apresentava uma pesquisa com mulheres, intitulado " Não tem jeito de eu acordar hoje e dizer: hoje eu não vou ser mãe!": trabalho, maternidade e redes de apoio", de Souza, Teixeira, Loreto e Bartolomeu (2011). Essa frase é a nossa cara. Mãe é expediente 24horas. As obrigações que internalizei como mãe, esposa e dona de casa me convidam: café da manhã, cuidados da casa, almoço, louça, roupa, jantar, cama, mesa e banho.

Assim, não é que eu não me sinta bem ao lado de quem amo. A exaustão está em ter que dar conta de atividades que não suporto fazer e, mesmo que eu possa brincar e rolar, ver filmes e TV, fico tão cansada com os afazeres domésticos que, muitas vezes, não consigo nem ler, algo importante para a minha profissão. Às vezes, penso que estou mais afastada dos que amo estando em casa que quando trabalho muito. Porque quando eu dou conta do meu trabalho profissional, fico para eles, por eles...

No entanto, não estar indo trabalhar presencialmente é complicado demais. Estar sem contato com meus alunos, longe da supervisão, das orientações, longe do lugar que me faz pensar, produzir e me realizar, é um martírio. Reconheço-me no meu trabalho... Sonho com isso desde 1989. Sou docente desde 1998 e de uma instituição pública desde 2012. Amo o que faço, adoro sala de aula. Sinto êxtase ao produzir artigos, elaborar projetos, participar de eventos, dar orientação, viajar, conhecer novas ideias em congressos...

Fabbro e Heloane (2010 apud MACÊDO, 2020), ao afirmarem sobre os temas mulher, trabalho acadêmico e maternidade afirmaram que para as professoras o trabalho intelectual se mostrou sedutor que as fizeram se sentir vivas pois sentiam fazer parte de algo grande para as futuras gerações. Em contrapartida, muitas se sentiam culpadas por sua família e estavam sobrecarregadas.

Porém cabe ressaltar que pesquisas apontaram outra face do malabarismo, como um aspecto positivo: o maior contato com a família, principalmente os filhos (PESSOA; MOURA; FARIAS, 2020). Houve a possibilidade de as professoras terem tempo de reflexão acerca de suas carências, interesses e necessidades não

evidenciados devido a rotina veloz do dia-a-dia, antes da pandemia (PESSOA; MOURA; FARIAS, 2020).

Oliveira, Queiros e Diniz (2020 apud PESSOA; MOURA; FARIAS, 2020), colaboram que o estreitamento do contato familiar, mudou a dinâmica doméstica pois estão todos em casa. E isto é visto pelas professoras como algo positivo. Antunes (2009 apud MACÊDO, 2020) considera que o trabalho é uma das esferas que dá sentido à vida humana e que favorece o enfrentar o sofrimento decorrente desse.

Como a mulher internalizou valores culturais de uma cultura maternocentrada, passa a enfrentar conflitos de identidade por compartilhar da ideologia que a mulher precisa ser boa: boa mãe, boa esposa, boa dona de casa, boa cozinheira, entre outros. (MACÊDO, 2020) Portanto, a mesma situação apresenta lados distintos do equilíbrio funcional da mulher contemporânea, professora e mãe.

Considerações Finais

A mulher contemporânea é uma equilibrista por identidade e necessidade. São inúmeras situações diárias vividas, participadas, atribuídas e compartilhadas. A mulher que é professora e mãe de família atribui para si inúmeras responsabilidades, inclusive a responsabilidade social de ser boa.

No atual contexto pandêmico, muitos aspectos dessa relação conflituosa da professora - mãe vieram à tona devido a necessidade de fazer de seu lar, sua sala de aula, uma vez que os indivíduos precisaram se distanciar. Sendo assim, a equilibrista não entrou em cena, apenas precisou ficar evidenciada na frente das cortinas, nesse momento.

Deve-se destacar que o equilíbrio “falsamente” encontrado por muitas, requer desgaste emocional, físico e psicológico, sendo apenas um estado muito sutil e facilmente desestabilizado.

Referências

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2008. Pdf.

GIL, Maria Izaira da Silva. Mulher, mãe e professora: desafios e ressignificações na prática docente e na pesquisa em tempos de ensino remoto. **SCIAS Educação, Comunicação, Tecnologia**, vol 2, nº2, p. 75-89, Belo Horizonte, julho/ dezembro, 2020. Disponível em: <<https://revista.uemg.br/index.php/sciasedcomtec/article/view/5036/3261>>. Acesso em: 24 de outubro de 2021.

MACÊDO, Shirley. Ser mulher trabalhadora e mãe no contexto da pandemia COVID-19: tecendo sentidos. **Rev. NUFEN**, vol.12, nº.2, online, Belém, maio/ago. 2020. Disponível em:< http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912020000200012.. Acesso em 22 de outubro de 2021.

NEVES, Mary Yale Rodrigues; BRITO, Jussara Cruz de; MUNIZ, Helder Pordeus. **A saúde das professoras, os contornos de gênero e o trabalho no Ensino Fundamental**. Cad. Saúde Pública, nº 35 (Suplemento 1), 15, Rio de Janeiro, Abril, 2019. Disponível em:< <https://www.scielosp.org/article/csp/2019.v35suppl1/e00189617/>>. Acesso em: 22 de outubro de 2021.

PESSOA, Amanda Raquel Rodrigues; MOURA, Marla Maria Moraes; FARIAS, Izabel Maria Sabino de. A composição do tempo social de mulheres professoras durante a pandemia. LICERE. **Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer – UFMG**, vol. 24, nº 1, p. 161-194, Belo Horizonte, 2020.

VIEIRA, Josênia Antunes. A identidade da mulher na modernidade. **DELTA**, Vol. 21, Edição especial, p. 207-238, Brasília, 2005. Disponível em:< https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/9246/1/ARTIGO_IdentidadeMulherModernidade.pdf>. Aceso em: 23 de outubro de 2021.

ENSINO REMOTO EM TEMPOS DE PANDEMIA: desafios e lições aprendidas

Gabrielle Oliveira dos Santos

Introdução

A pandemia causada pelo coronavírus afetou diretamente todos os aspectos da vida humana, principalmente aspectos educacionais. Devido ao isolamento social, as escolas foram fechadas para o ensino presencial, precisando aderir e adaptar-se ao ensino remoto de forma emergencial.

Diante desse contexto repentino, o processo educativo e o desenvolvimento da aprendizagem sofreram impactos sem medidas, assim como coube a escola, aos professores, famílias e alunos desenvolverem uma nova forma de aprender e ensinar.

O presente estudo justifica-se pela necessidade de desenhar o impacto do ensino remoto na educação brasileira. Sobre essa afirmativa, o mesmo tem como objetivo analisar o ensino remoto, seus desafios e lições para a educação.

Metodologia

A metodologia utilizada para a produção deste estudo foi de pesquisa bibliográfica, realizada em meio virtual, com artigos disponíveis assim como anais em sites confiáveis, de conteúdo científico.

A pesquisa bibliográfica, ou de fontes secundárias, abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, material cartográfico etc. [...] Dessa forma, a pesquisa bibliográfica não é mera

repetição do que já foi dito ou escrito sobre certo assunto, mas propicia o exame de um tema sob novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras (LAKATOS, MARCONI, 2010, p.166).

Sendo assim, foram selecionados artigos e anais resultantes de pesquisa em meio virtual, com os descritores: ensino remoto, pandemia, desafios e aprendizagens.

Artigos que não correlacionavam os três descritores foram excluídos. Após a exclusão, foi feita uma leitura analítica que resultou na fundamentação teórica deste estudo, apresentada em resultados e discussões e subdividida em títulos e as conclusões encontram-se nas considerações finais.

Pandemia, educação e ensino remoto

A pandemia é iniciada a partir de uma epidemia. Uma doença a qual se difunde rapidamente por diversos países acometendo um grande número de pessoas, impondo, assim, novas regras e hábitos sociais para a população mundial. Segundo dados da Organização Mundial de Saúde (OMS), o surto da doença pelo coronavírus (COVID-19) se iniciou na China em dezembro de 2019, e tem se alastrado por diversos locais e populações (OMS, 2020 apud DUARTE et al., 2020).

A doença se espalhou em diversos países, e segundo a OMS foi caracterizada como pandemia em março de 2020 (LANA et al., 2020 apud SOUZA; MIRANDA, 2020). Devido ao alto nível de contágio e disseminação da doença, algumas medidas de higiene e distanciamento social foram tomadas pelos países a fim de controlar a disseminação ou contê-la (FERENTZ et al., 2020 apud SOUZA; MIRANDA, 2020).

O primeiro caso no Brasil foi identificado em 26 de fevereiro de 2020 (DIAS et al., 2020 apud *ibidem*) e, em abril, o número de casos chegou a 100 mil, com mais de 7 mil mortes no território nacional (FERENTZ et al., 2020 apud *ibidem*)

Devido ao isolamento social ser considerado um instrumento poderoso de combate à propagação do vírus, as instituições educacionais precisaram agir de acordo com as instruções governamentais e encerraram suas atividades presenciais, permanecendo as mesmas via ensino remoto, ou seja, não presencial (COSTA; NASCIMENTO, 2020).

O Ministério da Educação, através da portaria nº 343 de 17 de março de 2020, dispôs sobre a substituição das aulas presenciais por aulas que utilizem os meios digitais, durante o período pandêmico (ibidem).

O Conselho Nacional de Educação (CNE), observando o apoio e a legislação sobre o ensino remoto (devido a implementação de emergência), em 28 de abril de 2020, expediu parecer favorável para a reorganização do calendário escolar assim como à computação de atividades não presenciais para cumprimento de carga horária anual mínima, sendo o mesmo homologado pelo MEC em 29 de maio de 2020 (COSTA; NASCIMENTO, 2020).

A urgência da situação da educação, encontrou um sistema não preparado para tal, o que fez com que sistemas educacionais, professores, escolas, famílias e alunos precisassem se adaptar rapidamente à nova realidade educacional.

A utilização das tecnologias digitais tornou-se fundamental como ferramentas e instrumentos de educação e, no caso brasileiro, evidenciou e fez emergir questões como a desigualdade, o que se tornou um grande desafio a ser enfrentado durante o momento pandêmico (ibidem). Nesse sentido, a concepção de educação foi ampliada, determinando um novo modelo de ensino diante uma situação extremamente delicada e complexa, onde toda a comunidade educacional e os envolvidos no processo educativo entre fragilidades e incertezas (ibidem).

Para Cordeiro (2020 apud ibidem) o reaprendizado no processo educativo (reaprender a ensinar e reaprender a aprender) foi um dos maiores desafios do momento de distanciamento, principalmente para algumas séries iniciais. Segundo o mesmo,

De forma emergencial e com pouco tempo de planejamento e discussão (o que levaria meses em situação normal, professores e gestores escolares, público e privado, da educação básica a superior, tiveram que adaptar in real time (em tempo real) o currículo, atividades, conteúdos e aulas como um todo, que foram projetadas para uma experiência pessoal e presencial (mesmo que semipresencial), e transformá-las em um Ensino Remoto Emergencial totalmente experimental. Fazendo um recorte desse processo, podemos afirmar que nunca a educação foi tão inovadora. Foi a transformação digital mais rápida que se tem notícia num setor inteiro e ao mesmo tempo. (ENSINO..., 2020, n.p. apud ibidem, s.p.).

As tecnologias digitais “entram” nas escolas de forma a fazê-las enfrentarem questões fundamentais como construir-se como espaço de construção de conhecimentos e aprendizagens diante de um modelo de educação tecnificado pois diante do seu papel social, precisa promover a criticidade e reflexão assim como observar e garantir a democratização do acesso às tecnologias de comunicação digitais (ALVES; FARIA, 2020).

De acordo com Faustino e Silva (2020 apud SOUZA; MIRANDA, 2020), a pandemia trouxe incertezas para a educação. A Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) estimou que 90% dos estudantes do mundo tiveram seus estudos interferidos pela pandemia. Sendo assim, a mesma defendeu que o ensino fosse continuado à distância, porém reconhece que é uma questão complexa devido alguns fatores pertinentes, como a formação e capacitação de professores, engajamento de famílias e desafios de conectividade.

Porém o ensino remoto fez-se necessário devido a imposição do isolamento, e realizado em caráter emergencial, diante do qual o currículo, planejamento e atividades pedagógicas precisaram ser reestruturados para garantir a permanência da aprendizagem (BEHAR, 2020 apud ibidem).

Para Hodges et al. (2020 apud SOARES; SANTANA; COMPER, 2020), o ensino remoto de emergência está sendo caracterizado como uma modalidade de ensino emergencial que utiliza tecnologias digitais para manutenção da rotina das aulas presenciais, tendo como

objetivo disponibilizar os conteúdos educacionais para que esses sejam acessados de qualquer lugar físico através de um aparelho conectado à internet (TAKAHASHI; CARDOSO, 2012 apud ibidem). A questão de transição de ensino presencial para retomo não pode ser simplificada, ao contrário, feita de forma repentina, impactou tanto estudantes como professores e a comunidade escolar, que precisam buscar melhores formas de ensino e adequá-las ao processo de aprendizagem da nova forma de se desenvolver a educação no país (AQUINO et al., 2020 apud ibidem).

Ensino remoto e os desafios

A implementação emergencial e manutenção do ensino remoto requer de todos os envolvidos na educação o enfrentamento de alguns desafios por ambas as partes.

A reflexão acerca da educação e a inserção de tecnologias digitais remota algumas décadas pois essa não acontece de forma natural, devido a existência de ideologias por detrás da questão que se desdobram em duas vertentes: a determinista, que acreditar que a inovação tecnológica é uma ação de mudança social e que impõe sua lógica aos atores sociais e suas relações, fazendo com que as relações pedagógicas sejam ampliadas e mais colaborativas uma vez que a internet democratiza a educação, desconsiderando, assim, a desigualdade de acesso à rede de computadores conectados à internet; e a vertente de oposição que caracteriza a tecnologia como elemento neutro, recursos ou instrumentos flexíveis para a utilização por parte dos sujeitos do processo educativo (ALVES; FARIA, 2020).

Muitos professores foram resistentes a inserção das novas tecnologias digitais nas escolas, pois passaram de detentores do controle e dos conhecimentos (aulas no laboratório de informática) para auxiliares no processo educativo, uma vez que devido a democratização das tecnologias digitais (mais baratas), as ferramentas de acesso à internet estão nas mãos dos alunos (tablets, iphones, smartphones), o que amplifica o processo e permite que

os alunos sejam sujeitos ativos (ibidem). Nesse sentido, Costa (2013, p. 49 apud ibidem, p. 5) explica:

Ora, é precisamente aí que reside a diferença essencial das tecnologias de informação e comunicação hoje acessíveis: não são ferramentas destinadas principalmente aos professores, mas sim ferramentas do aluno; não são ferramentas para apoiar a transmissão do conhecimento, mas sim ferramentas que permitem e implicam a participação ativa, por cada um, na construção do seu próprio conhecimento.

Diante do exposto, faz-se necessária a conscientização do professorado de que passaram a ser guias, mentores e faróis no oceano de possibilidades (ibidem).

Para tal, o professor precisa receber capacitação e formação necessárias, porém não houve tempo hábil na transição repentina para o ensino remoto devido a pandemia da COVID -19.

Nesse contexto, houve muitas oposições e críticas do ensino remoto por ambos os lados do processo: os professores, despreparados para aulas virtuais, conteúdos, não conhecedores do universo virtual que precisam passar três horas transmitindo informações virtualmente (reforçando o papel do professor como detentor do conhecimento) e os alunos que precisam se manter em frente à tela por horas seguidas, sem qualquer interesse(ibidem).

Isso reforça a importância do desenvolvimento de aulas interativas fazendo uso das possibilidades dos TDIC, como por exemplo, na aula com web conferência, o professor pode adicionar a aula expositiva, o uso do fórum e chat para promover um debate com a turma do assunto abordado. Adicionado a isso, o docente pode indicar outras fontes de pesquisas como vídeos e textos para uma melhor compreensão do estudo em questão, como forma de promover a trocas de saberes de forma colaborativa e interativa (ibidem, p. 8)

Para Faustino e Silva (2020 apud SOUZA; MIRANDA, 2020) romper com aulas presencias e implementar aulas virtuais requer explorara recursos tecnológicos antes quase não utilizados, que requer nova metodologias, com abordagens diferenciadas.

Outro desafio enfrentado pelos professores é a sobrecarga profissional, pois o trabalho “invadiu” o espaço doméstico, demandando tempos como trabalho fora de hora, fins de semana e feriados (ibidem).

Os professores foram os mais cobrados nesse período, inclusive com relação a aprendizagem pois o aluno estar conectado, não significa que ele estivesse, de fato, assistindo às aulas (DIAS et al., 2020 apud ibidem).

Um desafio de aspecto fundamental para o ensino remoto foi a equidade do acesso às aulas e consequente exposição da desigualdade social brasileira.

A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua, feita em 2018, determinou que o acesso à ferramentas digitais e internet acontece de forma heterogênea nos lares brasileiros. Sendo assim, houve uma parte da população sem acesso ao ensino remoto, o que potencializou a questão da desigualdade e equidade de oportunidades (COSTA; NASCIMENTO, 2020).

Nesse sentido, a UNESCO (2020 apud SOUZA; MIRANDA, 2020) discorre sobre a necessidade de equidade entre estudantes com e sem acesso as ferramentas digitais, apontando que o fechamento das instituições escolares prejudica muito mais os vulneráveis e desfavorecidos. Souza (2020, s.p.) esclarece:

Consideramos que as TIC, os ambientes virtuais de aprendizagem (AVA), as redes sociais, que atualmente fazem parte do domínio cognitivo de muitos de nós, não devem ser considerados como simples objetos, tampouco como soluções para antigos problemas. Acima de tudo, devem ser vistos como propulsores da criação de novas relações com a informação, com o tempo, com o espaço, consigo mesmo e com os outros. Portanto, mais do que nunca, a educação é convocada a se singularizar, a se reinventar buscando outras possibilidades pelo uso das TIC e pela habitação nos AVA.

O engajamento dos alunos é um outro desafio a ser considerado. Fez-se necessário, ao educador, em tempo mínimo, se reinventar para criar engajamento por parte dos alunos durante o período de isolamento social.

Para Costa e Nascimento (2020), o ensino remoto proporcionou o estreitamento de laços entre família e escola, tornando a parceria mais visível que antes e necessária para o sucesso da aprendizagem. Cordeiro (2020 apud ibidem) afirma que devido a necessidade de acompanhar os filhos durante o tempo educativo na pandemia, os pais puderam perceber o quanto é importante sua participação na vida escolar dos filhos.

Ensino remoto e lições aprendidas

A situação pandêmica exigiu o ensino remoto implementado com urgência, em caráter provisório e muitos desafios foram enfrentados assim como muitas lições foram aprendidas.

Dentre as discussões e debates realizados, algo em comum foi é que o ensino remoto não foi caracterizado como ensino à distância ou educação online e sim “educação síncrona remota emergencial”. Os professores estão se reinventando e adaptando recursos de educação online em seus trabalhos (GIRAFFA, 2020 apud ALVES; FARIA, 2020).

Existem aspectos da educação brasileira em relação ad tecnologias digitais que ficaram evidenciados nesse período e que precisam ser discutidos e sanados posteriormente, que são: falta de preparo do sistema educacional brasileiro para dar apoio e orientações específicas sobre ensino online; necessidade de ferramentas digitais e despreparo para casos de contingência, professores sem capacitação e ferramentas necessárias em casa; desconhecimento dos princípios de educação online, falta de equidade de oportunidades (alunos em condições desiguais), alunos com dificuldade de adaptação ao estudo em casa com uso de tecnologias, falta de espaço físico, falta de conhecimento digital, sentimento de solidão (falta dos colegas), problemas financeiros dos pais, metodologias de aulas em web conferência com exposição de conteúdos e atividades avaliativas em excesso e os pais sobrecarregados com dificuldades em acompanharas atividades online dos filhos (ibidem).

Um aspecto positivo é o retorno ao debate sobre a integração de tecnologias digitais na educação, o redesenho curricular como proposta futura e a abertura de propostas metodológicas outras como metodologias ativas e o ensino híbrido (ibidem).

Sobre a formação do professor, algumas lições também foram aprendidas. Antônio Nóvoa (2014 apud ibidem) reflete sobre o papel do educador na contemporaneidade: “Os professores são a peça central de qualquer mudança, mas não podemos exigir-lhes tudo e dar-lhes quase nada” (NÓVOA, 2014, p. 1 apud ibidem, p. 11) acrescentando a necessidade de uma revolução na formação dos professores “não podemos continuar a reproduzir e a justificar modelos escolares e pedagógicos que fazem parte de um tempo que já não é o nosso, que se dirigem a jovens que já não pensam, nem agem, nem aprendem como nós” (NÓVOA, 2014, p. 1).

A situação vivida durante a pandemia permitiu a criação de novos vínculos entre escola, alunos e professores, tornando a relação mais próxima e afetiva, que ultrapassa espaços físicos (EDUCAÇÃO, 2021).

As novas metodologias utilizadas no ensino remoto aproximaram alguns educandos menos interessados nas aulas presenciais (ibidem).

A aproximação da relação entre professor e alunos e suas realidades trouxe um olhar diferente sobre o aspecto aprendizagem, fazendo com que os educadores pudessem traçar estratégias que alcançassem a todos de forma melhor e mais igualitária (ibidem).

Considerações finais

A pandemia foi e permanece sendo um divisor de águas no processo educativo e na educação brasileira.

Diante da implementação e permanência, em alguns casos, do ensino remoto em caráter emergencial, e seus impactos na educação, pode-se dizer que muitos desafios foram enfrentados e permanecem sendo e muitas lições foram aprendidas nesse aspecto.

As discussões e debates a respeito de tecnologias digitais são prevalentes assim como a garantia de equidade para o corpo estudantil e mudanças na formação de professores.

Portanto, a pandemia da Covid-19 transformou a forma de pensar, de ser, de ensinar e aprender em caráter mundial, atingindo todos negativamente, porém trazendo mudanças transformadoras fundamentais.

Referências

ALVES, Elaine Jesus; FARIA, Denilda Caetano de. Educação em tempos de pandemia: lições aprendidas e compartilhadas. Pdf. **Revista Observatório**. Vol. 6, n. 2, p. 1-18, Abril-Junho. 2020.

COSTA, Antônia Erica Rodrigues; NASCIMENTO, Antônio Wresley Rodrigues do. Os desafios do ensino remoto em tempos de pandemia no Brasil. Pdf. **Anais CONEDU**, Maceió, 2020. Disponível em:<https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2020/TRABALHO_EV140_MD4_SA19_ID6370_30092020005800.pdf>. Acesso em: 09 de novembro de 2021.

DUARTE, Michael de Quadros et al. COVID-19 e os impactos na saúde mental: uma amostra do Rio Grande do Sul, Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 25, p. 3401-3411, 2020.

EDUCAÇÃO, **Ensino remoto e a escola: lições que são aprendidas e laços que são fortalecidos, diariamente, apesar da distância do espaço físico**. Educação.mg.gov.br. 15/03/2021. Disponível em:<<https://www2.educacao.mg.gov.br/component/gmg/story/11289-ensino-remoto-e-a-escola-licoes-que-sao-aprendidas-e-lacos-que-sao-fortalecidosdiariamente-apesar-da-distancia-do-espaco-fisico>>. Acesso em: 09 de novembro de 2021.

LAKATOS. Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010. SOARES, TércilaLorraine Fernandes de Souza; SANTANA, Ícaro Silva de; COMPER, Maria Luiza Caires. Pdf. **Dialogia**, nº 36, p. 35-48, São Paulo, set./dez. 2020.

SOUZA, Dominique Guimarães de; MIRANDA, Jean Carlos. Desafios da implementação do ensino remoto. **Boletim de conjuntura (BOCA)**.Pdf. Ano II, vol. 4, n. 11, p. 81-89, Boa Vista, 2020.

SOUZA, Elmara Pereira de. Educação em tempos de pandemia: desafios e possibilidades. Pdf. **Caderno de Ciências Aplicadas**. Ano XVII Volume 17 N° 30, p. 110-118, Bahia, jul./dez. 2020.

OS DESAFIOS DO TRABALHO DOCENTE E DISCENTE EM TEMPOS DE ISOLAMENTO SOCIAL

Lana Cristina de Almeida Silva

Introdução

Desafio foi a palavra que marcou a trajetória de muitos educadores e estudantes no ano de 2020 marcado pelo COVID-19. A doença que assola o mundo trouxe consequências catastróficas para o Brasil que ultrapassa hoje a 659 mil mortes. Nosso país é o segundo país com mais casos e mortes por COVID-19 no mundo. A pandemia de coronavírus impactou o mercado de trabalho em geral, mas afetou principalmente os trabalhadores informais e baixa escolaridade.

O levantamento realizado pelo Ibre/FGV (Instituto Brasileiro de Economia) é uma unidade da Fundação Getúlio Vargas, criado em 1951 tem por missão pesquisar e analisar estatísticas mostrou que a redução do emprego foi significativamente maior no entre brasileiros que possuem poucos anos de estudo ou não chegaram a concluir o ensino médio e sinaliza que este grupo também deverá ser o mais prejudicado no pós-pandemia, ou seja, não só no campo da educação, mas também no campo econômico e social trouxe grandes perdas. Completamos em março de 2021 um ano praticamente sem atividades presenciais, sendo o trabalho realizado remotamente. Neste contexto pandêmico observamos muitos movimentos entre professores e estudantes com as novas demandas que exigiram esforços fora da rotina usual onde a comunidade escolar foi obrigada a se adaptar e a aprender a lidar com as tecnologias digitais.

O trabalho docente teve que se reconfigurar rapidamente. Ficou evidente a pobreza dos docentes e discentes com a falta das ferramentas digitais para o ensino fora da sala de aula presencial. Viu-se que a comunidade escolar não estava preparada para novas demandas e que os professores sem equipamentos tecnológicos adequados tiveram que se adaptar rapidamente, não somente a um novo método de aula virtual devido ao afastamento social, mas também a ensinar e aprender dentro do novo modelo de educação mediada pela tecnologia.

A falta de acesso aos recursos diversos disponíveis de forma online e de ferramentas necessárias do trabalho remoto ficou evidente, além de ter que aprender a usar as ferramentas disponíveis. Todos que puderam, se apropriaram com melhores aparelhos para atender a nova demanda educacional. A justificativa do presente trabalho é destacar as diferenças sociais no contexto escolar diante da pandemia e como a comunidade escolar realiza seu trabalho docente diante dos desafios encontrados. O COVID -19 acirrou as desigualdades sociais e trouxe à tona um número consideráveis de “invisíveis”, ou seja, sujeitos empobrecidos que estão ou estavam sem o amparo do Estado. Eram “invisíveis” para o setor público, mas muito visíveis para os regentes e para toda comunidade escolar. Com muitas mortes e muitos contaminados as consequências não apenas da doença, mas com seus impactos como a perda de emprego e renda foi gigante dentro deste contexto pandêmico.

O Brasil teve acesso ao quantitativo de pessoas que não têm conta em banco, que estão sem acesso regular à internet e ainda com o CPF (Cadastro de Pessoa Física) inativo sendo estes, milhões de pessoas segundo o Governo Federal. Alguns simplesmente sem documentação e/ou conta bancária, inexistindo para o sistema de informação. O Governo Federal concedeu o benefício do auxílio emergencial inicial de R\$ 600,00 que auxiliou no enfrentamento à crise causada pela pandemia. Foi quando foi descoberto 46 milhões de brasileiros segundo a Ibre/FGV, que não receberam a verba por não estarem enquadrados nas regras para ser beneficiário. Destaca-se que são ou estão os desempregados, são os autônomos e

trabalhadores informais sem renda que não constam no cadastro federal. Durante o governo de Fernando Henrique Cardoso em 24 de outubro de 2001, por meio do decreto nº 3.887 foi criado o Cadastramento Único para Programas Sociais do Governo Federal.

O Cadastro Único ou CadÚnico tem como objetivo identificar e caracterizar as famílias brasileiras em situação de pobreza e extrema pobreza por meio de dados fornecidos pela população. É coordenado pelo Ministério da Cidadania e, no Distrito Federal, pela Secretaria de Desenvolvimento Social (Sedes). É por meio deste cadastramento que é feita a seleção e inclusão dos estudantes que recebem o benefício do PBF (Programa Bolsa Família) que beneficia as famílias dos estudantes brasileiros. Neste contexto, o presente artigo tem como objetivo destacar os desafios encontrados pela comunidade escolar na realização do trabalho realizado diante da pandemia do COVID-19 com o intuito de dar visibilidade aos sujeitos envolvidos neste artigo. Demonstrar o espírito combativo dos educadores e os desafios encontrados nesse período letivo de 2020 a 2021.

Materiais e métodos

Este trabalho realizado buscou analisar com pesquisa quantitativa de cunho exploratória na grande Vitória, ES. Observou-se que a comunidade escolar local do ensino fundamental I e II observou a comunidade escolar local do ensino fundamental I e II no contexto da desigualdade social acirrada pela pandemia do COVID – 19 a fim de analisar e identificar os desafios encontrados por docentes e discente, buscou compreender quem são, onde estão e como estão estes sujeitos pesquisados diante das desigualdades sociais, bem como descrever como foi realizado o ensino presencial e remoto pós pandemia entre o ano letivo de 2020 a 2021.

Destaca-se que a falta de recursos tecnológicos não é o único fator relevante a ser considerado neste período de pandemia. Há que se considerar as dificuldades de estabelecer uma rotina de aprendizagem em casa diferente de estar nas escolas daquela encontrada em casa. A prática pedagógica neste caso exigiu e exige

um acolhimento e um acompanhamento específico no ensino presencial e remoto onde o estudante se torna o protagonista do processo ensino aprendizagem e que o professor é a ponte que liga e incentiva propondo atividades com o uso das tecnologias digitais.

As famílias não compreendem as novas rotinas escolares do trabalho em casa com atividades remotas. A maioria não domina o uso das plataformas educacionais digitais, possuem celulares que não comportam espaço digital para a realização das tarefas diversas e não possuem computadores e notebook. Usam apenas os celulares para enviar e receber mensagens pelo WhatsApp e redes sociais. Destaca-se que grande parte deste coletivo, tem um único celular para a família toda com rede móvel de celular, ou seja, sem WI FI sendo este grupo inserido no contexto da pobreza ou pobreza extrema.

O Ibre/FGV investigou o impacto da pandemia foi maior entre os menos escolarizados. Em 2020, a taxa de desemprego média anual foi de 13,5%, a maior da série iniciada em 2012. Segundo o IBGE, o contingente de desalentados aumentou em 16,1% em relação a 2019, chegando a 5,5 milhões de pessoas no Brasil. Segundo os dados da PNAD, 2020 teve 25 mil desempregados a mais que em 2019. O número de pessoas empregadas também teve uma redução, passando de 1.922.000 (2019) para 1.809.000 (2020). Foram 113 mil ocupadas a menos no Estado. A pesquisa mostrou ainda que 1.279.000 capixabas estão fora da força de trabalho. O desemprego no Espírito Santo atingiu a segunda maior média anual em 2020 desde o início da série histórica em 2012, afetando 263 mil pessoas.

Estes dados fazem parte da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua Retrospectiva (Pnad), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). De acordo com a pesquisa, o número de desalentados - aqueles que desistiram de procurar emprego - foi de 52 mil pessoas, 15 mil pessoas a mais que em 2019. No início da pandemia, o Estado do Espírito Santo tinha 14 mil desalentados. Hoje, maio de 2021 ainda, não temos dados atualizados da Grande Vitória, ES.

A pesquisa mostrou ainda que 1.279.000 capixabas estão fora da força de trabalho. Esse é o maior valor da série histórica. Segundo Gil (2019) as pesquisas exploratórias têm como propósito proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses. Para tanto, optou-se por demonstrar os métodos descrevendo as ações realizada com a finalidade de cada proposta realizada pela escola durante a pandemia do COVID – 19 na grande Vitória, ES. Cada escola optou por realizar as tarefas de acordo com o currículo escolar e usando a melhor ferramenta digital ou impressa. De acordo com o perfil e realidade de cada estudantes.

Para o desenvolvimento do trabalho, buscou realizar o levantamento de ações a fim de conhecer os dados que se destacaram durante o trabalho pedagógico. As atividades e estudos escolares não presenciais poderão fazer uso dos seguintes recursos: orientações impressas, estudos dirigidos, quizzes, plataformas virtuais, correio eletrônico, redes sociais, chats, fóruns, diário eletrônico, videoaulas, audiochamadas, videochamadas e outras assemelhadas, garantindo a autonomia das mantenedoras e unidades escolares do Sistema Municipal de Ensino da grande Vitória, ES.

Apresentação de discussão de resultado

Observou-se que o regente foi e é o mediador nesse processo de ensino em tempos pandêmicos. Atuou em diversas e distintas funções, tendo inclusive trabalhado na busca ativa que foram e são realizadas com comunicações permanentes para saber como e onde estão os estudantes. Esta busca permite identificar e saber como estão todos com o objetivo de manter o vínculo do estudante com a escola. Foi a ponte, respeitando as individualidades dos discentes. Buscou ampliar o repertório de habilidades dos estudantes de acordo com seus interesses e necessidades, integrando, deste modo, as áreas de conhecimento e práticas articuladas para desenvolvimento do ensino presencial, híbrido e remoto. As atividades e estudos escolares não presenciais utiliza

dos seguintes recursos: orientações impressas, estudos dirigidos, quizzes, plataformas virtuais, correio eletrônico, redes sociais, chats, fóruns, diário eletrônico, videoaulas, audiochamadas, videochamadas e outras assemelhadas, garantindo a autonomia das mantenedoras e unidades escolares do Sistema Municipal de Ensino da grande Vitória, ES.

Destaca-se que as atividades estão amparadas pela LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9.394/96). A lei geral da educação reconhece a necessidade de haver adaptações nos calendários, em função eventos externos à escola, como é o caso da COVID-19. Porém, há a responsabilidade de entrega do mínimo de 800 horas previstas em lei. Assim, toda adaptação curricular é prevista em lei, desde que haja o cumprimento do mínimo de horas letivas. Outro trecho que merece destaque é o artigo 23, parágrafo 2º que diz que o calendário escolar deve adequar-se às peculiaridades locais, inclusive climáticas e econômicas, a critério do respectivo sistema de ensino, sem com isso reduzir o número de horas letivas previsto nesta Lei. No artigo 32, parágrafo 4º diz que o Ensino Fundamental será presencial, sendo o ensino a distância utilizado como complementação da aprendizagem ou em situações emergenciais.

Na obra intitulada *Saberes Docentes e Formação Profissional*, Maurice Tardif discorre a respeito dos saberes quatro saberes docentes identificando-os saberes como: da formação profissional, os disciplinares, os curriculares e, por fim, os experienciais, ou seja, o saber do docente é plural e também merece um olhar amoroso pois tem a função social de desenvolver potencialidades físicas, cognitivas e afetivas capacitando os estudantes para o exercício pleno da cidadania mas também é o ser que merece não apenas formação mas atenção e cuidados.

É com o olhar do educador que a escola percebe a necessidade de cada estudante, o que cada um aprendeu e o que decodificou para consolidar o ensino aprendizagem. É preciso um olhar treinado como sugere Freire:

O meu bom senso me adverte de que há algo a ser compreendido no comportamento de Pedrinho, silencioso, assustado, distante, temeroso, escondendo-se de si mesmo. O bom senso me faz ver que o problema não está nos outros meninos, na sua inquietação, no seu alvoroço, na sua vitalidade. O meu bom senso não me diz o que é, mas deixa claro que há algo que precisa ser sabido. Esta é a tarefa da ciência que, sem o bom senso do cientista, pode se desviar e se perder. (FREIRE, 1996, p. 70).

É necessário diante do quadro mundial, não só conhecer “Pedrinho”, mas conhecer sua família, sua comunidade e o contexto em que ele vive, com empatia, para enfim trabalhar com a comunidade escolar. É importante ter o domínio das relações pessoais para atuar com sensibilidade e olhar treinado. A escola realiza este trabalho, atua buscando melhorar a autoestima dos estudantes. Para alguns, a escola é o único espaço de apoio, de acolhimento e alimentação.

Conclusão

Este trabalho identificou que são muitos os desafios encontrados pela comunidade escolar na realização do trabalho pedagógico realizado durante da pandemia do COVID-19. Foi possível observar o aumento de número de famílias com necessidades básicas, sem renda que perderam empregos. A escola ainda não tem dados computados, mas observa que a maioria dos estudantes não possuem o básico para a sobrevivência e muito menos recursos financeiros para participarem das aulas online propostas pela secretaria de educação da grande Vitória, ES.

São muitos desafios encontrados pela comunidade escolar na realização do trabalho pedagógico realizado na pandemia do COVID-19 período letivo de 2020 a 2021. A educação é um ato político que liberta os indivíduos por meio da consciência crítica. Sabe-se que educar e ensinar são atos humanos, e como tais, carregados de sentido e valor. A escola vem promovendo as ações pedagógicas, organizando os currículos e disciplinas,

selecionando conteúdos, metodologias, avaliações e vivências escolares visando por uma sociedade democrática, mais justa e igualitária dentro do que é possível realizar. A maioria dos educadores utilizando dos recursos próprios para garantir a aprendizagem dos estudantes. A educação transformadora e diferencial emerge como uma prática de liberdade.

O presente trabalho indica que há um percentual considerável de estudantes e professores que necessitam de apoio tecnológico, com equipamentos e com acesso à internet apropriados. Que sem apoio do Estado a escola pública não caminhará. É necessário equipar as escolas, equipar os docentes e discentes para a necessidade do momento atual para o enfrentamento da COVID – 19.

Os docentes e discentes necessitam da ação do Governo Federal não apenas com a vacina o mais rápido possível para todos, mas o apoio com recursos pedagógicos apropriados que atendam a nova demanda para o desenvolvimento das atividades escolares, sendo este o maior desafio encontrado durante a pandemia.

Referências

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

LEITE, Tainara Cristiane et al. Impactos socioeconômicos provocados pela Pandemia da COVID-19 na Fronteira da Paz-Santana do Livramento/RS/Brasil. **Anais do Salão Internacional de Ensino, Pesquisa e Extensão**, v. 13, n. 3, 2021.

SOBRINHO, Me Raphael José Bicudo Pereira et al. A COVID-19 E A ECONOMIA BRASILEIRA EM DEPRESSÃO. **Revista Estudos e Negócios Academics**, v. 1, n. 1, p. 13-22, 2021.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

A UTILIZAÇÃO DOS RECURSOS FEDERAIS NO PERÍODO PANDÊMICO

Sabrina da Silva Menezes
Viviani de Sá Merísio

Introdução

A educação é um direito de todos, previsto na Constituição Federal em seu artigo 205, porém mediante a pandemia COVID - 19, que atingiu o país em março de 2020, as atividades escolares foram suspensas como medida de segurança.

Diante do exposto torna-se necessário a adequação do espaço escolar, segundo protocolo de segurança para o retorno às atividades presenciais. Para tanto o Ministério da Educação (MEC) através do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) dispõem um aporte financeiro destinado à execução nos moldes do Programa Dinheiro Direto na Escola – PDDE Emergencial instituído para o provimento das necessidades prioritárias dos estabelecimentos de ensino, em função da calamidade provocada pela pandemia COVID-19, destinando tal recurso para adequação das estruturas e aquisição de materiais necessários para seguir o protocolo de segurança, com vistas à reorganização do calendário escolar

Esse estudo tem como objetivo aprimorar o conhecimento acerca da utilização do PDDE- Emergencial, destacando-o como Recurso Federal excepcional no contexto da situação de calamidade provocada pela Pandemia COVID-19, buscando preparar as escolas para o retorno das atividades escolares presenciais.

Metodologia

A metodologia utilizada para realizar esse trabalho foi à pesquisa bibliográfica, com a análise de literatura já publicada em artigos, periódicos, publicações em congressos, selecionadas através de bases de dados como: Scielo, Periódicos Capes e Google Acadêmico.

Considerando os temas quem envolvem a problemática do trabalho como: Pandemia, Programa Dinheiro Direto na Escola (PDDE) e PDDE – Emergencial.

Desenvolvimento

A Pandemia COVID 19

Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), pandemia é “disseminação mundial de uma nova doença e o termo passa a ser usado quando uma epidemia, -surto que afeta uma região- se espalha por diferentes continentes com transmissão sustentada de pessoa para pessoa”. A COVID-19 foi declarada pandemia pela Organização Mundial de Saúde em 11 de março de 2020.

Para tanto, algumas medidas foram adotadas, e o Ministério da Educação (MEC) elaborou um Guia de Implementação de Protocolos de Retorno das Atividades Presenciais nas Escolas de Educação Básica. O documento foi produzido pelas Secretarias de Alfabetização, de Educação Básica de Modalidades de Educação e oferece informações para que as redes Estaduais e Municipais possam se preparar para um retorno seguro.

De acordo com o referido guia, as medidas sociais em saúde, bem como medidas gerais para a escola independentes da fase da Covid-19 se refere a cuidados com a saúde de todos:

- 1-Usar máscara obrigatoriamente;
- 2-Cobrir nariz e boca com lenço ou com o braço, e não com as mãos, nos casos de tosse e espirros;

- 3-Lavar frequentemente as mãos até altura dos punhos, com água e sabão ou higienizar com álcool em gel 70%;
- 4-Não cumprimentar com aperto de mãos, beijos e abraços;
- 5-Respeitar o distanciamento de pelo menos 1 metro;
- 6-Não compartilhar objetos de uso pessoal, como copos e talheres, nem materiais didáticos, brinquedos ou jogos;
- 7-Priorizar, sempre que possível, refeições empratadas em vez do autosserviço; no caso de refeitórios que possuem balcão de serviço, do tipo bufê, com serviço realizado por funcionário, é recomendável a instalação de barreira física que impeça a contaminação dos alimentos e utensílios por gotículas de saliva;
- 8-Não compartilhar celulares, assim como evitar seu uso em ambientes sociais, cuidando de higienizar frequentemente os aparelhos.

Mediante essas medidas adotadas, visando o cumprimento dos protocolos de segurança, torna-se evidente que as Unidades Escolares desenvolvam os procedimentos necessários para o retorno das atividades pedagógicas presenciais.

A Pandemia e a escola

A escola é um espaço coletivo, por isso com a pandemia, seguindo os protocolos de segurança para evitar a disseminação do vírus, as aulas presenciais foram suspensas, interrompendo as atividades pedagógicas, e de acordo com o MEC:

A retomada das aulas presenciais se faz necessário pela importância da educação escolar para o desenvolvimento intelectual, social e emocional das crianças, dos jovens e das famílias. Neste sentido, é necessário preparar a comunidade escolar (alunos, professores, gestores, família e entorno escolar) para novas práticas a partir das perspectivas científicas sobre os cuidados de prevenção, promoção e reabilitação em saúde. (Brasil,2020)

O Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) de acordo com pesquisa realizada sobre os impactos na educação decorrentes da pandemia de COVID-19,

destaca o percentual de escolas que não retornou às atividades presenciais no ano letivo de 2020. 98,4% Federal, 97,5% Municipal, 85,9% Estadual e 70,9% Privadas.

Os resultados também são importantes para elaborar estratégias e políticas para o enfrentamento dos impactos da crise sanitária no ensino e na aprendizagem para o Secretário de Educação Básica do Ministério da Educação (SEB/MEC) Mauro Luiz Rabelo destacou:

O trabalho da SEB em conjunto com o Conselho Nacional de Educação (CNE) para elaboração de diretrizes e a criação de um protocolo de biossegurança para o retorno às aulas presenciais, além da destinação de recursos no âmbito do Programa de Inovação Conectada via Programa Dinheiro Direto na Escola Emergencial (PDDE). A partir dessa iniciativa, foram destinados mais de R\$ 672 milhões às escolas para a aquisição de insumos no retorno às atividades presenciais. (Brasil, 2020)

Para tanto, os Recursos Federais tornam-se indispensáveis para contribuir de maneira significativa tanto para o enfrentamento da pandemia, quanto para o retorno das aulas presenciais.

O Programa Dinheiro Direto na Escola (PDDE)

Criado em 1995, o Programa Dinheiro Direto na Escola (PDDE) tem por finalidade prestar assistência financeira para as escolas, em caráter suplementar, a fim de contribuir para manutenção e melhoria da infraestrutura física e pedagógica, com consequente elevação do desempenho escolar. Também visa fortalecer a participação social e a autogestão escolar.

Conforme Resolução nº 15, de 16 de setembro de 2021, que estabelece no capítulo II, da definição do PDDE e seus beneficiários em seu Art.2º O Programa Dinheiro Direto na Escola – PDDE consiste na destinação anual, pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação – FNDE, de recursos financeiros, em caráter suplementar, as escolas públicas estaduais, municipais e distritais da educação básica, as escolas de educação especial

qualificadas beneficentes de assistência social ou de atendimento direto e gratuito ao público, com o propósito de contribuir para o provimento das necessidades prioritárias dos estabelecimentos educacionais beneficiários que concorram para a garantia de seu funcionamento e para a promoção de melhorias em sua infraestrutura física e pedagógica, bem como incentivar a autogestão escolar e o exercício da cidadania com a participação da comunidade no controle social.

Art.4º Os recursos do PDDE e Ações Integradas destinam-se à cobertura de despesas de custeio, manutenção e pequenos investimentos que concorram para a garantia do funcionamento e melhoria da infraestrutura física e pedagógica dos estabelecimentos de ensino beneficiários, devendo ser empregados:

I - Na aquisição de material permanente;

II - Na realização de pequenos reparos, adequações e serviços necessários à manutenção, conservação e melhoria da estrutura física da unidade escolar;

III - Na aquisição de material de consumo;

IV - Na avaliação de aprendizagem;

V - Na implementação do projeto pedagógico; e

VI - No desenvolvimento de atividades educacionais;

O programa engloba várias ações que possuem finalidades e públicos-alvo específicos, embora a transferência e gestão dos recursos sigam os mesmos moldes operacionais do PDDE.

As Ações Agregadas estão agrupadas em diferentes tipos de contas da seguinte forma:

Eixo	Ação Agregada
PDDE Qualidade	Emergencial
	Educação Conectada
	Novo Ensino Médio
PDDE Estrutura	Água e Esgotamento Sanitário
	Escola Acessível

O PDDE –Emergencial e o Inovação Educação Conectada (PIEC), estão inseridos no eixo do PDDE Qualidade.

PDDE- Emergencial

O Programa PDDE Emergencial foi criado em 2020, em caráter excepcional, para atender as escolas públicas das redes estaduais, municipais e distrital, da educação básica, para auxiliar nas adequações necessárias, segundo protocolo de segurança para retorno às atividades presenciais, no contexto da situação de calamidade provocada pela pandemia de Covid – 19.

Art.2º Os recursos transferidos à conta do PDDE Qualidade, a título emergencial, destinam-se à cobertura de despesas de custeio e capital, de forma a contribuir, supletivamente, para a manutenção física e pedagógica dos estabelecimentos de ensino, adequando as estruturas e adquirindo materiais necessários para manter o protocolo de segurança das respectivas redes educacionais, com vistas à consecução dos objetivos de recondução e promoção da normalidade do ambiente escolar. (BRASIL,2020)

Os recursos financeiros deste programa serão repassados para cobertura de despesas de custeio e capital, de acordo com a Resolução nº16 de 07 de outubro de 2020 devendo ser empregados:

I-Na aquisição de itens de consumo para higienização do ambiente e das mãos assim como na compra de Equipamentos de Proteção Individual, com o objetivo de prevenir o contágio dos profissionais da escola bem como os alunos neste momento de pandemia;

II-Na contratação de serviços especializados para desinfecção de ambientes;

III-Na realização de pequenos reparos, adequações e serviços necessários à manutenção dos procedimentos de segurança para tramitação dentro das dependências da unidade escolar;

IV-No gasto com acesso e/ou melhoria de acesso à internet para alunos e professores; e

V-Na aquisição de material permanente. (BRASIL, 2020)

O recurso para cada escola foi distribuído obedecendo o percentual de 70% para custeio e 30% para capital para ser utilizado

nas adaptações que permitam que a escola cumpra os protocolos de retorno às atividades presenciais.

Programa Inovação Educação Conectada (PIEC)

O Programa de Inovação Educação Conectada (PIEC) tem como objetivo universalizar a conexão de banda larga das escolas públicas brasileiras de Ensino Fundamental e Médio, permitindo o amplo acesso de alunos e professores à internet de alta velocidade, recursos didáticos de qualidade e formações para práticas pedagógicas com tecnologia.

De acordo com a Resolução Nº 9, de 13 de abril de 2018 que autoriza a destinação de Recursos Financeiros, nos moldes operacionais e regulamentares do Programa Dinheiro Direto na Escola – PDDE, por intermédio das Unidades Executoras Próprias – Uex das escolas públicas Municipais, Estaduais e Distritais selecionadas no âmbito do Programa de Inovação Educação Conectada, para apoiá-las na inserção da tecnologia como ferramenta pedagógica de uso cotidiano.

A Inovação Educação Conectada é um Programa desenvolvido pelo Ministério da Educação – MEC que visa à incorporação da tecnologia e inovação, conforme a estratégia 7.15 do Plano Nacional de Educação – PNE, aprovado pela lei Nº 13005 de 25 de junho de 2014 que prevê a universalização do acesso à internet em alta velocidade e fomentar o uso pedagógico de tecnologias digitais na Educação Básica; Congruente a 5ª competência geral da Base Nacional Comum Curricular-BNCC, que estabelece a utilização de tecnologias digitais de comunicação e informação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética, inclusive nas práticas escolares, ao ser comunicar, acessar e disseminar, informações produzir conhecimentos e resolver problemas.

De acordo com o Instituto Nacional de Estudos Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – INEP na Educação Infantil, na rede municipal a internet está presente em 66,2% das escolas. No Ensino

Fundamental, esta é a que menos dispõe de recursos tecnológicos, como a lousa digital (9,9%), projetor multimídia (54,4%), computador de mesa ou portátil (23,8%) para os alunos ou mesmo a internet disponível para o uso dos estudantes (23,8%). A disponibilidade de recursos tecnológicos nas escolas estaduais de Ensino Médio é maior do que nas do Ensino Fundamental: 80,4% das unidades têm internet banda larga e o percentual de computadores de mesa para alunos é de 79,3% (Censo Escolar 2020).

Para tanto ainda é necessário que todos os educandos tenham acesso à tecnologia, pois para Moran (2012) “os alunos sem acesso contínuo às redes digitais estão excluídos de uma parte importante da aprendizagem atual”. Principalmente com novo formato que a educação fez adesão mediante a Pandemia com o ensino remoto e híbrido.

Considerações finais

A Pandemia trouxe muitas mudanças inclusive na escola, tornou-se necessário adequações, principalmente no espaço escolar para proporcionar o retorno das aulas presenciais possível e de maneira segura. Para tanto a inserção de Recursos Federais como PDDE – Emergencial e o PIEC através de aporte financeiro para as unidades escolares vem agregar significativamente esta retomada.

Considerando que a escola é um espaço importante para o desenvolvimento dos educandos, no que diz respeito aos aspectos intelectuais, sociais, emocionais e principalmente de aprendizagens. Por isso a relevância de melhorar tal espaço, buscando seguir todos os protocolos exigidos pela OMS, para continuar o desenvolvimento das atividades pedagógicas neste contexto.

Com isso, é notória a preocupação em relação a saúde dos educandos e para reestabelecer a rotina escolar com situações de aprendizagens inéditas, tornando a escola um lugar seguro e adequado para o desenvolvimento integral da criança.

Referências

- Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação Câmara de Educação Básica. **Resolução nº 15**, de 16 de setembro de 2021. Disponível em: <<http://www.fnde.gov.br/index.php/rock-res2010/4766-res01913072010anexo01/download>>. Acesso em 10 de nov.2021
- Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação Câmara de Educação Básica. **Resolução nº 16**, de 07 de outubro de 2020. Disponível em: <<http://www.fnde.gov.br/index.php/rock-res2010/4766-res01913072010anexo01/download>>. Acesso em 12 de nov.2021
- Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação Câmara de Educação Básica. **Resolução nº 15**, de 16 de setembro de 2021. Disponível em: <[http://www.gov.br/mec/pt-br/assuntos/Guia de retornodasAtividadesPresenciaisnaEducaoBsica.pdf](http://www.gov.br/mec/pt-br/assuntos/Guia%20de%20retornos%20das%20atividades%20presenciais%20na%20educa%20bsica.pdf)>
- _____. **Lei Federal 13.005**, de 25 de junho de 2014. Aprova o Plano Nacional de Educação - PNE e dá outras providências. Brasília, DF, 25.
- BRASIL, **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, 2016. Disponível em : http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao.htm . Acesso em 04 out.2021.
- BRASIL, **Lei de Diretrizes e Bases da Educação**. Brasília: SEF, 1996.
- BRASIL, **Boletim informativo nº 2** – Edição 13, ano 5, Brasília, outubro de 2020;
- INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). Censo Escolar, 2020. Brasília: MEC, 2021
- MORAN, José Manuel. **A educação que desejamos: Novos desafios e como chegar lá/ 5ª ed.** – Campinas, SP: Papirus, 2012.

O ENSINO DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR NA PANDEMIA

Lucélia Aparecida Jagobucci

Introdução

Esse capítulo tem como objetivo transcorrer sobre um tema muito atual e relevante, que é o ensino da Educação Física Escolar na Pandemia.

A vida de muitos professores mudaram nessa Pandemia, mas a vida daqueles professores que tinham um apito, uma quadra, alguns tipos diferentes de bolas, cordas, cones, bambolês, jogos, raquetes, enfim só de ler essa descrição, já se consegue identificar de quais professores estamos falando, ou seja, dos professores de Educação Física mudaram mais ainda.

No entanto, nem eles e nem ninguém em qualquer parte do Mundo, havia pensado ou até imaginado, que um dia poderíamos passar por uma Pandemia e que as aulas de Educação Física Escolar virariam virtuais. Isso mesmo, aulas de Educação Física Escolar, fora da quadra, fora da escola e em um ambiente virtual.

Mas isso aconteceu, não podemos dizer que infelizmente, pois de tudo se pode e deve-se tirar um lado bom. Mas, o fato é que em março de 2020, o Mundo vivenciou o início de tudo isso e até hoje a Educação Física Escolar, vem tentando se adaptar a essa nova forma de aula, antes virtual e agora adaptando suas atividades, onde muitas delas envolve o contato, com o distanciamento que se faz necessário, sem a utilização de alguns instrumentos e materiais básicos de trabalho, devido à Pandemia da Covid-19.

Sabe-se que todos os professores, tiveram que se reinventar e adaptar suas atividades presenciais de forma remota, que muitos

tiveram que passar por formações tecnológicas e reaprender a ensinar, isso mesmo, reaprender a ensinar o que antes já estava de modo automático, além de aprender a manusear as ferramentas disponíveis. Para alguns professores, isso foi um verdadeiro desafio, pois estavam acostumados há anos a dar as mesmas aulas, mesmo sabendo que os alunos não eram e não são mais os mesmos e com isso, se adaptar as mudanças e aprender a manusear a tecnologia disponível e imposta, ficou muito difícil. Já para outros professores, mais adeptos a uma Educação tecnológica e interativa, a adaptação e adequação das aulas ocorreu de uma forma mais tranquila e rápida.

Mas como essa mudança afetou o ensino da Educação Física Escolar na Pandemia?

Talvez, até hoje muitas pessoas não pararam para pensar nisso, mas com certeza muitos passaram e vivem as sequelas dessas mudanças até hoje. Com isso, o intuito desse capítulo é mostrar os desafios encontrados e superados por essa disciplina tão importante dentro das unidades escolares.

O que é educação física escolar?

A Lei de Diretrizes e Bases (LDB), diz que a Educação Física é um componente curricular obrigatório na Educação básica, não deixando dúvidas sobre a importância da Educação Física escolar na formação dos alunos (Lei 9394/96).

De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a Educação Física é um componente curricular que tematiza as práticas corporais em suas diversas formas de codificação e significação social, entendidas como manifestações das possibilidades expressivas dos sujeitos, produzidas por diversos grupos sociais (BRASIL, 2017).

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), a Educação Física é uma concepção mais abrangente, que contempla todas as dimensões envolvidas em cada prática corporal, onde deve-se dar oportunidades a todos os alunos para que

desenvolvam suas potencialidades, de forma democrática e não seletiva, visando seu aprimoramento como seres humanos.

Já para Freire (2008), “a Educação Física é uma pedagogia, pois atuamos na área de educação quando agimos na escola, dando aulas. Que educação é essa? Todo professor, em toda disciplina, quando leciona, ensina a viver. Para aprender a viver, os alunos precisam incorporar recursos. Quando alguém aprende Matemática, supõe-se que, aprendendo matemática, ele poderá viver melhor, e isso é verdadeiro. Quando alguém aprende Educação Física, também, ou seja, quando alguém aprende a correr melhor, a saltar melhor, a andar melhor, a jogar, a se divertir, aprende com isso, coisas morais, afetivas, intelectuais e principalmente, expressividade motora, pode viver melhor. Resumindo, a Educação Física seria uma disciplina pedagógica que ensina as pessoas a viver corporalmente”.

Dessa forma, os autores citados concordam que a Educação Física é um Componente Curricular, que tematiza as práticas corporais em suas diversas formas de manifestação e possibilidades de expressão. E que ela deve ser uma ferramenta que dê a oportunidade a todos os alunos para desenvolver suas potencialidades, mas que não busque a especialização e sim a experimentação, sendo assim um elemento da Educação que utiliza as atividades físicas, como uma ferramenta educativa, abrangendo o aluno na sua totalidade.

Objetivos e conteúdos da educação física escolar

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases (LDB), a parte diversificada do currículo onde se inclui a Educação Física, definida em cada sistema de ensino, deverá estar harmonizada à Base Nacional Comum Curricular e ser articulada a partir do contexto histórico, econômico, social, ambiental e cultural (Lei 9394/96).

Segundo a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), nas aulas de Educação Física, as práticas corporais devem ser abordadas como fenômeno cultural dinâmico, diversificado,

pluridimensional, singular e contraditório, para assegurar aos alunos a construção e reconstrução de um conjunto de conhecimentos que permitam ampliar sua consciência a respeito de seus movimentos e dos recursos para o cuidado de si e dos outros e desenvolver autonomia, favorecendo sua participação de forma confiante e autoral na sociedade (BRASIL, 2017).

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), a prática da Educação Física na escola poderá favorecer a autonomia dos alunos para monitorar as próprias atividades, regulando o esforço, traçando metas, conhecendo as potencialidades e limitações e sabendo distinguir situações de trabalho corporal que podem ser prejudiciais.

A Educação Física enquanto componente curricular da Educação básica deve assumir então uma outra tarefa: introduzir e integrar o aluno na cultura corporal de movimento, formando o cidadão que vai produzi-la, reproduzi-la e transformá-la, instrumentalizando-o para usufruir do jogo, do esporte, das atividades rítmicas e dança, das ginásticas e práticas de aptidão física, em benefício da qualidade da vida. “A integração que possibilitará o usufruto da cultura corporal de movimento há de ser plena, é afetiva, social, cognitiva e motora. Vale dizer, é a integração de sua personalidade” (BETTI, 2002, p. 75).

Segundo Darido (2011), a Educação Física está inserida na área de linguagens, pois as práticas corporais presentes na cultura corporal de movimento se apresentam como textos culturais, permitindo produção, reprodução, leitura e interpretação. Os gestos constituem a linguagem corporal que possuímos e transformamos nos seios culturais, eles são responsáveis por expressar desejos, emoções, sentimentos e pela emissão e tradução de mensagens diversas.

Com base nos autores, o objetivo da Educação Física é de forma cultural e diversificada, assegurar e fomentar a construção de conhecimentos que agregue valores e amplie a consciência de movimentos, desenvolvendo a autonomia para tomada de decisões e resoluções de problemas, conhecendo limites e traçando objetivos. Formando um cidadão crítico e autônomo, que possa reproduzir, produzir, modificar e ampliar, dentro das diversas temáticas e possibilidades que envolvem a Educação Física, de

forma afetiva, social e motora. Sendo uma disciplina que através de práticas corporais, se expressa a linguagem corporal que pode ser modificada, expressando nossos valores, desejos, emoções, opiniões e sentimentos.

Já os conteúdos, são os meios pelos quais o aluno deve analisar e abordar a realidade de forma que, com isso, possa ser construída uma rede de significados em torno do que se aprende na escola e do que se vive. Desse modo, junto com considerações importantes como a relevância social do conteúdo é apontada a preocupação em se trabalhar com os conteúdos escolares nas três dimensões: atitudinal, conceitual e procedimental (BRASIL, 1998).

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), a Educação Física permite que se vivenciem diferentes práticas corporais advindas das mais diversas manifestações culturais, e que se enxergue como essa variada combinação de influências está presente na vida cotidiana. As danças, esportes, lutas, jogos e ginásticas compõem um vasto patrimônio cultural que deve ser valorizado, conhecido e desfrutado.

Dessa forma, os autores concordam que os conteúdos da Educação Física são divididos em: Brincadeiras e Jogos, Ginástica, Esportes, Danças, Lutas e Práticas Corporais de Aventura. Sendo essas temáticas enriquecedoras, se forem abordadas nas suas formas Conceitual, Procedimental e Atitudinal, ultrapassando assim, a prática de apenas ensinar uma modalidade ou esporte, incluindo os valores e os objetivos de cada atividade proposta nas aulas, para a formação de um cidadão crítico e autônomo.

As aulas remotas de educação física escolar

Sabe-se, que a Pandemia da Covid-19, chegou fazendo muitas vítimas, destruindo famílias com a perda de seus entes queridos e abalando o psicológico de muitas pessoas, devido às restrições impostas para a segurança das pessoas, a falta de leitos, de médicos e profissionais da saúde, o fechamento de escolas e o isolamento social para a diminuição do contágio.

Nesse período, que deu início em março de 2020, onde as escolas tiveram suas atividades interrompidas dentro das unidades escolares, nasceu a superação dos professores.

As aulas antes ministradas dentro das salas de aula ou nos espaços pertencentes a escola, foram tele transportadas para o mundo virtual e com isso os professores tiveram que se reinventar e adequar os espaços da sua casa, como sendo agora seu espaço escolar e de trabalho.

Com a Educação Física não foi diferente, professores antes adeptos a atividades práticas em quadra ou espaços abertos, tiveram que adaptar seus apartamentos ou pequenos espaços para continuar efetuando todos os dias seu trabalho e para isso eles tiveram que refletir e repensar sobre o papel da Educação Física Escolar, dentro das escolas.

Segundo Darido (2003), o papel da Educação Física ultrapassa o ensinar esporte, ginástica, dança, jogos, atividades rítmicas, expressivas e conhecimento sobre o próprio corpo para todos, em seus fundamentos e técnicas (dimensão procedimental), mas inclui também os seus valores subjacentes, ou seja, quais atitudes os alunos devem ter nas e para as atividades corporais (dimensão atitudinal). E, finalmente, busca garantir o direito do aluno de saber por que ele está realizando este ou aquele movimento, isto é, quais conceitos estão ligados àqueles procedimentos (dimensão conceitual).

Dessa forma, as aulas tiveram que ser elaboradas e repensadas dentro desse espaço disponível, sem perder sua essencial prática, mas aproveitando esse novo momento para ressaltar suas funções. E foi nesse momento, que muitos professores se alto conheceram como verdadeiros criadores de oportunidades e recicladores de atividades e ideias.

A busca pela inovação nas atividades online

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), afirma que a Educação Física oferece uma série de possibilidades para enriquecer a experiência das crianças, jovens e adultos, permitindo o acesso a um

vasto universo cultural, que compreende saberes corporais, experiências estéticas, emotivas, lúdicas e agonistas. Cada uma das práticas corporais tematizadas compõe uma das seis unidades temáticas, que são: Brincadeiras e Jogos, Esportes, Ginástica, Danças, Lutas e Práticas Corporais de Aventura, que devem ser abordadas ao longo do Ensino Fundamental (BRASIL, 2017).

Dessa forma, a Educação Física Escolar tem seu conteúdo dividido e baseado em temáticas, com isso, se faz necessário entender essas temáticas e desenvolver elas em consonância com o que cada série pede e esse foi um dos maiores desafios nos preparos das aulas. Pois, ao mesmo tempo que todas são importantes, muitas vezes no contexto escolar algumas são substituídas por outras de aplicação mais fáceis ou devido a motivos como, falta de estrutura e materiais disponíveis.

Infelizmente nesse momento, algumas foram priorizadas em detrimentos de outras, de uma forma que atendesse as necessidades atuais dos alunos e as possibilidades disponíveis pelos professores, neste atual cenário vivido. Com isso, pode-se observar o trabalho de mais de uma temática ao mesmo tempo e o uso de materiais antes desprezados durante as aulas presenciais.

Outro fator importante, que não podemos deixar de ressaltar é que muitas crianças das séries iniciais não sabiam ler e escrever, com isso houve e ainda há até hoje, a necessidade de atividades de cunho mais alternativo e de acordo com a realidade da comunidade onde a escola está inserida.

O resgate dos jogos e das brincadeiras com as famílias

Uma das temáticas mais trabalhada durante o período Pandêmico, foi a de jogos e brincadeiras. Ou seja, foi a forma encontrada pelos professores de Educação Física, de resgatar brincadeiras do contexto regional e comunitário, com a ajuda dos familiares do aluno, envolvendo assim a comunidade onde a escola está inserida, mesmo na situação de isolamento, onde cada um estava em sua casa.

Mas, o que são jogos e brincadeiras?

Segundo Schwartz (2006, P. 12), “o jogo é compreendido como uma brincadeira que envolve regras.”

De acordo com Ribeiro e Guaranha (2010, P. 121), “o que difere o jogo da brincadeira é o fato de existir um vencedor, tornando-se o jogo uma forma de competição.”

Para Wallon apud Mahoney e Almeida (2011), o jogo leva ao desenvolvimento da personalidade, onde a sensibilidade, a afetividade e a parte emocional estão presentes neste ato.

Já a brincadeira, de acordo com o dicionário de Língua Portuguesa (1993, P. 84), “é o ato ou efeito de brincar.”

Para Zatz; Zatz e Halaban (2006, P. 13), “a brincadeira é uma atividade inerente ao ser humano e durante a infância, ela desempenha um papel fundamental na formação e no desenvolvimento físico, emocional e intelectual do futuro adulto.”

Segundo Ribeiro e Guaranha (2010, P. 117), “brincar é uma atividade voluntária e muito prazerosa, acessível a todo ser humano, de qualquer idade, classe social ou condição econômica.”

Como podemos observar através dos autores, o brincar é um ato espontâneo, é algo que está na essência das crianças e que não tem idade, pois resulta no prazer, é prazeroso. Desde pequenas, elas brincam e não é novidade que o brincar é essencial para todas as crianças, por que é a partir do ato de brincar, que a criança se descobre e descobre o mundo à sua volta, aprendendo a interagir com ele. É brincando que a criança conhece o ambiente que a cerca e adquire confiança. Sendo assim, incentivar essa prática é essencial para a vida.

Dessa forma, de acordo com os autores as brincadeiras e o jogos, são atividades essenciais para o desenvolvimento integral de uma criança, abrangendo tanto o aspecto motor, quanto o intelectual e o social. A brincadeira, relaciona-se diretamente com a criança, visando apenas o brincar e faz com que ela realize descobertas do mundo que a cerca, e não se confundem com o jogo, uma vez que os jogos são atividades embasadas em regras próprias ou pré-determinadas, que necessitam ser seguidas para a sua realização, visando sempre um vencedor, enquanto que nas brincadeiras elas possuem apenas um caráter espontâneo e prazeroso.

Com isso, através da participação e do resgate dessas atividades propostas e com a interação das famílias, ajudando os alunos na confecção de brinquedos e na execução de brincadeiras em casa, se pode resgatar atividades do contexto comunitário e regional, onde muitas delas estavam adormecidas e esquecidas nas lembranças dos pais e responsáveis por esses alunos.

A tecnologia como aliada nas aulas de educação física

A tecnologia, foi outra forte aliada para desenvolver nas aulas as atividades propostas pelos professores. Infelizmente, ainda nos dias de hoje, muitos pais não sabem ler e escrever e com isso, não conseguiam ler as atividades enviadas pelos professores, através de apostilas para a casa dos alunos, ou seja, a maioria dos alunos das séries iniciais, não conseguiam realiza-las.

Foi nesse momento, que a tecnologia entrou como ferramenta de apoio pedagógico, onde através de mensagens e de vídeos autoexplicativos, gravados pelos professores via aplicativo de Whatsapp, auxiliaram para a realização e efetivação das tarefas.

Como muitos não sabiam ler, através da prática de explicar por áudios e vídeos nos grupos criados pelas escolas no Whatsapp, para contato com os alunos e por consequência com os pais, as atividades eram explicadas de uma forma simples e eles puderam assim entender melhor o que era para ser feito. Com isso, houve também um maior retorno dessas atividades e uma melhora representativa na devolução das apostilas e na aprendizagem, com mais entendimento por parte dos pais e dos alunos.

Outra ferramenta utilizada, foi adequar as atividades ao contexto da comunidade onde a escola estava inserida, ou seja, muitas delas tinham pouco acesso a computadores e apenas detinham do celular dos pais para realizar suas tarefas. Muitos pais, continuaram trabalhando, sendo assim, para ajudar os alunos, as atividades propostas foram planejadas para serem realizadas de forma que tivesse um cunho emocional.

Dessa forma, trabalhou-se as brincadeiras, e ao mesmo tempo o resgate de brincadeiras de seus próprios pais, assim pais e filhos se movimentariam em tempos de Pandemia e ficariam mais próximos e juntos para realizar essas atividades nesse período em que os alunos estiveram afastados de seus amigos, de seus professores e do ambiente escolar.

Outra atividade, antes pouco ou não vivenciada na escola, como o Just Dance foi explorada e trabalha como aliada a temática de dança, que muitas vezes é pouco abordada. Através do Just Dance, houve também a união das famílias, pois as atividades eram solicitadas como desafios aos alunos e podiam ser realizadas em duplas, trios e quartetos e claro, as tarefas sempre tinham que ser em conjunto com os pais, que tinham que gravar seus filhos, juntos com outros membros da família, realizando essas atividades dentro de casa, nesse momento de distanciamento e isolamento.

Com isso, a tecnologia entrou em ação mais uma vez, aliando a aula prática ao virtual e trazendo as aulas cada vez mais próximo da atual realidade dos alunos, que era em casa com seus familiares.

Aulas em páginas como liveworks e aplicativos como o TIKTOK, também foram disponibilizadas e usadas como ferramentas de apoio pedagógico, para entendimentos das características e tipos de esportes e suas especificidades de uma maneira mais dinâmica e divertida, ou seja, sendo abordada através de cruzadinhas, caça palavras e de atividades simples e de fácil resolução, se estes esportes eram coletivos, individuais, suas modalidades e seus principais equipamentos necessários, servindo assim também como ferramenta de avaliação de aprendizagem.

Em suma, ao mesmo tempo que se realizava e cumpria as atividades direcionadas, os professores já obtinha as respostas, podendo verificar a evolução e o aprendizado dos alunos, sendo essas ferramentas de fácil acesso, manuseio e autoexplicativas.

O planejamento de atividades sem internet e a construção de brinquedos

Nesse contexto, o planejamento dessas atividades eram muitas vezes pensado e repensado, pois mesmo assim, ainda estava-se longe de atingir todos os alunos ou a sua maioria. Apesar de mesmo atendendo uma parte dos alunos, a preocupação em si continuava, uma vez que ainda havia uma parte sem acesso à Educação, de forma efetiva.

Muitas vezes, alguns alunos não possuía acesso à internet e não tinham como acessar essas ferramentas propostas. Aonde então entrou a possibilidade de além de resgatar as brincadeiras, se resgatar como elaborar os brinquedos necessários para que elas pudessem ser realizadas.

Mas o que é brinquedo?

De acordo com Zatz; Zatz e Halaban (2006, P. 17), “os brinquedos são os meios utilizados para a realização da brincadeira, o suporte que dá um colorido especial no ato de brincar.”

Segundo Schwartz (2006, P. 12), “é utilizado para designar o sentido do objeto de brincar.”

Sendo assim, já que os brinquedos são ferramentas de apoio as brincadeiras, por que não serem construídos?

Dessa forma, já que a internet não estava à disposição para todos, as aulas foram também adaptadas a realidade da comunidade escolar, em prol dos alunos sem acesso. Com isso, essa realidade estava mais próxima, de fazer o resgate desses brinquedos através de materiais recicláveis e de fácil acesso.

Uma vez, que de acordo com os autores, quando a criança brinca de casinha, os brinquedos são as panelas, os pratos, as bonecas, ou quando ele brinca de motorista de ônibus, de taxista ou de piloto de avião, os brinquedos são o ônibus, o carro ou o avião. Portanto, a brincadeira tem seu caráter de produção e reprodução, onde seus desejos podem ser criados, construídos, realizados e recriados sem regras específicas, ajudando a criança a se conhecer, a explorar e a experimentar diversas situações,

enquanto que o brinquedo é a ferramenta de apoio ou o meio utilizado para realizar a brincadeira.

Sendo assim, foram resgatados e construídos diversos brinquedos como: as pedrinhas das 5 Marias, feitas com retalhos e arroz, o Bilboquê feito de barbante e botão, a Pipa, feita de jornal e varetas e a Peteca, feita com fita adesiva, sacolas e folhas de papel.

O retorno das aulas e o desenvolvimento das habilidades socioemocionais nas aulas de educação física

Com o retorno das aulas no período Pandêmico, os desafios para os professores não acabaram, pelo contrário só aumentaram. Muitos alunos, tiveram perdas em suas famílias, assim como aconteceu com toda a comunidade escolar, envolvendo os professores e funcionários.

Mas o que são as Habilidades Socioemocionais?

Segundo a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), os estudantes precisam ser capazes de aprender a agir, com autonomia emocional, respeitando e expressando seus sentimentos e emoções, saber atuar em grupo, se mostrando apto a construir novas relações, com respeito à diversidade, de forma solidária ao outro, sabendo também quais são e quais regras acatar para um melhor convívio social (BRASIL, 2017).

Sendo assim, a Educação Física, vem desempenhando um papel desafiador, norteado e orientador, para ajudar os alunos na construção dessas Habilidades Socioemocionais, como: a empatia, o respeito e a solidariedade, enfim o ato de se colocar no lugar do outro.

Além de outro fator importante também, o autoconhecimento, ou seja, o ato de se conhecer e adequar seus sentimentos, conviver com si e com os outros, aprendendo a lidar com o ganhar e o perder, correlacionando essa aprendizagem com a vida.

E com isso, desenvolvendo também o autocontrole, que consiste em auto controlar, perseverar e saber como lidar com os seus sentimentos, saber lidar com as emoções, parar, pensar, relacionar, repensar e agir para tomar decisões.

Trabalhando dessa forma também, o ato de falar dos seus sentimentos, entender os sentimentos dos outros, os seus limites, relacionando assim os sentimentos a saber viver e conviver melhor. Um quesito tão necessário e importante no mercado de trabalho e nos dias atuais, que tem a necessidade de um trabalho contínuo, diário e efetivo nas escolas, dando oportunidade de fala, organização dos pensamentos, acolhendo assim os alunos.

Dessa forma, as Habilidades Socioemocionais, sem dúvida alguma devem ser desenvolvidas nas aulas de Educação Física, no seu processo de ensino aprendizagem, através de brincadeiras, do uso de jogos e dinâmicas em grupo, onde se aprendam a resolver conflitos, que futuramente iram ajudar na tomada de decisões do futuro adulto, em sua vida pessoal e profissional.

Em suma, que os ajude a pensar e a lidar, em situações sobre pressão, dividindo os problemas em partes, organizando os pensamentos e as possibilidades, na base de reflexões e diálogos, trabalhando dessa forma a autonomia do aluno.

Conclusão

Ao estudar os objetivos e conteúdos da Educação Física Escolar, conclui-se que são muitas as atividades possíveis de prática nas aulas, de forma interessante e contextualizada, como um instrumento de apoio pedagógico, capaz de ser um meio de ensino, que podem ser adaptadas ao atual cenário que que ainda estamos vivendo, onde estimulem o desenvolvimento dos alunos de forma global, criando oportunidades para que o aprendizado ocorra. Dessa forma, o uso do lúdico na Educação, seria através da utilização de metodologias agradáveis e adequadas às crianças, ou seja, do resgate de brincadeiras e jogos, junto a seus familiares.

Sendo assim, por brincadeiras e jogos, entendemos a adoção de atividades lúdicas do agrado da criança, e que pertençam ao seu mundo, respeitando suas características, uma vez, que as formas de brincar são diferentes em cada cultura. Por isso, é importante oportunizar que as crianças brinquem juntas com seus familiares,

com brinquedos feitos e confeccionados por elas, que as levem a vivenciar, para que assim, possam avançar em suas brincadeiras e passar por situações de ganhar e perder, aonde possam entender e aprender junto com seus familiares, agregando novas vivências em suas brincadeiras, para que elas sejam cada vez mais divertidas, com ou menos regras, que explorem o convívio e os valores, preparando os alunos a ser um cidadão.

Quando falamos no brincar, não estamos falando somente em algo alegre, mas de uma ação espontânea. Dessa maneira, utilizar uma metodologia lúdica, desperta, atrai e motiva as crianças, fazendo com que tenham mais interesse nas aulas de Educação Física, mesmo que virtualmente ou através de atividades com distanciamento.

Logo, para que isso ocorra, deve-se buscar possibilidades de práticas dessas atividades com os alunos, recriando e fornecendo possibilidades novas e dando condições de exploração do ambiente de forma motivante, que desperte nos alunos o interesse, fazendo com que ele venha praticar atividades físicas dentro e fora da escola, estimulando eles a terem outras experiências, dando outras possibilidades de vivências motoras presentes na cultura corporal de movimento, afim de ampliar ainda mais seus conhecimentos.

Conclui-se que as brincadeiras e os jogos, como temática nas aulas de Educação Física Escolar, atrelada à Educação e aliadas as tecnologias, não podem ficar de fora do conteúdo da grade curricular, pela importante colaboração ao desenvolvimento da criança, possibilitando a estimulação e contribuindo para sua melhora, podendo ser também utilizadas para complementar a teoria, pois elas fazem parte da cultura, sendo de extrema importância em todas as áreas do conhecimento, pois através do ato de brincar, a criança se desenvolve, aprende a pensar e usa essa forma de pensar para descobrir o mundo à sua volta.

Com isso, desenvolve também Habilidades Socioemocionais, aprende à tomar decisões, a explorar os objetos, os espaços e a fazer escolhas, além é claro, da importância do movimento e de se

movimentar, pois assim, a criança se organiza, conhecendo e desenvolvendo o seu corpo, a sua forma de pensar e de raciocinar.

Dessa forma, sua presença como conteúdo na BNCC, vem contribuir para ampliar a cultura corporal de movimento, dando a possibilidade da aquisição de novos saberes e novas formas de se movimentarem e desenvolverem.

Em suma, é fundamental que a criança vivencie essas brincadeiras de diferentes formas, para se tornar uma criança mais flexível, criativa, aberta ao diálogo, com capacidade de escolha e raciocínio, para que assim, possa compreender e aprender os diversos jeitos e tipos de brincadeiras que existem em nossa Sociedade. No entanto, sabendo de sua importância, faz-se necessário, adequar as tecnologias e estimular o brincar nos dias atuais, oportunizando para que todas as crianças tenha a oportunidade de criação, para que essa experimentação ocorra, e que os professores também entenda a sua grande importância nesse momento.

Referências

- BETTI, M.; ZULIANI, L. R. **Educação Física escolar**: uma proposta de diretrizes pedagógicas. Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte. São Paulo, V. 1, N. 1, P. 73-81, Jun./Set. 2002.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Lei nº 9.394/96 de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília: MEC, 1996.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física**. Brasília: MEC, 1998.
- DARIDO, S. C. **Educação Física na escola**: questões e reflexões. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.
- DARIDO, S. C. **Educação Física Escolar**: compartilhando experiências. São Paulo: Editora Phorte, 2011.

FREIRE, J. B. **Educação do corpo inteiro:** teoria e prática da Educação Física. São Paulo: Editora Scipione, 2008.

MAHONEY, A.A.; ALMEIDA, L. R. **A constituição da pessoa na proposta de Henri Wallon.** São Paulo: Editora Loyola, 2011.

RIBEIRO, C. E. L.; GUARANHA, V. P. **Recriação:** em ônibus para passeios pedagógicos. São Paulo: Editora Baraúna, 2010.

SCHWARTZ, G. M. **Aventuras na natureza:** Consolidando significados. Jundiaí, SP: Editora Fontoura, 2006.

ZATZ, S.; ZATZ, A.; HALABAN, S. **Brinca comigo!** Tudo sobre o brincar e os brinquedos. São Paulo: Editora Marco Zero, 2006.

**O ENSINO DA *Biologia* E AS TENOLOGIAS DA
INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO DURANTE PANDEMIA
DE COVID-19: expectativas x realidade**

Alex do Carmo Barbosa

O Ensino da *Biologia* na Contemporaneidade

A *Biologia* é a ciência que estuda a vida (do grego βίος – bios = vida e λογος – logos = estudo,). Como ciências biológicas, os conhecimentos biológicos debruçam-se sobre o funcionamento dinâmico dos organismos desde uma escala molecular e subcelular até o nível populacional e interacional, seja intra e interespecificamente, bem como a interação da vida com o ambiente físico-químico (IFBA, 2021, p. n.p). Como disciplina escolar, a *Biologia* apresenta especificidades vinculadas à sistematização de conhecimento, à tradição pedagógica e ao contexto escolar. (CAMPOS, 2018, p. 25).

A inserção das disciplinas de ciências naturais no contexto escolar é determinado pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN). Para os PCN, as disciplinas de ciências da natureza são indispensáveis pelo fato do estudante estar inserido “numa sociedade em que se convive com a supervalorização do conhecimento científico e com a crescente intervenção da tecnologia no dia a dia” (BRASIL, 1997, p. 21). Para as Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais a aprendizagem da *Biologia* na escola básica visa:

“permite ampliar o entendimento sobre o mundo vivo e, especialmente, contribui para que seja percebida a singularidade da vida humana relativamente aos demais seres vivos, em função de sua incomparável capacidade de intervenção no meio. Compreender essa especificidade é

essencial para entender a forma pela qual o ser humano se relaciona com a natureza e as transformações que nela promove.” (BRASIL, 2006, p. 34).

Além do mais, Tenenblat (2007, p. 7) afirma que “o ensino adequado de ciências estimula o raciocínio lógico e a curiosidade, ajuda a formar cidadãos mais aptos a enfrentar os desafios da sociedade contemporânea e fortalece a democracia”. Associado à construção e ao processo formativo dos estudantes “entende-se que o Ensino de Ciências pode contribuir para que os alunos sejam inseridos em uma nova cultura, a cultura científica”. Através desta cultura os estudantes serão capazes de “ver e compreender o mundo com maior criticidade e com conhecimentos para discernir, julgar e fazer escolhas conscientes em seu cotidiano, com vistas a uma melhor qualidade de vida.” (VIECHENESKI e CARLETTO, 2013, p. 223).

Como resultado, espera-se que, a partir do Ensino de Biologia, seja possível reverter os baixos níveis de conhecimento apresentados pelos alunos da educação básica nas disciplinas da área de ciências da natureza visto que, ao apresentarem tais níveis, certamente o comprometimento no desenvolvimento do País será comprometido. (ACADEMIA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS, 2008, p. 5).

Filho *et al.* (2011, p. 7) destacam que “o Ensino de Ciências não pode ser desenvolvido como um elemento independente do todo social”. Embora envolvam elementos da ciência e da técnica, o Ensino das Ciências deve auxiliar o cidadão na compreensão das múltiplas questões com as quais lidam cotidianamente. Pinheiro e Sales (2018, p. 79) explicitam a importância em associar as áreas das ciências com as áreas do social e alertam sobre os impactos que um sistema educacional, que prioriza o ensino de definições e não a compreensão de fenômenos alertam que tais práticas eram amplamente reproduzidas durante o ensino de Física, Química e Biologia:

“O desenvolvimento social e industrial proporcionado pelos avanços nas pesquisas e invenções decorrentes de estudos nas ciências foi fundamental para que o ensino de Física, Química e Biologia ganhasse espaço no cenário educacional. Inicialmente a ideia que prevalecia era a da formação de cientistas, o que deu ao ensino de ciências atual, esse caráter formal, em que

se prima pelo ensino de definições, deduções e equações que o conduzem a um distanciamento da realidade do estudante, fugindo de fenômenos vivenciados em seu dia-a-dia.” (PINHEIRO E SALES, 2018, p. 79).

Ao analisar as Orientações Curriculares para o Ensino Médio para Ciências da Natureza, Matemática e suas tecnologias fica claro que os professores não devem reproduzir metodologias pautadas na memorização de denominações e de conceitos, muito menos pela reprodução de regras e de processos, a fim de evitar a descaracterização da disciplina de Biologia enquanto ciência. (BRASIL, 2006, p. 15). Para que tal objetivo seja alcançado é preciso que o professor, além de abordar os temas e conteúdos pertencentes à disciplina, deve contextualizá-los com a realidade dos seus alunos, utilizando assim, metodologias que priorizam a observação, a identificação de problemas e a busca de soluções de problemas pois, “o conhecimento da natureza não se faz por mera acumulação de informações e interpretações, embora o processo de acumulação, de herança, teve e sempre terá grande significado”. (BRASIL, 1997, p. 23).

O Ensino de Biologia é capaz de aproximar os estudantes ao mundo das ciências graças à exploração, ao desenvolvimento de ideias e às experiências por ela permitida. Neste sentido é imprescindível que as aulas de Biologia estejam pautadas na experimentação, no estudo do meio e no desenvolvimento de projetos a fim de permitir que o indivíduo possa alcançar sua autonomia. Como a ciência é elaborada por homens e mulheres e está vinculada a diferentes visões que envolvem as mais variadas escolhas, o Ensino de Biologia torna-se indispensável para que o estudante compreenda a natureza, as ações humanas e seus impactos na biosfera, assim como permite a associação dos conhecimentos biológicos com outros saberes. O contato com a disciplina oportuniza os estudantes a “enfrentarem desafios e decisões a partir dos seus anseios diante do mundo científico-tecnológico”. (SOUSA, 2021, p. n.p).

Mas para que o Ensino de Biologia seja capaz de permitir tais conquistas, é importante que o professor considere os recursos didáticos e as experimentações a serem utilizados durante a sua prática docente justamente pela capacidade que estes possuem ao “proporcionar maior qualidade educacional, facilitar a compreensão de conteúdos mais complexos, incentivar a autonomia e a independência de todos os alunos”. Outro ponto importante refere-se à utilização adequada dos recursos didáticos justamente pelo fato dos estudantes serem dinâmicos e críticos e de possuírem capacidades para aprendizagem, para o desenvolvimento e para conviverem em sociedade. (SCHINATO e STRIEDER, 2020, p. 37).

Neste sentido, é importante que a aprendizagem de Biologia torne-se significativa sendo preciso que ocorra uma articulação entre conhecimentos práticos e teóricos. As atividades experimentais, por exemplo, permitem maior integração entre estudante, disciplina e professor possibilitando maior compreensão dos conteúdos apresentados em sala com os conhecimentos adquiridos em outras esferas, sejam elas interpessoais, ambientais ou sociais. (LAVOR, 2020, p. 1).

Expectativas das Tecnologias da Informação e Comunicação no contexto escolar

A sociedade sempre esteve e continuará em constante mudanças. De acordo com Carmo (2017, posição 1124) o momento no qual a humanidade se encontra é especial e deve-se as transformações provenientes das Tecnologias da Comunicação e Informação (TCI). Associado às questões tecnológicas, o avanço científico, o fenômeno da globalização político-econômico e os fatores urbanos exigem transformações e geram necessidades sociais e educacionais até então inimagináveis. (SANTOS e SILVA, 2018. p. 8).

A tempo, a utilização das TCI é vista como ferramenta fundamental para mudanças nas áreas técnicas, culturais, econômicas, sociais e educacionais ocorram porém, as mudanças

antropológicas não podem ser deixadas de lado devido as habilidades conquistadas pelo homem ao longo da sua evolução. (COSTA JR, 2012, posição 20).

Pelo fato de ser capaz de promover mudanças antropológicas significativas em um curto espaço de tempo, levando em consideração o seu surgimento, as TCI passaram a receber maior atenção quanto à sua utilização no contexto educacional. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), por exemplo, cita a importância do desenvolvimento tecnológico na contemporaneidade e defende a necessidade de inseri-la na educação básica. (BRASIL, 2018, p. 473). Por sua vez, as Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica (DCN) (2013), ratificam a contribuição das tecnologias para o processo formativo dos estudantes e determinam que estas “devem ser usadas e adaptadas para servir a fins educacionais e como tecnologia assistiva; (...) de forma a possibilitar que a interatividade virtual se desenvolva de modo mais intenso (...)” no contexto educacional. (BRASIL, 2013. p. 25).

Devido ao poder transformador que as TIC podem proporcionar, seja de modo individual ou coletivo, o Ministério da Educação (MEC) a partir do BNCC, determina que as escolas devem inserir as TCI na esfera pedagógica para que os estudantes possam:

“Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.” (BRASIL, 2018, p. 9).

Mas, para que as referidas tecnologias sejam capazes de promover os objetivos propostos pela BNCC, é necessário compreender quem é este aluno do século XXI, o aluno contemporâneo. De acordo com Silva *et al.* (2018, p. 137) o estudante do século XXI não é mais um ser passivo. Os estudantes da atualidade podem buscar informações e conteúdos adequados ao currículo e às disciplinas escolares seja, a partir de numa

construção coletiva, participativa e colaborativa. Através do estímulo do professor, os estudantes podem transformar-se em peças fundamentais no processo de ensino-aprendizagem. Nesse sentido, Castro e Cavalcante (2019, p. 95) reforçam a importância das TIC e afirmam que, se bem orientados e utilizados, o uso dos recursos tecnológicos, pode tornar o ensino mais objetivo e auxiliar no desenvolvimento de habilidades dos estudantes a partir das suas descobertas. (CASTRO e CAVALCANTE, 2019, p. 95).

Não cabe a escola nem ao professor, em plena era da inovação tecnológica e social reproduzirem uma metodologia ultrapassada em sala de aula onde a transmissão-recepção de conhecimentos acontece a partir da memorização (TURKE *et al*, 2021, posição 103) e em se tratando de professores da disciplina de Biologia ações como estas devem ser urgentemente descontinuadas.

Quando incorporados com a *internet* as ferramentas tecnológicas são capazes de potencializar todo o processo de ensino-aprendizagem pois, através da evolução e popularização deste meio de comunicação, as pessoas assumiram a posição de emissores da informação fazendo com que, através da utilização da *internet* seja possível ressignificar todo o processo de aprendizagem. (COSTA Jr, 2012, posição 21). Deste modo, espera-se que a redução das distâncias físicas, principalmente para aquelas pessoas que estão impossibilitadas de frequentar a educação presencial, sejam minimizadas permitindo assim o acesso livre e ilimitado de informação entre toda a população. (COSTA JR, 2012, posição 26).

Araújo (2012, p. n.p) afirma que as ferramentas tecnológicas mostram-se excelentes instrumentos de acesso a conteúdos e vivências pois, a partir do uso de computadores, *netbooks*, *notebooks*, *tablets* e celulares dentro ou fora da sala de aula foi possível o acesso de pessoas à conteúdos até então limitados. As TIC permitem que novas formas de aprendizagem determinadas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (PCNEM) sejam possíveis. Dentre as orientações propostas pelo PCNEM destaca-se o processo de formação do aluno pautada na aquisição de

conhecimentos básicos, na preparação científica e na capacidade de utilizar as diferentes tecnologias relativas às áreas de atuação.” (BRASIL, 2000. p. 5). Por sua vez, Silva e Sousa (2018, p. 157) corroboram com os PCNEM e citam a importância das tecnologias no processo ensino-aprendizagem:

“As tecnologias serão abordadas como recursos que podem qualificar o processo de ensino e de aprendizagem onde emerge a necessidade de estabelecer estratégias, dentre elas, adotar metodologias ativas de aprendizagem baseadas em atividades, desafios, problemas, onde cada aluno aprende no seu próprio ritmo e necessidade e também aprende com os outros em grupos e projetos, com supervisão de docentes e professores tutores.” (SILVA e SOUSA, 2018, p. 157)

Com isso, é possível compreender o quanto as TCI podem contribuir na esfera educacional, seja para o desenvolvimento da autonomia estudantil, como para uma maior proximidade e acompanhamento do professor e em prol de uma maior participação do aluno. Questões relacionadas à versatilidade de representações, aos formatos e às metodologias que podem ser desenvolvidas são alguns das contribuições das TCI na educação básica. (CALVO, 2016, p. 122).

Vale destacar o posicionamento de Costa Jr. (2012, posição 23) a respeito da relação entre escola e tecnologia. O autor esclarece que não é a escola tecnológica que vai extinguir com a escola clássica, com isso pode-se e deve-se mesclar o que existe de positivo em ambas e criar um patamar em qualidade de ensino resultando no acesso às “aulas diferenciadas, contextualizadas e atrativas que só trazem benefícios para sua aprendizagem”. Por isso é fundamental e urgente que exista um olhar, por parte de toda a sociedade, mais atento e carinhoso com a educação do nosso País.

Neste sentido a BNCC, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) e as DCN defendem que a formação e o desenvolvimento humano devem ocorrer na dimensão intelectual, física, afetiva, social, ética, moral e simbólica (BRASIL, 2018, p. 16) a partir do estímulo do pensamento criativo, lógico e crítico com o

objetivo de tornar os estudantes atores capazes de resolver problemas cotidianos das diversas áreas de conhecimento. (BRASIL, 2018, p. 58).

Mesmo com toda evolução tecnológica a escola do Século XXI ainda não conseguiu promover mudanças significativas na sua estrutura curricular e pedagógica. (COSTA JR, 2012, posição 22). A dificuldade em integrar as ferramentas tecnológicas no ambiente escolar revela-se um dos muitos problemas enfrentados por ela. A não interação ou a interação incorreta das ferramentas tecnológicas no processo pedagógico pode resultar em sérios impactos no processo ensino-aprendizagem por isso, é preciso que sua utilização seja bem analisada, definida e aplicada, o que torna a utilização das TIC no contexto escolar um desafio para pesquisadores e professores. (MACRUZ, 2020, posição 205).

Acredita-se que, mesmo com o fim da pandemia, ferramentas como plataformas digitais, aplicativos e games educacionais incorporados às práticas educacionais durante o ensino remoto devem continuar sendo utilizados pelos professores (MARRA, 2020), com isso, Santos e Silva (2018, p. 10) reforçam a necessidade de repensar as metodologias que deverão ser adotadas pelas escolas pois, não cabe mais continuar replicando um processo de ensino-aprendizagem que resulta na fragmentação do ensino onde a memorização de definições e fatos, bem como as soluções padronizadas não mais atendem as exigências deste novo paradigma tecnológico.

Tecnologias da Informação e Comunicação na escola: Desafios enfrentados durante Pandemia de COVID-19

A pandemia de COVID-19 promoveu alterações nas mais diversas áreas sociais. Objetivando o controle do vírus ações talvez nunca antes imaginadas foram adotadas pelos diversos governos mundo afora. Atividades até então comuns, como realização de encontros entre amigos ou familiares, frequentar espaços privativos ou públicos e até mesmo a realização de um simples passeio por parques ou calçadas precisou ser modificado. “Tudo e

todos foram atingidos de alguma forma, a educação não seria a exceção". (COSTA JR, 2012, posição 22).

Neste cenário epidemiológico as escolas precisaram passar por mudanças e adaptações tanto na esfera estrutural quanto na pedagógica. No que refere-se à estrutura física, houve limitação no número de pessoas no interior de prédios, ampliação do espaçamento entre carteiras, disponibilização de álcool gel e de termômetros além de fixação de folhetos informativos. O aumento na frequência em desinfecção de ambientes e de objetos no seu interior merecem ser mencionados. (SECRETARIA DE SAÚDE DE GOIÁS, 2020, p. 2-12). No quesito comportamental, a obrigatoriedade quanto ao uso de máscaras, proibição de compartilhamento de materiais, realização de rodízio de estudantes nas turmas, obrigatoriedade da higienização das mãos e proibição de atividades físicas foram algumas das ações aplicadas com o intuito de possibilitar o retorno das aulas presencialmente. (SALVADOR, 2020).

Em dezembro de 2020 o MEC autoriza as atividades não presenciais no País até o fim da pandemia. De acordo com a Resolução CNE/CP Nº 2, de 10 de dezembro de 2020 as atividades não presenciais "poderão ser realizadas na forma não presencial com mediação tecnológica de acordo com normas de cada sistema de ensino" quando houver "suspensão das atividades letivas presenciais por determinação das autoridades locais" e "condições sanitárias locais que tragam riscos à segurança". (BRASIL, 2020). Com a referida autorização a escola passa a utilizar o Ensino Remoto Emergencial (ERE) como estratégia a fim de promover o início das aulas e os riscos de contágio dos estudantes e familiares do coronavírus (SARS-CoV-2).

Embora o ERE tenha surgido como melhor alternativa para reiniciar as atividades escolares esta modalidade de ensino expôs um problema já existente na sociedade, principalmente nas escolas públicas brasileiras, a dificuldade de acesso às TCI. Macruz (2020, posição 233) cita os desafios enfrentados por alunos e professores quanto ao acesso de *internet* e de equipamentos para tal. A falta de

acesso a computadores e celulares ou a falta de planos adequados de *internet* comprometem a realização de aulas remotas tanto nas modalidades assíncronas quanto síncronas. Infelizmente a oferta tecnológica ainda não contempla a maior parte da população mundial. Carmo (2017, Posição 647) explana esta preocupante situação ao divulgar que, enquanto os 24 países mais ricos do mundo concentram 15% da população esta possui 71% das linhas telefônicas e 88% dos usuários da *internet*, no Brasil apenas 300 dos mais de cinco mil municípios possuem estrutura mínima para a instalação de serviços de *internet*.

Mesmo com implantação de programas de incentivo à participação de aulas remotamente e com o fornecimento de chips para acesso à *internet*, pacote de softwares gratuitos realizadas por alguns estados e municípios foi constatado aumento da taxa de estudantes que abandonaram a escola. (Monteiro, 2020, Posição 376). Em um levantamento realizado em uma unidade escolar foi comprovado que o número de alunos do 1º ano inscritos e que nunca acessaram a plataforma correspondia a 68% do total de inscritos sendo que este excede o triplo da quantidade de alunos do 3º ano. (MONTEIRO, 2020, posição 355).

Embora a presença das ferramentas tecnológicas no ambiente escolar não promovam garantias em questões relacionadas ao processo de ensino-aprendizagem os profissionais da área educacional não devem desconsiderar os impactos que sua falta pode ocasionar. Carmo (2017, posição 454) cita que as TCI devem enriquecer o ambiente educacional a partir da possibilidade de realizar a construção de conhecimentos “por meio de uma atuação ativa, crítica e criativa” e humana entre todos os envolvidos. A falta de acesso e o acesso inadequado às tecnologias da informação, impactam no processo de aprendizagem dos estudantes pois desencadeiam o desânimo, o desalento, os desvios de atenção, o pouco entusiasmo pelas tarefas, a pouca produtividade além de serem determinantes para a baixa participação e até mesmo no abandono escolar. (TORRE, 2021, posição 318).

A equipe pedagógica também encontrou dificuldades para realização das aulas durante o ERE. Questões como acesso limitado à TIC, e pouco conhecimento e/ou baixo domínio dos recursos tecnológicos, já eram problemas enfrentados por parte dos professores antes mesmo da pandemia. Durante realização das aulas síncronas e assíncronas estes problemas tornaram-se mais críticos. Souza (2016, posição 183), por exemplo, já sugeria aos professores que os mesmos realizassem aulas ao vivo utilizando o YouTube:

“Que tal fazer uma aula ao vivo utilizando o Youtube? Basta ter uma conta no Google, criar um canal e você já pode fazer aulas ao vivo (as famosas lives). Você pode restringir a aula somente para pessoas convidadas, ou seja, somente aos seus alunos se preferir. As lives do Youtube possuem bate-papo onde os alunos podem interagir facilitando bastante a comunicação entre o professor e os alunos.” (SOUZA, 2016, Posição 183).

Em contrapartida, Monteiro (2020, posição 313) reconhece as dificuldades dos professores e a complexidade existente no processo de preparação de aulas on-line sejam via lives, sejam a partir de aulas gravadas e disponibilizadas em rede. O autor cita os desafios e as estruturas necessárias para criação, edição e finalização de vídeos educacionais:

“O primeiro vídeo gravado para as aulas online, mesmo trabalhando todos os dias, levou quase uma semana para ser finalizado. O que mudou completamente a minha visão sobre muitos canais do youtube que assisto com frequência. Não é nada simples o processo de criação de vídeos, pois envolve um grande leque de informações, que vão desde direitos autorais de imagem, som, citações de forma correta até a própria edição do vídeo, que envolve uma série de outros fatores ainda mais complicados e que demandam mais tempo para aprender, por exemplo, como fazer uma narração com qualidade, a captura de vídeo sem marcas d'água ou limitações, a escolha do software de edição e seus tutoriais, etc.” (MONTEIRO, 2020, Posição 313).

As dificuldades existentes no processo de criação de vídeos podem ser comprovadas a partir da afirmação de Carmo (2017,

Posição 2452). Para ele será praticamente impossível que um professor possa realizar todas as tarefas na criação de um simples vídeo educacional visto que, neste tipo de vídeo, é necessário haver mais de um professores onde um esteja responsável em abordar conteúdos, as questões pedagógicas, em realizar pesquisa de material e em acompanhar mensagens eletrônicas enquanto outro esteja responsável pela criação e desenvolvimento de páginas da *Web*. Ainda haveria a necessidade de um terceiro, que ficaria responsável pela estrutura do site, caminhos para navegação, atualização e incorporação dos recursos disponíveis.

As dificuldades que alguns docentes possuem com as tecnologias atuais devem ser analisadas e consideradas a partir do contexto temporal. Enquanto parte dos professores começaram a ter contato tardio às novas tecnologias os alunos do século XXI já nascem com elas nas mãos o que torna o acesso a estas tecnologias um processo natural para elas. (PERES, 2020, posição 46). Mesmo para os professores que já conhecem e utilizam as tecnologias diariamente, além da necessidade de conhecer e dominar novas ferramentas, a estes profissionais são necessárias alterações metodológicas a fim de converter as aulas tradicionais em um novo formato, o que exige capacitações aos docentes.

Viana (2021, posição 25) alerta sobre a maneira como houve a inserção de metodologias ativas, em congressos, seminários, simpósios entre outros eventos. Para o autor, priorizou-se os avanços e contribuições das TIC no período pandêmico mas os professores não foram ouvidos impedindo-os de explanarem suas dificuldades. Com isso, a Academia Brasileira de Ciências (2008, p. 26) destaca a importância da implementação e ampliação das políticas de formação continuada de professores.

Considerações Finais

No mundo contemporâneo alcançar uma aprendizagem personalizada, a partir da integração tecnológica é um desafio para qualquer escola. Este objetivo torna-se ainda mais desafiador pois

as instituições de ensino devem propor um novo modelo educacional a partir de alterações significativas no seu currículo a fim de se tornar o processo de ensino-aprendizagem mais flexível. Somente a partir de tais modificações os alunos poderão desenvolver o senso ético e crítico tornando-os autores de suas próprias vidas.

Com base nos expostos, acredita-se que, com o uso das Tecnologias da Comunicação e Informação no contexto educacional, em especial a partir da utilização da rede mundial de computadores, será possível iniciar tais mudanças visto que, através destas tecnologias é possível tornar as aulas mais dinâmicas e motivadoras resignificando a estrutura pedagógica tanto na sequência didática quanto no desenvolvimento de conteúdos.

Mas para que tudo isso ocorra é indispensável a conectividade com a *internet* e que esta seja de qualidade. Dificilmente um estudante poderá acessar recursos tecnológicos, como as aulas síncronas bastante utilizadas durante Ensino Remoto Emergencial com *internet* sem qualidade visto que, para acompanhar as aulas síncronas são necessárias altas taxas de transferência de dados por segundo o que torna a velocidade de conexão um dos principais componentes das assimetrias capazes de diferenciar pessoas incluídas das excluídas digitalmente.

Paradoxalmente, se faz necessário ressaltar que o uso de aparatos tecnológicos sozinhos não solucionará os percalços enfrentados tanto por alunos quanto por professores de disciplinas da área de ciências da natureza mas estes aparatos funcionam como facilitadores no processo de ensino-aprendizagem. Deste modo, é importante ratificar que as tecnologias digitais ou pedagógicas em hipótese alguma, poderão substituir a figura do professor pelo fato deste constituir peça fundamental para apontar os caminhos que o aprendiz deve trilhar até a aquisição da autonomia.

Com a implementação das aulas a partir do ERE tornou-se também evidente que a falta de investimentos no sistema educacional brasileiro afetou e continua afetando significativamente a educação brasileira. Para que ocorra uma

formação plena dos estudantes é indispensável que seu desenvolvimento ocorra também sob a esfera tecnológica conforme orientações presentes na BNCC, na LDBEN e nos PCN e PCNEM. É necessário ofertar à sociedade uma escola com estrutura básica e não apenas com quadro, piloto e apagador.

A busca por metodologias capazes de contemplar tanto o plano de ensino quanto a aprendizagem, sem prejuízo aos conteúdos programáticos em um novo espaço e momento, tornou-se primordial. Associado a estas questões, os professores devem estar atentos para que suas práticas e as cobranças externas não venham saturar o aluno. No caso dos professores que lecionam disciplinas das ciências (Química, Física e Biologia) estes devem priorizar não apenas as definições de conceitos científicos mas despertar os estudantes para a possibilidade de tocar, de experimentar, de investigar, de comparar, de discutir e de organizar os tópicos levantados.

Embora seja possível realizar o Ensino de Biologia através da utilização de ferramentas tecnológicas a metodologia precisa ser revista com urgência. Dificilmente os aparatos tecnológicos serão úteis se o professor priorizar a didática e a metodologia baseada no teórico como se estivesse na sala de aula. A escola brasileira precisa passar urgentemente pelo processo de renovação pedagógica a fim de tratar destas questões para a fim de objetivar a emancipação dos estudantes.

Para que haja aprendizado significativo, seja na Biologia, Química, ou Física, não é necessário um laboratório de última geração, mas professores e alunos dispostos a se lançarem em busca sem fim por saberes, onde o professor venha realizar a função de orientador enquanto os alunos a função de protagonistas de suas escolhas e ações.

Trabalhar os conteúdos de Biologia no ambiente escolar considerando as contribuições que as TCI podem promover é fundamental para melhorias no processo de ensino-aprendizagem. Com o surgimento da pandemia de COVID-19 expectativas e realidades a respeito da utilização e disponibilização das

ferramentas digitais na educação foram explicitadas. Embora as tecnologias promovam modificações significativas na humanidade, o Brasil ainda precisa resolver problemas relacionadas ao acesso e qualidade das tecnologias que dificultaram e ainda dificultam o desenvolvimento e o acompanhamento de aulas remotas por professores e estudantes. Enquanto não houver políticas educacionais com o objetivo de solucionar o problema da exclusão digital é importante que existam ações capazes de fornecer estruturas básicas nas escolas a fim de possibilitar a realização atividades onde o desenvolvimento de habilidades e competências conforme definidas na BNCC sejam alcançadas. Para os docentes das disciplinas de ciências da natureza, em especial os de Biologia, é fundamental que as aulas estejam baseadas na experiência e vivência dos estudantes então, que tal intensificarmos as atividades de experimentação e começarmos a mostrar como se faz ciência de maneira divertida?

Referências

ACADEMIA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS. **O Ensino de ciências e a educação básica**: propostas para superar a crise. Academia Brasileira de Ciências. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Ciências, 2008. 56p.

ARAÚJO, Thiago Cássio D'Ávila. **Tecnologias educacionais e o direito à educação**. 2012. Disponível em: <https://jus.com.br/artigos/22819/tecnologias-educacionais-e-o-direito-a-educacao>. Acesso em: em: 25, Set. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. 2018. As tecnologias digitais e a computação. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/implementacao/praticas/caderno-de-praticas/aprofundamentos/193-tecnologias-digitais-da-informacao-e-comunicacao-no-contexto-escolar-possibilidade>. Acesso em: 20, Out. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação/Conselho Nacional de Educação. **Resolução CNE/CP nº2, de 10 de dezembro de 2020**. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/resolucao-cne/cp-n-2-de-10-de-dezembro-de-2020-293526006>. Acesso em: 24, Out. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica**. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013. 562p.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. 1997. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro04.pdf>. Acesso em: 20, Out. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais Ensino Médio 2000**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/blegais.pdf>. Acesso em: 20, Out. 2021.

BRASIL. **Orientações curriculares para o ensino médio: Ciências da natureza, matemática e suas tecnologias**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006. 135 p.

CALVO, Alfredo Hernando. **Viagem à escola do século XXI: assim trabalham os colégios mais inovadores do mundo / Alfredo Hernando Calvo**. - 1. ed. – São Paulo, SP: Fundação Telefônica Vivo, 2016. 201 p.

CAMPOS, Raquel Sanzovo Pires de. **As ciências biológicas, a Biologia escola e o humano**. Arquivos do MUDI, v22, n2,p. 21-32,2018. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ArqMudi/article/view/42938/pdf>. Acesso em: 24, Out. 2021.

CARMO, Josué Geraldo Botura do. **Novas tecnologias na educação**. Santa Luzia: Edição Kindle, 2017. *Kindle*.

CASTRO, Tércia Oliveira; CAVALCANTE, Kellison Lima. **Importância do uso das tecnologias de comunicação e informação no ensino da Biologia**. Disponível em: <https://semiarido.devisu.ifsertao-pe.edu.br/index.php/rsdv/article/view/106/120>. Acesso em: 23, Out. 2021.

COSTA JR., Hélio Lemes. **Tempos Digitais: Ensinando e Aprendendo com Tecnologia**. Porto Velho: Edufro. 2012. *Kindle*.

FILHO, Arlindo Batista de Santana; SANTANA, José Robson Silva; CAMPOS, Thamyres Dayana. **O ensino de ciências naturais nas**

séries/anos iniciais do ensino fundamental. 2011. Disponível em: <http://loos.prof.ufsc.br/files/2016/03/o-ensino-de-ci%C3%80ncias-naturais-nas-s%C3%89ries-anos-iniciais-do-ensino-fundamental.pdf>. Acesso em: 17, Out. 2021.

IFBA. **Ciências Biológicas.** Disponível em: <https://sites.google.com/site/ifbacienciasbiologica> s/. Acesso em: 15, Out. 2021.

LAVOR, Daniela Tábita. **A experimentação na disciplina de Biologia: importância das aulas práticas no processo de ensino-aprendizagem da bioQuímica.** Revista multidisciplinar de educação e meio Ambiente. 2020. Disponível em: <https://editoraime.com.br/revistas/index.php/rema/article/view/23/9>. Acesso em: 25, Out. 2021.

MACRUZ, André Florentino Bella. **Apresentação.** In: ANDRÉ, Claudio Fernando; SANYAELLA, Lucia; BARROSO, Adriana; PIEDRAHITE, Alejandro; DI GRADO, Ana Maria; SIMUNI, Franco; DABID, Juan; MUNARI, Keiti; BEZ, Marta; DUQUE, Nestor. (orgs.). **Educação e tecnologias digitais: conceitos, práticas e reflexões.** São Paulo: Amazon, 2020. *Kindle*.

MARRA, Renan. **Escolas passam a usar tecnologias do ensino remoto em sala de aula.** Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2021/09/escolas-passam-a-usar-tecnologias-do-ensino-remoto-em-sala-de-aula.shtml>. Acesso em: 22, Out. 2021.

MONTEIRO, Nilton de Araújo. **O abandono do ensino remoto durante a pandemia.** 2020. *Kindle*.

PERES, Janaina Campos. **Biologia pela estética do não verbal: quando a ciência e arte se encontram em sala de aula.** São Paulo: Tesseractum, 2020. *Kindle*.

PINHEIRO, Neide Souza Graça; SALES, Káthia Marise Borges. **Ensino de Física no contexto da mediação tecnológica: uma Proposta para o EMITEC-Bahia. Educação no Século XXI.** In: Editora Poisson (Org). Belo Horizonte: Poisson, 2018. 186p.

SALVADOR. Decreto Nº 33719, de 03 de abril de 2021. **Protocolos Para Retomada das Atividades.** Diário Oficial do Município, Salvador, BA, Ano XXXIV, n º 7.977.

SANTOS, Alex Maciel dos; SILVA, Maria de Lourdes Cardoso da. O uso dos recursos tecnológicos na educação municipal de Piri-piri – PI. **Educação no Século XXI**. In: Editora Poisson (Org). Belo Horizonte: Poisson, 2018. 186p .

SECRETARIA DE SAÚDE DE GOIÁS. **Protocolo 10 medidas de prevenção e controle do novo coronavírus (sars cov-2) em shopping centers, galerias, centros comerciais e congêneres**. Disponível em: https://www.saude.go.gov.br/files//banner_coronavirus/Protocolos/Protocolo%2010%20-%20Shopping%20centers%20e%20cong%C3%Aaneres.pdf. Acesso em: 24, Out. 2021.

SCHINATO, Liliani Correia Siqueira; STRIEDE, Dulce Maria. **O ensino de ciências na perspectiva da educação inclusiva e a importância dos recursos didáticos**. Revista Temas em Educação, João Pessoa, Brasil, v. 29, n.2, p. 23-41, maio/ago., 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/rteo/article/view/43584/30430>. Acesso em: 24, Out. 2021.

SILVA, Irenice Bezerra da; UGIETTE, Sandradayse de Albuquerque; CAVALCANTI, Adriana dos Santos Rodrigues; SILVA, Maria Emilia Maciel da. Tecnologia na educação: utilizando o google drive como ferramenta pedagógica no ensino de robótica. **Educação no Século XXI** In: Editora Poisson (Org). Belo Horizonte: Poisson, 2018. 186p .

SILVA, Nádia Cataryna Nogueira e; SOUSA, Maria da Consolação Pitanga de. Estratégias e métodos promotores da aprendizagem ativa: resignificando metodologias de ensino. **Educação no Século XXI** In: Editora Poisson (Org). Belo Horizonte: Poisson, 2018. 186p. SOUSA, Ednaldo Carlos de. **A importância do ensino de ciências na Educação de Jovens e Adultos**. Revista Educação Pública, v. 21, nº 38, 19 de outubro de 2021. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/21/38/a-importancia-do-ensino-de-ciencias-na-educacao-de-jovens-e-adultos>. Acesso em: 21, Out. 2021.

SOUZA, Marcos castro de. **O Poder da Educação On-line: Como a Internet vem reformulando a educação a distância e impactando positivamente na vida de milhares de pessoas**. 2016. *Kindle*.

TENENBLAT, Ketí. Academia Brasileira de Ciências. **O Ensino de ciências e a educação básica:** propostas para superar a crise. Academia Brasileira de Ciências. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Ciências, 2008. 56p.

TORRE, Fátima Andreoli Della. Vamos enfrentar os dragões? *In:* Israel Aparecido Gonçalves. (Org.) **Educação em tempos de pandemia:** desafios e perspectivas. Joinville: editora Areia, 2021. *Kindle*.

TURKE, Nathália Hernandez; MACHADO, Laís Fernanda; MAISTRO, Virgínia Iara de Andrade Maistro. “Quest of Cell”: Um jogo didático como sugestão metodológica para o ensino de citologia. *In:* OLIVEIRA, Silmara Sartoreto de; BASTOS Vinícius Colussi. (Orgs.). **Conexões com o Ensino de Biologia:** desafios, reflexões e abordagens. Londrina: Eduel, 2021. *Kindle*.

VIANA, Gabriela. Pandemia COVID-19: os desafios dos professores para inserção da ead – educação a distância – em universidades de cunho presencial. *In:* Israel Aparecido Gonçalves. (Org.) **Educação em tempos de pandemia:** desafios e perspectivas. Joinville: editora Areia, 2021. *Kindle*.

VIECHENESKI, Juliana Pinto; CARLETTO, Marcia. **Por que e para quê ensinar ciências para crianças.** Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/rbect/article/viewFile/1638/1046>. Acesso em: 19, Out. 2021.

A CONTRIBUIÇÃO DE GAMES E GAMIFICAÇÃO NA EDUCAÇÃO

Hérika Cristina Oliveira da Costa

Introdução

Pensar em Gamificação como uma didática pedagógica interativa, motivacional e engajadora que contribua para o processo de ensino aprendizagem vem ganhando uma visibilidade em diferentes áreas do conhecimento. Nesse contexto, esse artigo objetivou analisar como a Gamificação pode contribuir como um recurso inovador no processo de ensino-aprendizagem na educação contemporânea. Diferenciando com o conceito de games. A metodologia adotada, compreendeu em uma pesquisa de revisão literária de alguns artigos encontrados no site de busca do Google acadêmico e Scielo, assim como também em sites de revistas científicas, obras literárias e demais acervos sobre o tema.

A gamificação é um tema que vem ganhando bastante popularidade no campo educacional e sendo um desafio para os profissionais da área, pois a metodologia propicia criar aulas mais atraentes que ajuda os alunos a desenvolverem seu aprendizado de forma mais dinâmica e engajadora dentro de um processo de ensino-aprendizagem. Nesse cenário, os profissionais estão utilizando mecânicas de jogos para tornar as aulas que poderiam ser consideradas maçantes para uma aula mais atrativa e motivacional.

Diante disso, o objetivo da pesquisa é identificar a importância e contribuição da gamificação para uma educação inovadora. Porém ressaltando também sobre alguns teóricos contemporâneos que defendem o uso de games nas diversas áreas do conhecimento, inclusive na Educação.

Brian Burke (2015) em seu livro *Gamificar*, define a gamificação como sendo o uso de design de experiências digitais e mecânicas de jogos para motivar e engajar as pessoas para que elas atinjam objetivos.

Segundo Muntean (2011, p.323 apud NETTO, 2014 p. 105) “Gamification ajuda os alunos a ter motivação para estudar e por causar *feedback* positivo, eles são levados a tornarem-se mais interessados e estimulados para aprender”.

Partindo de todo esse contexto, organizaremos um embasamento teórico para colaborar com a pesquisa.

Desenvolvimento

Precisamos primeiro conceituar o que são games. Desta forma podemos considerar que game é uma palavra estrangeira, que significa jogo, ou seja, games nada mais é do que jogos digitais, jogos eletrônicos que são jogados em console como Xbox, Nitendo, Playstation e outros que são jogados em computadores ou celulares.

A utilização de jogos na pratica da educação é um fenômeno bem antigo, isso envolve jogos de tabuleiros, cooperativos, jogos de cartas entre outros.

Porém para entendermos mais sobre o tema, vamos partir da Teoria de flow.

Flow é um termo em inglês, que significa fluir. Teoria proposta pelo psicólogo húngaro Mihaly Csikszentmihalyi, que a partir de suas pesquisas sobre felicidade e criatividade, percebeu que esses sentimentos perpassam quando os indivíduos experimentam estados mentais ótimos denominados por ele de Flow ou fluxo, esta sensação envolve a presença da motivação intrínseca, ou seja, que vem de você mesmo.

Portanto um dos objetivos do design de games é manter o jogador nessa linha de fluxo, isso significa que o jogo não pode ser nem muito fácil, para que o jogador não se desanime de jogar, mas também não tão difícil com regras a serem difíceis de cumprir ou

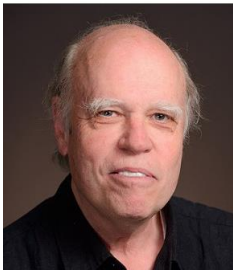
desafios que o jogador não consiga realizar, é necessário um equilíbrio para que o jogador possa se manter nesse estado de fluxo.



Fonte: Estado de Flow – Entenda o que é, e como Alcançá-lo. - GD Artes

O conceito de fluxo é um dos objetivos do design de jogos, portanto podemos utilizar na educação. Muitos professores desejam que seus alunos se interessem pelas aulas sempre, porém não é o que percebemos realmente dentro da educação atual.

Portanto partindo desse ponto de vista da educação, cabe aqui falar um pouco das Teorias da aprendizagem baseada em games, pois existem alguns teóricos que procuram fundamentar a utilização de games em educação. Mas vale ressaltar que existem teóricos da educação como Skinner, Vygotsky, Freire, Rogers, Piaget, que são referências básicas que utilizamos nas Teorias de aprendizagem na Educação, mas temos autores que falam especificamente da Teoria de games, pois criaram teorias para “facilitar” o trabalho com a utilização de games na educação de modo que fosse um sucesso juntamente com a fundamentação teórica.



Fonte: James Paul Gee |
ELMCIP

James Paul Gee – é um pesquisador americano que desenvolveu o conceito dos Princípios da aprendizagem nos games. Ele considera que os games mesmo sendo de entretenimento e não educacionais, possa existir algum tipo de aprendizagem, ou seja, quando nós jogamos um game de entretenimento estamos aprendendo algo. James dentro desse conceito desenvolveu o conjunto de 13 princípios.

Os princípios caem em 3 categorias: A primeira é o aluno com poder, a segunda é a aprendizagem baseada em problemas e a terceira é o como capacitar os alunos chamado de agente ou co-design. Ainda sobre o capacitar alunos Gee fala do princípio da personalização, princípio da identidade e manipulação. Dentro da categoria da aprendizagem baseada em problemas ele enfoca o princípio de sequenciar os problemas que já são conhecidos na educação, o princípio agradavelmente frustrante, o ciclo de especialista, a linguística, Fishtank (complexidade), Sandbox que ele chama de caixa de areia, habilidades sobre estratégias.

Ele também aborda o pensamento sistêmico, em que a maioria dos problemas enfrentados por nós tem a ver com sistemas complexos relacionamos ao meio ambiente, ciências, economia e etc. E que os jogos sérios é o próprio sistema de complexidade, pois precisamos tomar decisões. E isso influencia no alcance dos seus objetivos. Desta forma ele afirma que os jogos é um ganho para a aprendizagem na educação e os professores são os designs.



Fonte: Marc Prensky -
MARC PRENSKY
FALANDO

Marc Prensky – Desenvolveu dois elementos: Aprendizagem baseada em jogos digitais, ou seja, aprender utilizando games e o conceito de nativos e imigrantes digitais.

Ele aborda que jovens que nasceram nessa época digital possuem um outro pensamento e outras ações. Existe uma diferença entre as gerações passadas e as gerações atuais, denominando para os que nasceram e cresceram nessa época deu-se o nome de “Nativos digitais” e para os das gerações anteriores que adotaram a tecnologia na sua vida, chamamos de Imigrantes digitais. Segundo o autor:

Os estudantes de hoje não são mais as pessoas para as quais nosso sistema educacional foi desenvolvido (Prensky,2010, p.61)

Desta forma os Nativos digitais por terem nascidos ou crescido nessa época tecnológica, aprendem de maneira diferente do que os imigrantes digitais. Segundo Prensky “Diferentes tipos de experiências levam a diferentes estruturas cerebrais”. Daí o desafio na educação.



Fonte: Sobre mim | Ian
Bogost

Ian Bogost - é um acadêmico e designer de videogames americano que aborda o conceito sobre games persuasivos. Esses games não são utilizados para entretenimento, diversão, mas são tipos de games que tem o intuito de provocar no aluno uma reflexão. Ele analisa três áreas do conhecimento em que a persuasão dos videogames está

imersa e mostra que tem tido resultados consideráveis: política, publicidade e educação.



Fonte Você me encontrou. |
game designer, autor, futuro
preditor, PhD
(janemcgonigal.com)

Jane Mc Gonigal - é uma designer na área de jogos de realidade alternativa - ou **jogos criados para melhorar vidas reais e resolver problemas do mundo real.** Desta forma ela conseguiu pensar que estes jogos estão nos tornando **virtuoso.** O primeiro conceito foi **“otimismo urgente”,** pois vê esse

otimismo como auto-motivação, ou seja, o desejo de agir imediatamente para alcançar ou passar para um próximo desafio, jogadores são virtuosos em criar “uma estrutura social estreita” Em que são construídas relações sociais mais fortes, a outra é a **“produtividade prazerosa”,** que para ela está relacionado ao sentimento de felicidade e finalmente o **“significado épico”.**

Com base nessas informações percebemos que temos diversos teóricos que trazem para a educação uma fundamentação teórica sobre a utilização dos games na educação, conceito diferenciado de gamificação.

Mas o que é Gamificação?

É a utilização de elementos dos jogos em áreas que não é um jogo, basicamente é aprender com jogos, pegar elementos, técnicas de jogos e aplicar no mundo real, com ou sem a necessidade de tecnologias digitais.

Só que para entendermos sobre gamificação precisamos entender sobre jogos. E quando a gente vai falar sobre jogos, experiências lúdicas a gente tem um autor muito conhecido que é o Johan Huizinga. Ele escreveu o livro *Homu Lodus*. Ele define que o jogo nada mais é do que um fenômeno cultural, algo inerente ao ser humano. Quando falamos de jogos não são somente os jogos digitais, jogos eletrônicos, mas também de outros, como de tabuleiro, quebra-cabeça, tudo são experiências lúdicas.

Então Huizinga criou através de estudos uma teoria chamada círculo mágico. Onde estamos no mundo real cheio de incertezas, dúvidas, tristezas. E quando entramos em um jogo, emergimos em

um mundo de fantasia, aprendendo através de desafios, resolução de problemas para que no momento que termos essas experiências no mundo real possamos saber lidar com os desafios, que já foi vivenciado anteriormente, mas em um mundo virtual.

Claramente constatado na seguinte fala:

A psicologia e a fisiologia procuram observar, descrever e explicar o jogo dos animais, crianças e adultos.

Procuram determinar a natureza e o significado do jogo, atribuindo-lhe um lugar no sistema da vida. (HUIZINGA, 2000, p.9)

Então esse círculo mágico é o que aprendemos dentro do jogo.

Assim que entramos neste círculo mágico as coisas ganham uma nova dimensão e significado.



Fonte: adaptada

Quando a entendemos o círculo mágico, começamos a entender a gamificação.



Fonte: adaptada

Então, a partir daí temos a gamificação que pega o pedaço do jogo, entende-se que essa metodologia pega-se questões do jogo para trazer para o mundo real e o serious play que é o jogo sérios é uma parte da gamificação onde acabamos utilizando elementos de jogos para ensinar coisas sérias no mundo real, para resolver problemas de fato. Um exemplo é o simulador de trânsito que algumas autoescolas utilizam, nesse sentido estão promovendo uma educação por meio de “jogos”, pois entende-se que a pessoa não precisa sofrer danos, como se machucar, sofrer acidente, ter uma batida para aprender a lidar com uma situação do mundo real.

Porém precisamos ter alguns cuidados com a gamificação, pois assim como apresenta algumas vantagens esse método também apresenta algumas desvantagens.

Existem dois erros muito fortes sobre a gamificação, o primeiro é o termo, o mesmo leva se pensar que é um jogo (game), que está ligado ao digital, mas a gamificação não é somente tornar um jogo, é aprender com jogos para resolver problemas, motivar as pessoas, tentar trazer essa imersão do jogo para o mundo real.

O outro risco de entendimento que temos é o famoso PBL Points (pontos) Badges (conquista) Leardboards (Rankings), existem um risco nessa superficialidade, quando é somente usado esses elementos.

A gamificação é muito mais que isso. Envolve entender os aspectos emocionais, o que faz a pessoa querer algo e não querer, entre outros aspectos.

E o X da questão é como usar corretamente todos esses elementos de jogos e criar um sistema gamificado que seja realmente engajador.

A gamificação é a aplicação dos recursos e mecânicas de um ambiente específico, sem a necessidade de uso de um software ou hardware, porém isso foi somatizado por conta do momento de pandemia e o avanço da tecnologia, mas a gamificação pode ser aplicada de muitas e diferentes formas, com inúmeros propósitos desde a utilização em um ambiente corporativo até no ambiente escolar.

Quando trabalhamos outros pontos, como reconhecimento, elogio, incentivos e não somente recompensas físicas temos um resultado bem melhor.

Partimos então, para a utilização de algumas técnicas de gamificação na sala de aula, pois precisamos usar a criatividade para envolver os alunos nas atividades propostas.

Técnicas de gamificação

Narrativas (storytalle) – nada mais é do que colocar um enredo, um significado relevante, uma história, contexto, criar histórias.

Sorte de principiante (Beginnner's Luck) – Você passa de nível fácil no começo, isso te incentiva a jogar mais, pois ele passa a acreditar que é sempre bom.

Na sala de aula podemos trabalhar, trazer atividades fáceis e ao longo do processo o grau de dificuldade vai aumentando.

Criando do zero – Colocar o aluno para pesquisar, faz com que ele crie propriedade e domínio do conteúdo. Isso dá a chance de ele ir sempre em busca e se aprofundar.

Mentoria – trabalhar a mentoria com os alunos também. Por exemplo aquele aluno se destaca um pouco mais, pode mentorar um aluno que tem um grau de dificuldade.

Escolhas significativas – É dá possibilidades de escolhas.

Pausas torturantes – O feedback instantâneo é um mantra da gamificação, mas na educação é interessante dá um tempo para que os alunos conversem sobre o assunto que está sendo trabalhado.

Guidas – Trabalhar em equipe aqui podemos trabalhar a competitividade ou a cooperação.

Puzzles – desafios cognitivos, enigmas, quebra-cabeça. Envolve muito o raciocínio lógico e resolução de problemas.

Estado de vitória – Quando o aluno sente aquela emoção magnífica de ter vencido, ter cumprido o desafio.

Essas técnicas podemos utilizar mesclando com os PBL, inclusive com outras metodologias ativas, como as ABP (Aprendizagem baseada em problemas) ABP (Aprendizagem baseada em projetos), entre outras.

E trabalhando nesse contexto de educação, a Gamificação também apresenta suas vantagens como metodologia. Temos:

- Facilita o conteúdo;
- Promove o engajamento;
- Aumenta o interesse do aluno;
- Estimula a criatividade;
- Persistência e interatividade.

Diante de toda essa contextualização o ato de planejar é fundamental, para a realização de uma atividade gamificada, pois assim professores e colaboradores da educação conseguirão analisar e reformular o que não deu certo.

Considerações finais

Diante do estudo realizado, conclui-se que a gamificação na educação é uma ferramenta engajadora e motivacional, que não necessita da tecnologia digital, pois ela pode ser utilizada e aplicada sem precisar de toda essa tecnologia inovadora. Que diferentemente do conceito de games que são jogos virtuais ou

jogos de console. A gamificação é uma metodologia que traz como apoio para a educação a utilização dos elementos utilizados em jogos, que possuem como essência a motivação, autonomia, aprendizado, cooperação, interatividade de modo que o aluno seja o protagonista nesse processo.

Verificamos que a metodologia também possui suas desvantagens e é necessário ficar atento a esses pontos negativos, pois é fundamental que a Gamificação não seja o único recurso a ser trabalhado em uma sala de aula, principalmente se forem utilizados somente os PBL, possivelmente o retorno será um fracasso. Hoje temos diferentes e diversas formas de Metodologias ativas. Portanto cabe verificar a melhor que se adequam a realidade de sua turma.

Referências

BACICH, Lilian, MORAN, José (Org.). **Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática**. Porto Alegre: Penso, 2018.

BACICH, Lilian; NETO, Adolfo Tanzi; TREVISANI, Fernando de Mello (Org). **Ensino Híbrido: personalização e tecnologia na educação**. Porto Alegre: Penso, 2015.

BOMFOCO, Antônio Marcos; AZEVEDO, Victor de Abreu. **Os jogos eletrônicos e suas contribuições para a aprendizagem na visão de J.P. GEE**. CINTED-UFRGS, v.10, nº 3, 2012.

BURKE, Brian. **Gamificar: como a gamificação motiva as pessoas a fazerem coisas extraordinárias**. São Paulo: dvseditora, 2015.

HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura**. 4ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2000

PRENNSKY, Marc. **“Não me atrapahe, mãe – eu estou aprendendo! ”: como os videogames estão preparando nossos filhos para o sucesso do século XXI - e como você pode ajuda**. São Paulo: Phorte, p. 61. 2010.

Disponível: <MARC PRENSKY FALANDO>Acessado em 28 de setembro 2021.

Disponível: <Estado de Flow – Entenda o que é, e como Alcançá-lo. - GD Artes> Acessado em 30 de Setembro 2021.

Disponível: <A teoria do fluxo de Mihaly Csikszentmihalyi - Empresas> Acessado em 30 de Setembro 2021.

Disponível:<<https://www.youtube.com/watch?v=4aQAgAjTozk&t=185s>>Acessado em 01 de Outubro de 2021. Disponível: <Você me encontrou. | game designer, autor, futuro preditor, PhD (janemcgonigal.com)> Acessado em 01 Outubro 2021.

FAMÍLIA COMO MEDIADORA DO CONHECIMENTO

Léia Flauzina da Silva de Albuquerque

INTRODUÇÃO

A educação de uma criança é feita em conjunto pela família e pela escola. Uma precisa andar de mão dada com o outro.
(Marianna Moreno)

O presente tema aborda o papel da família como mediadora do conhecimento em tempos de pandemia. Nesse momento foi necessário o isolamento domiciliar, alterando conseqüentemente toda a rotina familiar. Entendemos como família a primeira instituição que todo ser humano tem seu primeiro contato, constituída por um conjunto de pessoas que possuem um grau de parentesco bem próximo. Que vivem em um mesmo espaço formando assim um lar. É nesse lar que o sujeito constrói seu base socioafetivo. Dentro do contexto histórico é o lugar de cuidado, segurança, carinho e transmissão de valores próprios, é nesse espaço que a criança começa ter conhecimento de mundo. De acordo com a Constituição Federal.

É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão. (BRASIL, 1988, Art. 227).

Agora essa família se ver frente a um desafio de ser a mediadora direta do conhecimento frente a situação pandêmica do

mundo em relação as aulas online. O estudo dessa temática visa abordar como mudou todo o processo de adaptação familiar. A família, como tutores primordiais da criança, desempenha o papel de suma importância na educação orientando e apoiando na formação do seu caráter. É no seio familiar que se inicia o desenvolvimento saudável de bem estar e de boas condutas de interação positiva para seu pleno desenvolvimento, possibilitando a oportunidade de ser viver em diferentes ambientes na qual se constrói dentro do espaço familiar. Nessa conjuntura de desafio família e escola vivenciaram momentos difíceis para uma nova readaptação de aprendizagem. A contribuição da família nesse momento foi indispensável.

QUAL É O PAPEL DA ESCOLA?



O papel da escola da escola culturalmente exerce o papel fundamental na sociedade de: garantir a criança o acesso ao conhecimento, promover a sua construção moral e ética. Tecendo a formação dos educandos conscientizando para uma formação crítica e como mediadora de transformação para a sociedade.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais elaborado pela Secretaria de Educação Fundamental do Ministério da Educação (MEC), em 1998, ressalta os principais objetivos do ensino fundamental da escola.

- Compreender a cidadania como participação social e política, assim como exercício de direitos e deveres políticos, civis e sociais, adotando, no dia a dia, atitudes de solidariedades, cooperação e repúdio às injustiças, respeitando o outro e exigindo para si mesmo o respeito;
- Posicionar-se de maneira crítica, responsável e construtiva nas diferentes situações sociais, utilizando o código como forma de mediar conflitos e de tomar decisões coletivas;
- Conhecer características fundamentais do Brasil nas dimensões sociais, materiais e culturais como meio para construir progressivamente a noção de identidade nacional e pessoal e o sentimento de pertinência do país;
- Conhecer e valorizar a pluralidade do patrimônio sociocultural brasileiro, bem como aspectos socioculturais de outros povos e nações, posicionando-se contra qualquer discriminação baseada em diferenças culturais, de classe social, crenças, de sexo, de etnia ou de outras características individuais e sociais;
- Perceber-se integrante, dependente e agente transformador do ambiente, identificando seus elementos e as interações entre eles, contribuindo até novamente para a melhoria do ambiente;
- Desenvolver o conhecimento ajustado de si mesmo e o sentimento de confiança em suas capacidades afetiva, física, cognitiva, ética, estética, de inter-relação pessoal e de inserção social, para agir com perseverança na busca de conhecimento e no exercício da cidadania;
- Conhecer o próprio corpo dele e cuidar, valorizando e adotando hábitos saudáveis como um dos aspectos básicos da qualidade de vida e agindo com responsabilidade em relação à sua saúde e a saúde coletiva;
- Utilizar as diferentes linguagens-verbais, musical, matemática, gráfica, plástica e corporal- como meio para produzir, expressar, atendendo a diferentes intenções e situações de comunicação;

- Saber utilizar diferentes fontes de informação e recursos tecnológicos para adquirir e construir conhecimentos;
- Questionar a realidade formulando-se problemas e tratando de resolvê-los, utilizando para isso o pensamento lógico, a criatividade, a intuição, a capacidade de análise crítica, selecionando procedimentos e verificando sua adequação.

Durante o período pandêmico a relação família e escola foi mais cingida e imprescindível pois ambas estavam com a responsabilidade de assegurar a criança o melhor possível no ensino aprendizagem. Pois para muitas crianças essa mudança trouxe muita insegurança quanto ao aprender, a falta de socialização com os amigos. A pesquisa realizada pela fundacaolemann.org aponta que 71% dos responsáveis pelos estudantes estão valorizando mais o trabalho desenvolvido pelos professores e 94% consideram muito importante que os docentes estejam disponíveis para correção de atividades e esclarecimento de dúvidas durante as aulas não presenciais. Outro efeito importante da pandemia para a educação é que a maioria (64%) também considera que as aulas não presenciais foram eficientes no aprendizado aos estudantes, enquanto 36% afirmam que não foram eficientes. Dados que revelam quando a família se envolve com as atividades escolares, quando se trabalha uma rotina que auxilia no aprendizado da criança o retorno é positivo. A conexão família e escola durante 2020 contribuiu para um trato mais planejado, compartilhando diretamente com o educador se criou um espaço de diálogo sistemático e acolhimento socioemocional, pilares que se estreitaram o ano letivo de 2021. Foi primordial que ambas, família e escola seguissem os mesmos princípios e critérios, a mesma direção em relação aos objetivos que desejavam atingir. O inevitável objetivo em comum, é cada uma deve fazer sua parte para o alvo e o caminho do sucesso, que visa proporcionar as crianças e jovens a um futuro melhor, ao aluno uma segurança na aprendizagem de forma que venha criar cidadãos críticos para enfrentar as diversidades. Nessa integra o acompanhar as atividades promovidas pela escola, bem como promover condições

para estimular o pleno desenvolvimento. A unificação de todos os esforços se faz necessários diante do cenário atual. A criança aprende o tempo todo, o papel da família é nesse momento e fundamental, pois é ela que decide, desde cedo, o quê seus filhos precisam aprender, qual é a escola que seus filhos irão estudar e as decisões futuras dos menores.

O envolvimento dos pais na educação das crianças tem uma justificativa pedagógica e moral, bem como legal [...] Quando os pais iniciam uma parceria com a escola, o trabalho com as crianças pode ir além da sala de aula, e as aprendizagens na escola e em casa possam ser complementares mutuamente” (SPODEK; SARACHO, 1998, p. 167).

Se a família se engajar em suas responsabilidades com a educação da criança tanto quanto a escola, se faz necessário que ambas mantenham uma relação que possibilite a realização de uma educação de qualidade. O compartilhamento de informações entre educadores e família terá resultados que irá propiciar soluções dos problemas enfrentados pelas crianças garantindo, como afirma Tiba (2002, p.3) “quando a escola, o pai e a mãe falam a mesma língua e tem valores semelhantes, a criança aprende sem conflitos e não quer jogar a escola os pais e vice-versa”.

Foi observado durante esse período que as experiências vividas por muitas famílias trouxe momentos positivos enquanto para outras famílias momentos negativos. Positivos por otimizar os laços afetivos e por reconhecer a necessidade de participar mais da vida educacional dos filhos. Na experiência negativa se percebeu que muitos pais não conseguiram dar conta, pois muitos transferiu seus ofícios para casa, onde o tempo, horários não se conciliava com a dos filhos. Neste momento, entra o retorno da escola aliando conteúdos e contribuindo de toda forma para que tudo dê certo, em relação as necessidades da criança principalmente para que as questões emocionais das crianças do outro lado da tela fortalecendo sua autoestima e confiança. A pandemia acentuou a dificuldade dos alunos com dificuldade de aprendizagem levando

esse educador se reinventar se adaptar as novas tecnologias e se transformando para ser parceiro das famílias.

Assim podemos concluir que em tempos de pandemia o papel da família contemporânea foi de suma importância. Foi necessário se adequar ao aprendizado dos filhos, desenvolver rotinas, estratégias para estabelecer uma aprendizagem significativa para seus filhos. Essa parceria família e escola só foi possível pelo empenho e engajamento de ambos em um momento tão difícil, foi possível aproximar as famílias ainda mais da escola, por meio de propostas lúdicas que envolviam pais e filhos. A quarentena deixou claro que famílias e escolas precisam estar unidas em torno de um mesmo objetivo: a Educação das crianças. Muitas famílias observaram a importância do educador na vida de seus filhos, o espaço escolar como um espaço de promoção de aprendizado e de socialização. Assim sendo é de extrema importância que a escola mantenha professores e recursos atualizados quanto as atividades estabelecidas para as famílias contribuindo assim para uma boa de proporcionar uma boa de forma de oferecer um ensino de qualidade para seus alunos ainda que em tempos pandêmicos. A participação dos pais com os filhos foi o de apoiar na organização da rotina e na motivação dos estudos. Por mais que esse momento tenha trazido uma proximidade, uma convivência precisa ser ressignificada a cada dia, para que pequenas atitudes não virem grandes problemas no seio familiar. Não há como negar que olhar para esta realidade, em que estamos permanentemente juntos, com um olhar que trabalhou de forma que exercitou a paciência, a tolerância, a criatividade para fazer o melhor diante das demandas. Durante esse período do ensino remoto emergencial, os responsáveis tiveram o papel de “mediadores” no processo educativo das crianças, recebendo orientações dos professores e professoras. Nos anos finais, os alunos foram incentivados a desenvolver maior autonomia, realizando atividades não presenciais com a orientação dos professores.

Em abril de 2020 o Conselho Nacional de Educação (CNE) elaborou diretrizes para as escolas durante o isolamento social, e

afirmou que o papel da família é essencial para manter o vínculo com as instituições e evitar retrocessos no desenvolvimento dos estudantes. Observamos que os primeiros momentos foi trabalhando em como fazer se ajustar ao novo que apareceu de repente. Agora após um ano o momento é de se organizar, planejar para o que foi aprendido para oportunizar e reafirmar as questões educacionais.

Uma criança feliz é aquela que vê seus pais interessados
no que ela está aprendendo na escola.

Marianna Moreno

REFERÊNCIAS

ARANHA, M.L. DE A. **Filosofia da Educação**. São Paulo: Moderna, 1989.

ARAÚJO, Ceres Alves de. **Pais que educam – uma aventura inesquecível**. São Paulo: Gente, 2005.

BRASIL, Constituição (1988), capítulo VII - **Da Família, da Criança, do Adolescente, do Jovem e do Idoso**, Art. 227. Disponível em: http://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/con1988_07.05.2015/art_227_.asp. Acesso em 18 agosto 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, LDB Nº 9.394, DE 20 DE DEZEMBRO DE 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm>.

BRITO, K. R. S; FREITAS, V. O. **Escola e Família: responsabilidade compartilhada**. In: VI Colóquio Internacional 'Educação e Contemporaneidade', 2012, São Cristóvão. Educação, Sociedade e Práticas Educativas, 2012. Disponível em http://educonse.com.br/2012/eixo_02/PDF/154.pdf. Acesso em 27/05/20.

CARVALHO, M. E. P. **Relações entre família e escola e suas implicações de gênero**. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n.110, p. 143-155, jul. 2000.

CATANANTE, FLÁVIA; CAMPOS, ROGÉRIO CLÁUDIO DE; LOIOLA, I. **Aulas Online Durante a Pandemia: Condições de**

Acesso Asseguram a Participação do Aluno? Revista Educação Científica, v. 4, n. 8, p. 977-988, 26 out. 2020. Disponível em <https://periodicosrefoc.com.br/jornal/index.php/RCE/article/view/122>

CURY, Augusto. **Pais brilhantes, professores fascinantes**. 3 ed. Rio de Janeiro: Editora Sextante, 2003.

DESSEN, Maria Auxiliadora; POLONIA, Ana da Costa. **A família e a escola como contextos de desenvolvimento humano**. Paidéia (Ribeirão Preto), v. 17, n. 36, p. 21-32, 2007. Disponível em https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103863X2007000100003&script=sci_arttext. Acesso em: 30/09/2020.

DI SANTO, J. R. **Família e Escola: uma relação de ajuda**. Disponível em: Acesso em: 13 set. 2021.

GARCIA, E. G. Veiga, E.C. e (2006). *Psicopedagogia e a teoria modular da mente*. São José dos Campos: Pulso.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M.E.D.A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**, São Paulo: EPU, 2011.

MACHADO, Patrícia Lopes Pimenta. **Educação em tempos de pandemia: O ensinar através de tecnologias e mídias digitais**. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano 05, Ed.06, Vol. 08, pp. 58-68. junho de 2020. ISSN: 2448-0959, disponível em <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/tempos-de-pandemia>

PAROLIN, Isabel. **As dificuldades de aprendizagem e as relações familiares**. Livro da 5ª Jornada de Educação do Norte e Nordeste. Fortaleza, 2003.

REGO, T. C. Memórias de escola: **Cultura escolar e constituição de singularidades**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003

SPODEK, Bernard; SARACHO, Olívia N. **Ensinando crianças de 3 a 8 anos**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

TIBA, Içami. **Quem ama educa**. São Paulo: Gente, 2002.

VASCONCELOS, Celso dos Santos. **Disciplina: construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola**. 7. ed. São Paulo: Libertad, 1989.

WEBER, Gilvani Abatti; SILVA, Irene Ferreira de Souza da. **A Importância da Família na Escola: A importância dos pais no**

processo educativo dos filhos e o papel exercido pela escola na educação dos filhos. 2006. Não paginado. Disponível em: <https://monografias.brasilecola.uol.com.br/pedagogia/aimportancia-familia-na-escola.htm>. Acesso em 07/10/2021.

ESCOLA TAMBÉM PODE SER NO LAR

Liliane Musumeci Ferreira

Introdução

Ao pensar em estudar, qual à importância, por que aprendermos refletimos na evolução social e humana e na sua organização para transpor regras e normas necessárias para evolução e convívio social.

Os estudos artísticos, filosófico, tecnológico, científico, político, matemática, científico e social, as disciplinas escolares nos ensinam e nos ajudam a pensar de maneiras diferentes sendo de forma lógica e mais exata, seja de forma abstrata, conceitual, semântica, etc...

Buscar conhecimento percebemos que no lar as famílias ensinam costumes, valores, religiosidade de acordo com seu contexto social, na instituição ou escola os professores nos ensinam conteúdos de diversas disciplinas, na faculdade e cursos profissionalizantes nos esclarecem com detalhes instrumentos para nós tornarem profissionais capazes de reproduzir e criar novas possibilidades.

Preocupação para o despertar na busca do conhecimento, desafiando e permitindo se aprofundar no conhecer ou saber para uma postura investigativa e sobre tudo, desenvolver hábitos para obter uma rotina realmente saudável que funcione para conseguir aprender o que estão propondo ou o que deseja.

Pesquisa bibliográfica com fontes fidedignas respeitando os desafios concretos do dia-a-dia. Porque estudar realmente é desafiador e exige uma postura de reformulação intelectual ao deparar-se com novos desafios, temos que separar novos conteúdos ou estudar novos conteúdos, o que fazemos? Tudo acontece para

distrair a sua atenção, toca o telefone, alguém te chama, a organização da casa, sono, televisão, séries, enfim entre outras distrações.

De acordo com a lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (LDB 9394/96) vem regulamentar e garantir o direito a educação de caráter formativo e social em diversos âmbitos escolar, familiar, etc.. sem a exclusão e valorizando a liberdade de aprender, ensinar, incluir todos de forma integral.

Estudos atualmente buscam entender diversas metodologias que estão sendo desenvolvidas na escola e fora da escola com o objetivo de despertar o interesse e a curiosidade dos alunos para os novos saberes. Propor atividade lúdica é uma das formas mais interessantes para abordar temas que relacionam o conteúdo de uma determinada disciplina com o cotidiano do aluno (OLIVEIRA, 2004). São também instrumentos que motivam, atraem e estimulam o processo de construção do conhecimento, sendo uma ação divertida e educativa. Desse modo, se a atividade lúdica possui regras, segundo Soares (2004), essa atividade pode ser considerada um jogo.

Com os novos instrumentos tecnológicos presentes na sociedade é preciso saber utilizar como recursos para os novos saberes na inserção na aplicação de novos recursos. Para Ferreira e Machado (2002, p. 1);

Inicialmente a tecnologia aplicada à educação apresentava como característica a possibilidade do emprego de instrumentos com o objetivo de racionalização dos recursos humanos e, sobre um ângulo mais abrangente, da prática educacional. O seu campo de atuação era bastante tecnicista, sendo colocado em evidencia a utilização dos instrumentos sem uma averiguação do seu impacto no campo cognitivo e social. Hoje em dia a tecnologia educacional está mais associada as novas modalidades de comunicação que existem a partir da interatividade e da formação de redes de computadores. Este novo enfoque relaciona-se com a globalização dos mercados, a aceleração do que está sendo produzido, a inter-relação entre as várias culturas, o crescimento e a difusão da tecnologia, com o efeito da significação social do conhecimento, da incorporação da automação e da robótica na produção industrial, bem como o empobrecimento como efeito não desejado da aplicação de tecnologias sem observar as complicações sociais decorrente da sua utilização sem pensar numa política social.

Buscando de ferramentas adequadas para desenvolver formas mais dinâmicas de construção social do conhecimento, com a intenção de instigar e compreender os fundamentos que dão bases ao processo de aprender e que levam às indagações no processo de construção de conhecimento.

Pesquisa realizada por meio do levantamento de material bibliográfico e artigos científicos. Embasados nas informações e leis já existentes LDB, BNCC e os autores Freire, Oliveira, Vygotsky. No período dos meses de julho a novembro de 2021, primeiro momentos foram colhidas as informações gerais e depois foram selecionadas aquelas mais relevantes.

Aprendizagem e caminhos à percorrer

Educação e seus caminhos são as diversas transformações no processo de evolução, criando e reconfigurando as mudanças sociais. Inovar e expandir a busca do saber com as novas realidades, tendências e tecnologias, irá nos deixar mais atentos para construir o conhecimento desenvolvendo as suas capacidades reflexivas para aprender a pensar como sujeito integral na sociedade.

De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) pensar em educação é confrontar um conjunto de desafios de ordem social, econômica, pedagógica de fenômeno tipicamente humano apropriando de cultura garantindo as novas gerações das heranças intelectuais, científicas, artísticas, lógicas, espirituais produzidas ao longo da vida, formando o ser humano em sua totalidade, tanto intelecto quanto físico e social, podendo ser individual ou coletivo.

No artigo 61 da LDBEN 9.394/96, em seu parágrafo único, orienta-se os fundamentos para a formação dos profissionais de educação, “[...] de modo a atender às especificidades do exercício de suas atividades, bem como aos objetivos das diferentes etapas e modalidades da educação básica, terá como fundamentos [...]” (BRASIL, 1996, p. 20). Sobre esse artigo, faz-se necessária a

formação tecnológica dos professores para desenvolverem saberes tecnológicos em suas aulas.

A aprendizagem ocorre de formas diferentes e em tempos diferentes para cada indivíduo, ao analisarmos o ato de estudar pensamos em qualidade, assim reinventar, recriar, reescrever fazem parte do processo para concluir as ações e tarefa. Observando todas as maneiras para exercitar o aprender a conhecer e aprender a fazer com etapas diferentes.

Segundo Bruner (1976), o aprendiz deve rever determinados conteúdos com diferentes níveis de aprofundamento, isso supõe um currículo em espiral. Este método consiste em apresentar conceitos básicos e fazer revisões destes primeiros conceitos com um aprofundamento e complexidade maiores.

Entendendo que a criança aprende o básico sobre um assunto e revisita o mesmo assunto incorporando os conhecimentos mais complexos como em uma espiral. Para Soares (2010, p. 18);

esclarece que as atividades lúdicas estão presentes em todas as classes sociais, crianças de várias idades brincam, se divertem através da ludicidade.

Na busca e construção de pontes seguras para formar cidadãos com atitudes críticas é a mesma que deve ser tomada diante do mundo, da realidade e da existência. Desenvolvendo um estilo de vida com direitos, a cultura, igualdade de cidadania e valorização do desenvolvimento sustentável.

Aprendizagem para pensar sobre, interrogar e discutir para construir conceito dentro de uma amplitude da aprendizagem é sim, reconfigurar e considerar o conhecimento prévio dentro da ação e tarefa, podendo sistematizar o desenvolvimento junto com experiências de transformações e de reparações, onde a busca de novos saberes se inicia dentro deste conjunto proposto as normas pedagógicas. Destacamos alguns benefícios de estudar para a saúde mental e física, para a carreira e para a vida de uma forma geral.

Ao propor o estudo entende-se à importância de inserção do lúdico, para a busca de interesses de novos conhecimentos,

compreendendo que estudar é difícil, pois exige postura de organização, exercitar em sua interação com conjuntos temáticos, de forma transdisciplinar, interdisciplinar ou multidisciplinar.

Ao introduzir os conteúdos com os recursos tecnológicos de forma lúdica e interativa, os envolvidos faram a busca do conhecimento com uma compreensão de maneira mais leve.

Para Matos (2013, p. 139);

explica que a ludicidade é uma ferramenta muito importante para a formação das crianças, pois é através dela que a criança desenvolve seu saber, seu conhecimento e sua compreensão de mundo.

Ao ler ou escrever um texto propõem-se um ambiente iluminado, local onde não ocorra dispersão da atenção e fique claro, estar longe do celular, assim possuindo uma visão global tende ao significado de sua globalidade. Que o leitor desperte por algum momento estimule a reflexão podendo fixar-se a análise entre o conteúdo e o objeto de estudo que atualmente esteja envolvido.

Educando a memorização para a sua compreensão dos desafios, passa a ser a memorização do mesmo; o estudante conseguindo fazer, terá alcançado o sentido de compreender e entender os novos conceitos.

Compreender que ao estudar exige dedicação, assumir o papel de sujeito deste ato, significa que é impossível um estudo sério, o que estuda se põe em face do texto como se estivesse magnetizado pela palavra do autor, à qual emprestasse uma força mágica. Se comporta passivamente, “domesticamente”, procura-se apenas memorizar as afirmações do autor. Deixar-se “invadir” pelo que afirma o autor, se transforma numa “vasilha,” que deve ser enchida pelos conteúdos que ele mesmo retira do texto para pôr dentro de si mesmo.

A utilização das novas tecnologias para conseguir chegar mais perto da realidade, faz o exercício de desperta curiosidades. Acrescentar gradativamente o hábito de estudar, desenvolve exercícios de aprendizagem constante, estimula a mente, cria anotações e o registro de ideias ou dúvidas, é importante no

decorrer dos estudos ressaltar o que for mais importante sobre o assunto, construir desafios que devem ser respondidos.

Ao estudar assumimos uma postura de humildade com a atitude crítica e com ação dialógica com o autor do texto, implicando na percepção do conhecimento, criando e recriando tendo como objetivo;

- plano de partida com começo, meio, final;
- criar metas mensuráveis, análise de ações e intenção;
- acompanhar as ações com frequência;
- decidir ou verificar os prazos para entregas cotidianas
- listar os conteúdos a serem executadas;
- dividir as grandes tarefas menores e mais gerenciáveis.

Cuidados necessários para a igualdade social, atentos a orientar e desafiar a transição do processo na educação.

A aprendizagem centrada no aluno com aulas diferentes para potencializar o ensino a distância construtivista, construcionismo, construtivismo social, comportamento conectado e separado da pedagogia socioconstrutivismo.

Refletindo sobre as perspectivas de mudanças e inovações tecnológicas não podemos esquecer que toda mudança gera conflitos e obstáculos. Muitos profissionais resistem a novas tecnologias sendo convictos de sua prática se opõem à refletir sobre novas maneiras de ensino/aprendizagem.

A educação remota e as novas tecnologias apoiam-se dentro do ensino de aprendizagem, onde se fortalecem com o processo e as formas de interligações a novos saberes, modelando caminhos que a educação vem sendo transformada gradativamente de maneira eficaz.

Hoje temos o ensino nas plataforma Moodle que é uma sala de aula virtual onde o aluno pode acompanhar as atividades online, de forma híbrida ou mista é o ensino com metodologia on e off-line.

EAD - Ensino a Distância modalidade de ensino ocorrida em ambiente virtual, ou seja, sem a necessidade de presença física em uma universidade para o processo de aprendizagem.

MOOCs - Cursos Online Abertos e Massivos , oferecidos conteúdo de várias universidades como Harvard, Berkeley, Stanford, USP, totalmente gratuitos e virtuais.

SPOC - Cursos Online Pequenos e Privados, para pequenos cursos online, objetivo em tese é garantir a qualidade do aprendizado para um público reduzido, evitando a dispersão causada pelo excesso de alunos, o que geraria a conseqüente perda do foco.

Ensino flipped classroom são aulas invertidas com aprendizagem e designer educacional de 3 horas para leitura e 1 hora para discussão, seguindo um cronograma.

Ao planejar a estimulação de novos conteúdos neste novo momento de ensino/tecnologia observamos que introduzir jogos de maneira lúdico na inserção de novos conteúdos, estimula o interesse e assimilação propostos.

Os jogos e brincadeiras podem introduzir de forma lúdico no processo de ensino aprendizagem e contribui para os novos conhecimentos.

Do conhecimento mais simples ao mais complexos leva-se o vetor de cada passo dentro de uma longa jornada e sempre ele: o professor com a missão de ganhar aliados de peso, as novas tecnologias a novos conhecimentos e acreditamos que tal poder poderá ser transformador dentro da importância daquilo que conhecemos como inclusão digital.

Quando abrimos novas janelas damos ao primeiro passo ao acesso a diferentes culturas, e a saberes mais remotos de todo o planeta e esse tipo de informação faz com que o desejo do conhecimento se torne possível para muitas pessoas: conhecimento existe para ser compartilhado e multiplicado.

A tecnologia além de ser uma ferramenta poderosa ela conduz o ensino e desenvolvimento cognitivo das crianças. Imagens podem se comunicar mais que palavras e facilitam a construção de conceitos relevantes, além disso a velocidade favorece o desenvolvimento do pensamento ágil e lógico, e acaba colaborando com a flexibilidade do raciocínio.

No momento atual, temos plataformas e jogos interativos para aquisição de conhecimento para desenvolver problemas com o objetivo de refletir sobre a importância dos jogos e das brincadeiras, deixando visível os benefícios na aquisição e exploração do conhecimento. De acordo com Silva (2012, p.10),

As brincadeiras e os jogos são imprescindíveis no desenvolvimento da criança, tornando-se atividades adequadas no processo de ensino e na aprendizagem significativa dos conteúdos curriculares. Pois, possibilita o exercício da concentração, da atenção e da produção do conhecimento.

Lidar com os sentimentos e as emoções, desenvolvendo, ampliando, contribuindo, incentivando com qualidade com temáticas, contextualiza e estimula visualmente a busca para uma boa conversa, nesse ponto inicia-se com uma boa pergunta, procurando pontos de interesse, dirigir as perguntas para dar sentido ao assunto, reformular as perguntas, fazer conexão pessoais ao assunto, paciência porque cada um tem seu tempo de aprendizagem, e formação de estrutura para execução de todas as respostas sejam ótimas.

Ficar atentos ao ler e ressaltar as ideias principais fazendo associações com materiais originais, testes e revisão com o seu próprio conhecimento codificando e decodificando. Compreender e praticar da solução de um problema de maneira instantânea.

Distribuir para a aprendizagem em qualquer assunto, com assimilação aos poucos no dia-a-dia, faz do nosso cérebro um músculo de percepções. Gradativamente, obter técnicas diferentes e misturar situações de problemas para trabalhar diversas situações reais com assimilação múltiplas na mesma sessão.

Antes de uma avaliação, faça uma revisão, certifique-se de que todos tiveram êxito no assunto de maneira eficaz, escreva a mão ou digite um problema de um lado de um cartão e a solução do outro. Faça pausas para observar todas as situações problemas ou entender conceitos, para que outra parte de sua mente possa assumir e trabalhar em segundo plano.

Se deparando com dificuldade perguntar, debater, roda de conversa permite que codifique o conteúdo.

Preparar o local de estudo com luz adequada, cadeira e mesa para assistir a aula ou fazer a lições, desligue o celular, desligue o telefone residencial, não ligue a TV, não ligue o rádio, não observe lá fora. Concentre-se no momento, quando o tempo terminar, recompense-se com um pouco de diversão.

Ter o hábito de regras na hora do estudo, organizar local e espaço fazer um momento prazeroso e simplesmente natural do dia-a-dia realmente os estudos vão progredir de forma harmoniosa.

Principalmente ter sonhos, metas para onde seus conhecimentos iram te levar, dar sentido e ver que seus estudos terão recompensa para você e que ama.

Importante e necessário o envolvimento com comprometimento da família para o sucesso durante os estudos com êxito. Promover a **participação dos familiares nas mudanças a serem implementadas** para a adoção da tecnologia em sala de aula é outro passo fundamental no engajamento da aprendizagem.

Conclusão

Pensa no ensino/aprendizagem devemos garantir o conhecimento transformador e desafiando situações diversas dia-a-dia. Atentos com um olhar sempre diferenciado as novas transformações e tecnologias para garantir a valorização o respeito os direitos e as diferentes contextualização cultural.

Hoje a escola tem um novo olhar sobre a aprendizagem significativa, a escola não é a única forma de aprender. A tecnologia vem auxiliando ao novos saberes permitindo explorar práticas inovadoras em ambiente diversos, contextualizando ao universo estudantil.

Ao estudar no lar, na escola ou fora do ambiente escolar, aulas remotas desenvolvemos a autonomia, responsabilidade e exercitamos a alta disciplina com os estudos. Oportunizando a pesquisa, vídeos, exploração das atividades extraclasse com recursos tecnológicos, incluindo todos.

A tecnologia as transmissão de informações é primordial colocar a educação além dos estímulos individuais para adquirir conhecimento científico, assim desenvolver atitudes e comportamento para a cidadania no contexto social.

Compreender que as aulas remotas temos que desenvolver inúmeras estratégias para auxiliar situações diversas de cada indivíduo com sua realidade social. Dificuldades iram aparecer, apontar recursos e oportunizar a internet, orientar a organizar o tempo de estudo, preparar o local de estudo para a concentração e conciliação do estudo, ter rotina e preparar o local de estudo, dialogar e acompanhamento todo o processo para compreender. A família colaborar com os momentos dedicados aos estudos.

Quando refletirmos sobre educação por vezes acionamos comandos pedagógicos frequentemente esquecido a tecnologia vive dentro de uma época em que a sociedade geral pede uma visão tecnológica em relação ao mundo alguns professores não conseguem responder ao futuro obstáculos da educação somente com conhecimento científico, face imprescindível construir não só um conhecimento tecnológico educacional para ministrar seu conteúdo, alguns contextos serão utilizados ao processo ensino aprendizagem sendo assim é proposto sobre uma reflexão em desarmonia do olhar e da ideologia de sistematização tecnológica. Busca-se analisar precisam de uma formação efetiva de docentes, é inerente as diversas formas de aprendizagem assim como metodologias pedagógicas que podem ser mais aceitáveis, dessa forma todo conhecimento deverá ser formulado de acordo com cada componente curricular atrelado às tecnologias.

Capacitar pensamentos para construir um mundo melhor e pensar em estudo afirmamos que é a base para alicerçar a vida com instrumentos facilitador.

É comum perceber ações simultâneas na educação onde mediar o ensino é mediar a comunicação, sobre tudo surgem como alternativa para facilitar, aprimorar e aperfeiçoar o caso de estudo sobre o campo da educação e mais, o principal objetivo começa a inserir plataformas dentro do contexto escolar onde o acesso se torna mais viável.

Hoje o computador é entendido como uma ferramenta pedagógica pois é responsável por melhorar a qualidade e otimizar o processo de ensino aprendizagem.

O construtor do conhecimento que é o professor será o responsável pela mediação entre aluno e tecnologia, é preciso saber que as plataformas digitais e demais recurso tecnológicos devem ser usados a partir de uma abordagem capaz de transcender o contexto atual, tanto na cibercultura quanto ciberespaço, apoiar ideias ou projetos terem o objetivo de construir efetivamente uma sociedade mais democrática a partir de modelos pedagógicos pautados na inteligência coletivas.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular Mauá**. Brasília: MEC, 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei nº 9.394/96 de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília: MEC, 1996.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física**. Brasília: MEC, 1998.

Cardoso, Sheila Presentin, and Dominique Colinvaux. "Explorando a motivação para estudar química." *Química Nova* 23.3 (2000): 401-404.

DE BARROS, Álvaro Gonçalves; PINTO, Eduardo Ribeiro Gabriel; TEIXEIRA, Risiberg Ferreira. O AMBIENTE VIRTUAL DE APRENDIZAGEM GOOGLE SALA DE AULA E O RESGATE DO "DEVER DE CASA" NA EDUCAÇÃO BÁSICA ATRAVÉS DO USO DO SMARTPHONE. **Cadernos de Educação Básica**, v. 6, n. 1, p. 97-118, 2021.

FERREIRA, A. B. H. **Mini Dicionário Aurélio: da Língua Portuguesa**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1993.

FREIRE, J. B. **Educação do corpo inteiro: teoria e prática da Educação Física**. São Paulo: Editora Scipione, 2008.

JAEGER, Emili, Vinícius da SILVA, and Daiane Paula Cunha de QUADROS. "COMO SE DIVERTIR ESTUDANDO? ADAPTAÇÃO DO JOGO DE TABULEIRO BATALHA NAVAL PARA O ENSINO DE ELEMENTOS QUÍMICOS E TABELA PERIÓDICA."

MAHONEY, A.A.; ALMEIDA, L. R. **A constituição da pessoa na proposta de Henri Wallon**. São Paulo: Editora Loyola, 2011.

NETO, Joaquim Maria Ferreira Antunes. Sobre ensino, aprendizagem e a sociedade da tecnologia: por que se refletir em tempo de pandemia?. **Prospectus (ISSN: 2674-8576)**, v. 2, n. 1, 2020.

NÓVOA, António. Educação 2021: para uma história do futuro. **Educação, Sociedade & Culturas**, n. 41, p. 171-185, 2014.

PEREIRA, D. W.; ARMBRUST, I. **Pedagogia da Aventura: Os esportes radicais, de aventura e de ação na escola**. Jundiaí, SP: Editora Fontoura, 2010.

PIAGET, G. **A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho, imagem e representação**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1975.

RESENDE, Ma Flávia Grecco. Tecnologia e educação. **Revista Estudos e Negócios Academics**, v. 1, n. 2, p. 68-74, 2021.

RIBEIRO, C. E. L.; GUARANHA, V. P. **Recriação: em ônibus para passeios pedagógicos**. São Paulo: Editora Baraúna, 2010.

SCHWARTZ, G. M. **Aventuras na natureza: Consolidando significados**. Jundiaí, SP: Editora Fontoura, 2006.

SILVA, T. A. C.; GONÇALVES, K. G. F. **Manual de Lazer e Recreação**. O mundo lúdico ao alcance de todos. São Paulo: Editora Phorte, 2010.

SILVA, T. A. C.; PINES JUNIOR, A. R. **Jogos e Brincadeiras: ações lúdicas nas escolas, ruas, festas, parques e em família**. São Paulo: Editora All Print, 2013.

SILVA, T. A. C.; POZZI, M. L. B. **Olhares sobre o corpo**. Educação Física Escolar. São Paulo: Editora All Print, 2014.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1998.

ZATZ, S.; ZATZ, A.; HALABAN, S. **Brinca comigo! Tudo sobre o brincar e os brinquedos**. São Paulo: Editora Marco Zero, 2006.

BREVE REFLEXÃO SOBRE A IMPORTÂNCIA DA ROTINA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Jaqueline Flávia Rodrigues da Cunha França

Introdução

Este artigo tem por objetivo propor uma breve reflexão a respeito da importância da rotina na educação infantil, de modo a evidenciar seus benefícios para a criança e para o ambiente escolar e familiar, como um todo.

Para tal, serão apresentadas contribuições de autores que abordam esse tema e apontam em que a rotina pode auxiliar o desenvolvimento infantil. Neste estudo, considera-se rotina como a ordem bem definida para se realizar cada atividade, em uma sequência definida e marcada no tempo. A escolha do referencial teórico foi feita com base nos documentos institucionais referentes à educação, como as legislações e normativas da área, além dos estudos mais recentes, publicados com análises sobre o tema.

Esta reflexão se justifica pela possibilidade de trazer contribuições significativas para educadores em formação e também para aqueles que já atuam na área e necessitam, constantemente, atualizar seus conhecimentos.

Aspectos legais da rotina na educação infantil

No ano de 1996, é instituída a Lei 9394/96, a qual propõe que os municípios sejam designados para oferecer a Educação Infantil. De acordo com o artigo 11, a Educação Infantil não deve ser prioridade, sem que o Ensino Fundamental já tenha suas demandas.

Art. 11 - oferecer a Educação Infantil em creches e pré-escolas, e, com prioridade, o ensino fundamental, permitida a atuação em outros 4 níveis de ensino somente quando estiverem atendidas plenamente as necessidades de sua área de competência e com recursos acima dos percentuais mínimos vinculados pela Constituição Federal à manutenção e desenvolvimento do ensino. (BRASIL, 1996).

A Lei 9394/96 também estabelece finalidades da Educação Infantil, conforme se vê a seguir:

Art. 29. A Educação Infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade. Art. 30. A Educação Infantil será oferecida em: I - creches ou entidades equivalentes, para crianças de até três anos de idade; II - pré-escolas, para as crianças de quatro a seis anos de idade. Art. 31. Na Educação Infantil a avaliação far-se-á mediante acompanhamento e registro do seu desenvolvimento, sem o objetivo de promoção, mesmo para o acesso ao ensino fundamental. (BRASIL, 1996).

A partir dessa lei, passou a ser institucionalizada a oportunidade de as crianças com idade inferior a seis anos aprenderem e se desenvolverem em um ambiente escolar, como indivíduos sociais, de acordo com suas reais necessidades e amparadas por profissionais especializados para tal.

Retoma-se, neste estudo, que a criança é um sujeito histórico, que também possui direitos e deveres na sociedade. Seu desenvolvimento acontece no meio em que ela está inserida, com adultos e crianças. Portanto, a organização do trabalho pedagógico deve fazer com que a criança se aproprie do mundo dos objetos e das relações. Logo, faz-se necessário que ela se sinta à vontade e segura no ambiente escolar. Também é importante que o planejamento de rotina seja feito de acordo com a faixa etária, atendendo as necessidades dos envolvidos. Ressalta-se que esses quesitos são essenciais para a construção da identidade da criança em um ambiente rico em experiências, capaz de transmitir o conforto necessário para que ela possa lidar com as adversidades.

Nesse sentido, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2010, p.18) descrevem que a proposta pedagógica “deve ter como objetivo garantir à criança o acesso a processos de apropriação, renovação e articulação de conhecimentos e aprendizagens de diferentes linguagens [...]”. Sendo assim, o professor precisa estar em constante reflexão sobre seu trabalho.

Diante da organização do tempo para atividades pedagógicas, o docente consegue perceber, analisar e levar em consideração as diversas relações sociais entre as crianças, como: suas preferências, necessidades individuais e coletivas. A rotina na educação infantil ajudará, pois, a criança a se tornar um adulto autônomo e responsável.

Portanto, ela deve ser planejada, organizada, e flexível, como orienta o Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (RCNEI):

A rotina representa, também, a estrutura sobre a qual será organizado o tempo didático, ou seja, o tempo de trabalho educativo realizado com as crianças. A rotina deve envolver os cuidados, as brincadeiras e a situações de aprendizagens orientadas (BRASIL, 1998, p.54).

Portanto, a escola ocupa um papel de cuidado e educação, em que a rotina escolar significa desenvolver o trabalho diário por meio de horários, atividades cotidianas organizadas nas instituições de ensino.

Para cuidar é preciso antes de tudo estar comprometido com o outro, com sua singularidade, ser solidário com suas necessidades, confiando em suas capacidades. Disso depende a construção de um vínculo afetivo entre quem cuida e é cuidado. (BRASIL, 1998).

A rotina diária é o desenvolvimento prático do planejamento que possibilita que a criança se oriente em relação ao tempo, ao espaço e, assim, possa se desenvolver. A criança necessita encontrar um momento em que poderá brincar livremente, para que se

divirta e seu limite corporal seja testado, oferecendo uma oportunidade de autoconhecimento. Como o psicólogo Vygotsky afirma, ao brincar, a criança está tentando se conectar ao mundo. Portanto, além de trabalhar a dimensão lúdica (parte do universo da criança), **o ato de brincar também tem um papel muito importante na consolidação das aprendizagens, na vivência e na representação do mundo.**

Aspectos conceituais e pragmáticos da rotina

Falar em rotina é algo difícil de ser estabelecido e aceitável, pois muitas vezes ela é vista como algo ruim e repetitivo, mas requer um pensamento adulto. Porém, para a criança, é necessário que exista uma rotina para que ela se sinta segura e confortável. Estabelecer a rotina é como ver um sujeito histórico e social, sendo capaz de desenvolver suas curiosidades, sentimentos, amizades e sua identidade cultural.

No conceito de rotina na Educação Infantil, faz-se necessário seu planejamento diário, no qual a organização e a execução funcionam como norteadores do tempo pedagógico. Cavasin (2008, p.61) aponta que a rotina deve ser estruturante, uma bússola na orientação da ação pedagógica. Segundo o autor:

A rotina estruturante diferencia-se da mecânica por ser planejada, por pertencer à proposta pedagógica da instituição, por respeitar a criança e seus ritmos. Ela também dá mais liberdade ao professor para lidar com o inesperado, sem cair no espontaneísmo pedagógico; há uma intencionalidade na ação, tornando-se o professor um mediador de situações significativas que auxiliam no desenvolvimento das crianças. (CAVASIN, 2008, p.61)

Para Dias (2010, p. 13), a ideia central é que as atividades planejadas devem contar com a participação ativa das crianças, garantindo a elas a construção das noções de tempo e de espaço, possibilitando-lhes a compreensão do modo como as situações

são organizadas e, sobretudo, permitindo ricas e variadas interações sociais.

A rotina é um elemento importante da Educação Infantil, por proporcionar à criança maior facilidade de organização espaço-temporal, libertando-a do sentimento de estresse e de agitação que uma rotina desestruturada pode causar. Sendo assim, a rotina pode ser rica, alegre e prazerosa, proporcionando espaço para a construção diária do projeto político-pedagógico.

Para se construir uma rotina, deve-se basear em ações que se repetam com frequência. Desse modo, adotar práticas no dia a dia que facilitem o aprendizado da criança facilitam o processo de aquisição dos comandos e, posteriormente, das atividades a serem trabalhadas no dia. Sendo assim, sugere-se uma sequência, conforme elenca Divino (2020):

- Momento da chegada: importantíssimo, porque é a fase em que a criança é recebida com alegria, carinho, músicas ou brincadeiras. A partir do momento em que a criança entra na escola, a rotina já começou a ser iniciada.
- Hora da roda: neste momento, todos têm a possibilidade de se cumprimentar, conversar e se ver. Assim, o estímulo acontece gradativamente de maneira prazerosa.
- Hora das atividades: Momento de realizar coletiva ou individualmente em qualquer ambiente da unidade escolar.
- Lanche e Higiene: O momento da refeição é uma necessidade de todo ser humano para que seu desenvolvimento aconteça de forma saudável. Também é importante o incentivo para que o alimento não seja desperdiçado e que o lugar do lixo é na lixeira, seguido da higiene realizando-o diariamente explicando a importância para a preservação da saúde.
- Hora da brincadeira: Na educação infantil, a brincadeira não pode faltar, pois proporciona o movimento e a expressão da criança, permitindo-lhe que desenvolva a autoconfiança e a imaginação.
- Hora da despedida: É o momento de aguçar a autonomia, incentivar a criança a colocar a cadeira no lugar, guardar os

brinquedos e cantar música de despedida, por exemplo. Dessa maneira, a criança entenderá o que faz parte da rotina.

Os itens acima listados sugerem uma possibilidade sequencial para que a criança consiga cumprir as exigências pedagógicas de sua faixa etária e, ao mesmo tempo, consiga ordenar seus pensamentos e suas ações de forma sequencial. Nessa mesma linha de pensamento, Barbosa afirma que:

a rotina é compreendida como uma categoria pedagógica da Educação Infantil que opera como uma estrutura básica organizadora da vida cotidiana diária em certo tipo de espaço social, creches ou pré-escola. Devem fazer parte da rotina todas as atividades recorrentes ou reiterativas na vida cotidiana coletiva, mas nem por isso precisam ser repetitivas. (BARBOSA, 2006, p. 201).

As atividades de autocuidado também devem aparecer na programação da rotina diária. O ambiente deve ser preparado também para o momento do banho e da limpeza dental. Desse modo, a educadora precisa organizar o ambiente para que essas atividades sejam feitas com calma e com cuidado, enfatizando a importância de cada um deles.

Segundo Oliveira (2002), a rotina diária é para as crianças o que as paredes são para uma casa, pois dão limites, fronteiras e dimensão à vida. A rotina proporciona uma sensação de segurança; ela confere um sentido de ordem a partir do qual nasce a liberdade.

Ainda segundo esse autor, essas atividades poderiam ser (OLIVEIRA, 2002):

- Em ambientes internos e externos.
- Direcionadas para a limpeza do ambiente em sala de aula.
- Em pequenos e grandes grupos ou de maneira individualizada.

Hábito é um mecanismo estável que cria habilidades para situações diferenciadas, portanto, rotina e hábito oferecem um componente importantíssimo de constância e ajudam a criança a aprender normas e conduta. Por isso, são fundamentais tanto para a vida familiar como para a escolar.

Em contrapartida, até que os objetivos estabelecidos para a criação da rotina sejam alcançados, há muito o que se batalhar e persistir, por isso, a participação da família é importante.

O brincar: elemento essencial na rotina da criança

O ato de brincar auxilia a criação de novas possibilidades. As brincadeiras favorecem o estímulo da criatividade e de novas experiências, pois participam de suas transformações, portanto, devem ser valorizadas.

O brinquedo sempre fez parte da vida da criança e tem a capacidade de estimular o infante a todo o tempo. Segundo Horn (2004, p.70), “o brinquedo sempre fez parte da vida das crianças, independentemente de classe social ou cultural em que está inserida”. É intrínseco à criança o hábito do brincar. Nota-se, pois, que até mesmo ao se alimentar, a criança brinca com os alimentos.

Os brinquedos têm uma enorme significância na construção da ponte para a imaginação, como bola, boneca, jogos, carrinhos, panelinhas ou até mesmo uma caixa de papelão, com a qual se aprende por meio da exploração e da descoberta.

Dos brinquedos citados, pode-se perceber que:

- A bola ajuda na socialização e no aprendizado da criança para compartilhar seus pertences,
- A boneca transmite a ideia da representação deles, relacionada ao que observam em casa e reproduzem na escola,
- Os jogos colaboram na memorização e no aspecto cognitivo,
- Os carros têm a possibilidade de trabalhar o aspecto motor,
- As panelinhas permitem que a criança experimente a criação, por meio da produção dos alimentos. A partir dessa brincadeira, elas podem explorar cheiros e texturas distintas.
- A caixa de papelão traz inúmeras possibilidades, as quais dependem da capacidade criativa da criança. A caixa pode se transformar em que quarto, carro, trem, casa, ou o que mais a criança imaginar.

Considera-se, então, que criar e brincar com seus próprios brinquedos impulsiona as crianças a uma vida menos sedentária e dá lugar à saúde física.

Nesse sentido, Vygotsky, citado por Rego (2002, p.80), considera o brinquedo uma fonte de desenvolvimento. Afirma que, apesar de o brinquedo não ser o aspecto predominante da infância, ele exerce uma enorme influência no desenvolvimento infantil. Portanto, é imprescindível o brinquedo durante a formação na infância.

Trata-se, pois, de um cesto cheio de elementos variados, inclusive os da natureza, pois o brinquedo estabelece uma relação íntima com a criança, em que sua expressão de imagem é estimulada com aspectos da realidade. As brincadeiras que parecem ser tão simples têm um papel fundamental na vida criança, pois permitem criar na criança o prazer de aprender brincando, explorando o autoconhecimento, a autodescoberta e a consciência das emoções.

Assim, os brinquedos colocam a criança em contato com reproduções de tudo o que existe no cotidiano, na natureza e nas construções humanas, reproduzindo não apenas objetos, mas uma totalidade social.

Benefícios da rotina para a criança

Segundo Bassedas, Huguet e Sole (1999):

[...] a palavra "rotina" tem, no seu sentido habitual, um caráter pejorativo, porque nos faz pensar em conduta mecânica. Já falamos anteriormente sobre a importância dessas atividades do ponto de vista do desenvolvimento. Tratam-se de situações de interação, importantíssimas, entre a pessoa adulta e a criança, em que a criança parte de uma dependência total, evoluindo progressivamente a uma autonomia que lhe é muito necessária. (BASSEDAS, HUGUET, SOLE, 1999, p.2).

Portanto, a rotina não é algo negativo, pois tem o objetivo de organizar o espaço e o tempo em que a criança está inserida. Deve ser planejada e preparada para que a organização da rotina se torne

importante, uma vez que ela cria e estabelece condições que favorecem o desenvolvimento infantil.

A rotina para a criança é extremamente importante, porque é assim que ela adquire bons hábitos e cria conexões neuronais, que possibilitam que ela possa repetir o que já fez sem precisar ser ensinada de novo. O nosso cérebro, principalmente o de crianças, tem capacidade de neuroplasticidade. Quanto mais nova a pessoa é, mais fácil ela consegue aprender e isso deve ser aproveitado (RUBACK, 2021).

Soma-se a esses conceitos a percepção de que quando se tem um calendário em sala de aula, com boa visibilidade (tamanho grande), de modo que possam ser registradas as propostas a serem desenvolvidas, a estratégia de gestão do cotidiano passa a ser partilhada com as crianças, tornando-se um elemento organizador do cotidiano.

O lúdico permite trabalhar o desenvolvimento dos aspectos cognitivos e afetivos, das habilidades motoras e intelectuais, além da capacidade de se expressar e se reconhecer (identidade) no mundo em que vive.

Segundo Hoffmann (2001), a organização e o planejamento das atividades devem ser feitos diariamente para que sejam alcançados seus objetivos. De acordo com o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998, p. 196) cabe:

[...] ao professor planejar uma sequência de atividades que possibilite uma aprendizagem significativa para as crianças, nas quais elas possam reconhecer os limites de seus conhecimentos, ampliá-los e/ou reformulá-los. (BRASIL, 1998).

Ao projetar ações para o futuro é possível perceber mudanças que irão contribuir para que possam atender as necessidades das crianças, nesse processo de construção metodológica.

Criar rotinas ajuda a desenvolver hábitos e atitudes que serão a fonte da formação do caráter. A rotina ajuda a aquisição de hábitos e estes facilitam a realização de atividades cotidianas, como estudar,

alimentar-se e dormir. A carência desses hábitos produz um grande desgaste emocional em conflitos e discussões, tanto para os pais como para os filhos (FERNANDES, BOEHS e RUMOR, 2012).

Portanto, a escola e a família devem estar comprometidas com uma educação de qualidade. A criança deve ser habituada a cumprir certas regras para que possa adquirir bons hábitos, tornando-se uma pessoa mais seguras durante nesse processo de aprendizado. Assim, é fundamental que os pais acompanhem a vida escolar dos filhos.

De acordo com Bock, Furtado e Teixeira (1999), o grupo familiar tem uma função social determinada a partir das necessidades sociais, sendo que entre suas funções está, principalmente, o dever de garantir o provimento das crianças para que possam exercer futuramente atividades produtivas, bem como o dever de educá-las para que "tenham uma moral e valores compatíveis com a cultura em que vivem" (BOCK, FURTADO, TEIXEIRA, 1999, p.238). Nesse mesmo sentido, Oliveira (2002) resume a função da família dizendo que "a educação moral, ou seja, a transmissão de costumes e valores de determinada época torna-se, nesta perspectiva, seu principal objetivo" (OLIVEIRA, 2002, p.16).

Seguindo essa linha de raciocínio, o grupo familiar e a escola são as principais referências para que as crianças obtenham o desempenho de seus papéis sociais, orientando o desenvolvimento e a aquisição de comportamentos, em termos de padrões sociais. Isso porque ambos são os primeiros contatos da criança com o mundo, o que as faz sentir seguras para que o aprendizado aconteça de forma plena.

Considerações finais

A rotina na educação infantil é importante por proporcionar à criança segurança e maior facilidade de organização, despertando a sensação de conforto, uma vez que quando há desestrutura na disposição das tarefas pode haver o contrário, ou seja, desconforto e dificuldade inverso. A rotina pode ser alegre e prazerosa, onde

está inserida a didática, envolvendo a aplicação de horários e atividades definidas durante todos os dias da semana, tornando as brincadeiras e os cuidados como parte de seu aprendizado.

Portanto, essa ordem bem definida para se fazer cada coisa vai permitir que a criança entenda melhor o mundo em que ela vive e que é totalmente organizado em sequência. As horas, os dias da semana, os meses e os anos seguem uma ordem contínua e, por isso, nos organizamos baseados nessa lógica também. Ao entender a rotina, a criança conseguirá se orientar em relação ao tempo-espaço e se sentirá mais segura e confiante.

Referências

- BARBOSA, Maria C. S. A. **Rotina nas Pedagogias da Educação Infantil: dos binarismos à complexidade**, Currículo sem Fronteiras, v.6, n.1, p. 56-69, Jan/Jun2006. Disponível em: <http://www.curriculosemfronteiras.org/vol6iss1articles/barbosa.pdf>. Acesso em 10/01/2022.
- BASSEDAS, E; HUGUET, T; SOLÉ, I. **Aprender e ensinar na educação infantil**. Porto Alegre: ARTMED, 1999.
- BOCK, A. M. B., FURTADO, O., & TEIXEIRA, M. L. T. **Psicologias: uma introdução ao estudo da psicologia**. São Paulo: Saraiva, 1999.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil**. Brasília: Secretaria de Educação Básica, 2010.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil: introdução**. Brasília: MEC / SEF, 1998, v. 1.
- CAVASIN, Rosane França. **A Organização das Rotinas com Crianças de 0 a 3 Anos e sua Relação com o Referencial Curricular Nacional Para Educação Infantil – RCNEI**. Joaçaba, SC. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade do Oeste de Santa Catarina, 2008.
- DIVINO. **Rotina na educação infantil: entenda sua importância**. 2020. Disponível em: <https://www.divino.com.br/blog/educacao-infantil/rotina-na-educacao-infantil-entenda-sua-importancia-2020-05-18>

FERNANDES, Gisele Cristina Manfrini; BOEHS, Astrid Eggert; RUMOR, Pamela Camila Fernandes. **Rotinas e rituais familiares: implicações para o cuidado.** *Ciência, Cuidado e Saúde*, v. 10, n. 4, p. 866-871, 2012.

HORN, Maria da Graça Souza. **Sabores, cores, sons, aromas: a organização dos espaços na educação infantil.** Porto Alegre: Artmed, 2004.

OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos. **Educação Infantil: fundamentos e métodos.** São Paulo: Cortez Editora, 2002.

OLIVEIRA, Ana Clara. O papel do brincar no desenvolvimento infantil. 2018. Disponível em: <https://leiturinha.com.br/blog/papel-do-brinquedo-no-desenvolvimento/>

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI)**, MEC/SEF, V. 1, 1998.

REGO, Teresa C. **Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação.** 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

RUBACK, Michele. **Rotina e sua importância.** *Jornal Extra*, Disponível em: <https://extra.globo.com/noticias/saude-e-ciencia/ter-rotina-importante-mas-especialistas-dizem-que-as-vezes-preciso-quebra-la-23444978.html>. Acessado em janeiro 10/01/2022.

Como o modo de brincar pode revelar se sua criança está adoecendo. 2019^e. Disponível em: <https://www.espaconardin.com.br/como-o-modo-de-brincar-pode-revelar-se-sua-crianca-esta-adoecendo>.

**PSICOLOGIA EDUCACIONAL EM TEMPOS
DE PANDEMIA COVID-19**

Lucas Frade Pinto Cunha

Introdução

Atualmente percebemos que muitas mudanças ambientais tem despertado insegurança e um grande desconforto em nossa rotina social e pessoal. A humanidade atravessou muitas dificuldades ao longo de sua história e com isso pode desenvolver muito aprendizado e reflexão de acordo com seus comportamentos e atitudes sociais. A doença causada pelo novo corona vírus ou Sars-CoV-2 ocasionou muito medo na população brasileira, pois até o presente momento muitas coisas ainda são desconhecidas pela população. Esse vírus tem ocasionado diversos problemas econômicos, sociais, políticos de proporção mundial. A sociedade mundial em outra época passou por algo similar, quando surgiu a gripe espanhola em 1918, onde tivemos que aprender sobre como devemos vivenciar o isolamento, sendo considerada eficaz e, portanto, comparando-se ao atual momento, importante medida a ser adotada pela população no combate ao novo corona vírus (FARIZA, 2020; LIMA, 2020).

Um dos setores bastante prejudicado foi a educação que teve em seu ápice pandêmico ter que lidar com o ensino remoto, a impossibilidade de socialização dos alunos e profissionais, diversos transtornos de ansiedade, o enclausuramento entre outros problemas gerados pela pandemia do corona vírus no Brasil. Lembremos que a Constituição Federal brasileira no Art. 205 determina que “A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da

sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (BRASIL, 1988). A educação brasileira tem buscado ótimas alternativas para continuar o desenvolvimento educacional de crianças, adolescentes, jovens e adultos. O ensino remoto, aulas remotas via chat, atividades físicas em casa entre outras alternativas, tem mostrado um lado positivo mediante a tanto desconforto e intolerância gerada pelo vírus COVID-19.

Assim, este artigo tem por objetivo trazer algumas reflexões sobre atuação da psicologia educacional no período da (COVID-19) no Brasil e a importância do trabalho coletivo de profissionais da Educação Básica na pandemia.

Psicologia Educacional na Pandemia Covid-19

Atualmente a pandemia do COVID-19 nos moldou bastante em aspectos individuais e sociais. Com as recomendações determinadas pelo Ministério da Saúde passamos a ter um suporte orientativo para lidarmos com essa situação de conflito em nossa sociedade.

Entre as medidas indicadas pelo MS, estão as não farmacológicas, como distanciamento social, etiqueta respiratória e de higienização das mãos, uso de máscaras, limpeza e desinfecção de ambientes, isolamento de casos suspeitos e confirmados e quarentena dos contatos dos casos de covid-19, conforme orientações médicas. Ademais, o MS recomenda ainda a vacinação contra a covid-19 dos grupos prioritários conforme o Plano Nacional de Operacionalização da Vacinação. Estas medidas devem ser utilizadas de forma integrada, a fim de controlar a transmissão do SARSCoV-2, permitindo também a retomada gradual das atividades desenvolvidas pelos vários setores e o retorno seguro do convívio social (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2021).

Após diversas recomendações e orientações, podemos trazer as mudanças de hábitos para o nosso cotidiano e assim tentarmos melhorar nossa qualidade de vida. Sabemos que muitas informações falsas podem circular, com isso podendo aumentar o medo da população sobre a pandemia do vírus COVID-19. É muito

importante salientarmos o trabalho que profissionais vem realizando para elucidar as informações e contribuições possíveis na melhoria da qualidade de vida da população. A psicologia também está tendo um papel importantíssimo na sociedade em seu momento pandêmico. Diversos profissionais tiveram que superar muitos desafios no ambiente de trabalho e em relação aos cuidados com a própria saúde física e mental e também dos usuários/pacientes.

Em agosto de 2019 foram editadas as Novas Referências Técnicas para a Atuação de Psicólogos(os) na Educação Básica (CFP, 2019). Em 2020 o Conselho Federal de Psicologia (2020) publicou um documento de orientações para a Regulamentação da Lei 13.935/2019, que dispõe sobre a prestação de serviços de Psicologia e de Serviço Social nas redes públicas de Educação Básica. Esses documentos, entre outros, servem como orientação para a atuação da/o psicóloga/o no âmbito da educação e também podem auxiliar como subsídio para a regulamentação da lei nos estados e municípios (FACCI, SILVA, SOUZA, 2020).

Esse mecanismo referente a atuação do profissional de psicologia contribui para que possamos desenvolver juntamente com a equipe educacional planejamentos e estratégias para que possamos melhorar o aprendizado e a qualidade do ensino na rede básica de educação. O profissional de psicologia deverá seguir algumas orientações para que o trabalho se inicie dentro de diretrizes. Compete à psicóloga e ao psicólogo, em sua área de atuação, considerarem os contextos sociais, escolares, educacionais e o Projeto Político-Pedagógico das Unidades Educacionais atendidas, em articulação com as áreas da Saúde, da Assistência Social, dos Direitos Humanos, da Justiça (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2021). De acordo com o Conselho Federal de Psicologia foi estipulado algumas atribuições norteadoras para o desenvolvimento desse trabalho com a rede de ensino educacional são elas:

1. Subsidiar a elaboração de projetos pedagógicos, planos e estratégias a partir de conhecimentos da Psicologia do desenvolvimento e da aprendizagem
2. Participar da elaboração, execução e avaliação de políticas

públicas voltadas à educação; 3. Contribuir para a promoção dos processos de aprendizagem, buscando, juntamente com as equipes pedagógicas, garantir o direito a inclusão de todas as crianças e adolescentes; 4. Orientar nos casos de dificuldades nos processos de escolarização; 36 orientações para regulamentação da Lei 13.935/2019 - versão 2021 5. Realizar avaliação psicológica ante as necessidades específicas identificadas no processo ensino-aprendizado; 6. Auxiliar equipes da rede pública de educação básica na integração comunitária entre a escola, o estudante e a família; 7. Contribuir na formação continuada de profissionais da educação; 8. Contribuir em programas e projetos desenvolvidos na escola; 9. Colaborar com ações de enfrentamento à violência e aos preconceitos na escola; 10. Propor articulação intersetorial no território, visando à integralidade de atendimento ao município, o apoio às Unidades Educacionais e o fortalecimento da Rede de Proteção Social; 11. Promover ações voltadas à escolarização do público da educação especial; 12. Promover relações colaborativas no âmbito da equipe multiprofissional e entre a escola e a comunidade; 13. Promover ações voltadas à escolarização do público da educação especial; 14. Promover ações de acessibilidade; 15. Propor ações, juntamente com professores, pedagogos, alunos e pais, funcionários técnico-administrativos e serviços gerais e a sociedade de forma ampla, visando a melhorias nas condições de ensino, considerando a estrutura física das escolas, o desenvolvimento da prática docente, a qualidade do ensino, entre outras condições objetivas que permeiam o ensinar e o aprender; 16. Avaliar condições sócio-históricas presentes na transmissão e apropriação de conhecimentos (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2021).

Devemos observar também que no período pandêmico mudanças surgem com intuito de proteger profissionais e alunos dos problemas gerados pelo vírus COVID-19 na sociedade brasileira. Resolução CFP n.º 11, de 11 de maio de 2018 - Regulamenta a prestação de serviços psicológicos realizados por meios de tecnologias da informação e da comunicação e revoga a Resolução CFP nº 11/2012 (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2020). Com o trabalho sendo realizado remotamente a psicologia enfrenta muitos desafios como: alunos que não possuem aparelhos celulares ou tablets para serem atendidos, nem todos possuem acesso a internet, muitos pais vivem em áreas de difícil acesso, professores que não dominam tecnologia móvel, pais que não contribuem para o desenvolvimento escolar e educacional do filho e a dificuldade de

obter informações com base científica sobre a pandemia do COVID-19. Com diversas dificuldades os profissionais poderão criar estratégias que ultrapassam esses limites que criam barreiras entre os profissionais e alunos.

Educação Básica na pandemia

A Educação Básica no Brasil podemos que é um espaço em desenvolvimento, nos fatores sociais, cognitivos e afetivos. Muitos profissionais do setor educacional vêm tentando melhorar o desempenho tanto da equipe de profissionais quanto ao aprendizado dos alunos. Na atualidade, o contexto histórico vem passando por modificações no campo científico, tecnológico e humano, que influencia o modelo de ensino, a prática do educador, o papel do coordenador e a atuação da gestão, que mostra a importância da escola ter noção da realidade e a trabalhar a interação no ambiente escolar (VEIGA, 1998). Para que a sociedade brasileira possa ter um ensino de qualidade, devemos pensar em como estão as estruturas, o desenvolvimento da equipe escolar da educação básica, as capacitações dessa equipe de profissionais entre outros fatores importantes.

Através da LDB conseguimos uma melhor qualidade em nosso ensino. Um dos pontos importantes de salientarmos é o **Art. 4º que propõe** o dever do Estado com a educação escolar pública:

I - educação básica obrigatória e gratuita dos 4 (quatro) aos 17 (dezesete) anos de idade, organizada da seguinte forma: (Redação dada pela Lei nº 12.796, de 2013) **a)** pré-escola; (Incluído pela Lei nº 12.796, de 2013), **b)** ensino fundamental; (Incluído pela Lei nº 12.796, de 2013), **c)** ensino médio; (Incluído pela Lei nº 12.796, de 2013). **II** - universalização do ensino médio gratuito; (Redação dada pela Lei nº 12.061, de 2009) **II** - educação infantil gratuita às crianças de até 5 (cinco) anos de idade; (Redação dada pela Lei nº 12.796, de 2013). **III** - atendimento educacional especializado gratuito aos educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação, transversal a todos os níveis, etapas e modalidades, preferencialmente na rede regular de ensino; (Redação dada pela Lei nº 12.796, de 2013). **IV** - acesso público e gratuito aos ensinos fundamental e médio para

todos os que não os concluíram na idade própria; (Redação dada pela Lei nº 12.796, de 2013). **V** - acesso aos níveis mais elevados do ensino, da pesquisa e da criação artística, segundo a capacidade de cada um. **VI** - oferta de ensino noturno regular, adequado às condições do educando. **VII** - oferta de educação escolar regular para jovens e adultos, com características e modalidades adequadas às suas necessidades e disponibilidades, garantindo-se aos que forem trabalhadores as condições de acesso e permanência na escola. **VIII** - atendimento ao educando, em todas as etapas da educação básica, por meio de programas suplementares de material didático-escolar, transporte, alimentação e assistência à saúde; (Redação dada pela Lei nº 12.796, de 2013). **IX** - padrões mínimos de qualidade de ensino, definidos como a variedade e quantidade mínimas, por aluno, de insumos indispensáveis ao desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem. **X** – vaga na escola pública de educação infantil ou de ensino fundamental mais próxima de sua residência a toda criança a partir do dia em que completar 4 (quatro) anos de idade. (Incluído pela Lei nº 11.700, de 2008).

Através da LDO a sociedade pode ficar mais assegurada enquanto a responsabilidade dos estados em transmitir o ensino infantil até o médio com qualidade, mesmo isso sendo um percalço em nossa sociedade. Após a construção da LDO passamos a contar como o financiamento federal para o programa FUNDEB que substituiu o antigo FUNDEF.

O programa do FUNDEB se tornou o maior financiador da educação básica brasileira, a partir da ementa constitucional nº 14, no dia 12 de Setembro de 1996. (CAMPOS, 2008). Saber lidar com a gestão dos recursos destinados a educação passou a ser um desafio e um trabalho coletivo, sempre pensando em melhorar nosso ensino. Entretanto devemos pensar que a gestão desses recursos fornecidos pelo governo federal não deve oferecer apenas um papel administrativo e sim um conjunto de instrumentos para ampliar todo ambiente escolar.

O trabalho coletivo implica uma compreensão mais ampla da escola. É preciso que os diferentes segmentos e atores que constroem e reconstruem a escola aprendam suas várias dimensões e significados. Isso porque o caráter educativo da escola não reside apenas no espaço em sala de aula, nos processos de ensino e aprendizagem, mas se realiza, também, nas práticas e relações que aí se desenvolvem. A escola educa não apenas nos conteúdos

que transmite, à medida que o processo de formação humana que ali se desenvolve acontece também nos momentos e espaços de diálogo, de lazer, nas reuniões pedagógicas, na postura de seus atores, nas práticas e modelos de gestão vivenciados (SOARES, 2010, p.04).

Quando pensamos em trabalhar em conjunto, pensamos em quem são as pessoas que deverão ser beneficiadas por toda estratégia e empenho dos profissionais. O profissional deve explorar seus espaços, se aperfeiçoarem na arte de lecionar, melhorar as relações entre professor/coordenação/aluno, fomentar o interesse dos alunos em realizar seus sonhos. Integrar todo esse processo é longo e pode ser as vezes muito difícil. Nossa sociedade precisa conhecer a importância da escola e o que ela pode mudar na vida das pessoas mesmo em período de pandemia COVID-19.

Stetsenko (2020b) argumenta que a pandemia de Covid-19 mostrou, de maneira escancarada, como somos interligados e interdependentes, pois as ações de uma pessoa têm claro impacto na vida e na saúde de toda uma comunidade, mostrando explicitamente que “todos são importantes e fazem a diferença, para todos os outros, em contextos e circunstâncias distantes” (p.14).

Para que possamos realizar diversos alinhamentos ao longo desse processo de reeducação e aprendizado em período pandêmico, devemos pensar em possíveis programas que nos auxiliam ou possam auxiliar-nos nessa construção de um espaço educacional melhor. O PSE (Programa Saúde na Escola) é um dos programas que mais desenvolvem alunos e equipe educacional, o fortalecimento de diversas ações em conjunto com equipes de saúde, o enfrentamento de vulnerabilidades e na orientação dos serviços oferecidos pela saúde. É importante salientarmos que os familiares desses alunos também serão atingidos positivamente com os programas de enfrentamento a diversas vulnerabilidades sociais.

Hoje em dia podemos dizer que um dos maiores foco do PSE seria a promoção à saúde, a prevenção contra o uso de drogas e de doenças sexualmente transmissíveis, saúde mental e ambiental e ações de combate e prevenção ao novo coronavírus. Atualmente,

participam do PSE 5.289 municípios brasileiros, 91.659 escolas, 22.425.160 estudantes e 57.001 equipes de Saúde da Família ou equipes de Atenção Primária (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2020).

Quando pensamos no coletivo demonstramos necessidades de podermos zelar por todos ao nosso redor. Para o sistema educacional pensar somente em zelar a saúde do aluno e dos profissionais é um dos problemas a ser enfrentado. Sabemos que a educação brasileira tem muitas dificuldades em todos os âmbitos do ensino, mas de alguma forma profissionais tem tentado desenvolver mesmo que remotamente o aprendizado dos alunos.

O crescimento da pandemia da COVID-19 causou impactos na educação de modo complexo, no qual a continuidade das atividades educacionais eram necessárias mesmo sendo de maneira remota, valorizando as metodologias de ensino a distância (EAD), que sem dúvidas são eficientes, tratando-se na conclusão das atividades em curto prazo, porém com resultados divergentes em função das diferenças entre as expectativas empíricas quanto a transmissão e absorção de conteúdo ou capacidade e dificuldade de acesso (SENHORAS, 2020).

Através da tecnologia podemos minimizar as percas existentes no desenvolvimento educacional. Muitas unidades de ensino foram surpreendidas com a pandemia do COVID-19 e com isso muitas incertezas sobre quais metodologias deveríamos seguir. O ensino EAD é muito utilizado em todo território brasileiro, mas até a chegada do COVID-19 não tínhamos vivenciado em nossa rede de educação básica o ensino a distância. Novas metodologias podem não abarcar a todos do sistema público ensino, pois, a população brasileira em grande porcentagem não possui recursos próprios para acompanhar o desenvolvimento tecnológico, devido ao baixo poder aquisitivo de sua em grande maioria.

Muitas das iniciativas estão em processo de consolidação, mas há um indicativo de que serão implementadas ao longo dos próximos meses, sobretudo porque a contaminação no está em fase ascendente, com poucos indicativos a respeito de diminuição de taxas de contaminação e mortalidade. Essa imprevisibilidade acaba por não permitir a estados e

municípios terem uma visão mais precisa sobre quando será possível um retorno total à educação presencial (ARRUDA, 2020).

Neste sentido, o trabalho de todos no âmbito educacional vem reconfigurando e sendo amparado por novas tecnologias de comunicação, que trazem um importante papel em disseminar informações, ampliar o processo de ensino, diminuir as evasões no ensino e de certa forma apresentar maneiras de poder dialogar mesmo que não estando de corpo presente. Conseqüentemente, uma reformulação significativa da educação é inconcebível sem a correspondente transformação do quadro social no qual as práticas educacionais da sociedade devem cumprir as suas vitais e historicamente importantes funções de mudança (MÉSZÁROS, 2008, p. 25).

Desta forma, reforçamos a importância das relações sociais e do coletivo, uma vez que o desenvolvimento do potencial humano de cada indivíduo está, também, ligado à sua participação em espaços colaborativos e seu envolvimento em comunidades. Muito foi ensinado em mídias de como deveríamos nos comportar ou nos relacionar nesse momento de pandemia COVID-19, mas podemos dizer que o Brasil ou o brasileiro tem conseguido melhorar seus comportamentos em relação a proteção individual e coletiva. O presente estudo pode trazer um espaço para reflexão do que estamos vivenciando e o que ainda podemos esperar de todo esse processo de mudança em nossas culturas e relações com o outro. Saber reconhecer o valor do outro e o próprio valor pode contribuir para uma melhor qualidade relacional entre as mudanças bruscas de uma pandemia cheia de incertezas tanto científicas quanto sociais.

Referências

ALBUQUERQUE, Camila Morais de. ALMEIDA, Giovanna Cecilia de Melo. SILVA, Yasmin Palyohanne Ezequiel. SANTOS, Valdicleia Batista dos. ARAÚJO, Suzana de Macedo. MEDEIROS,

Emmanuela Costa. **Ganhos e perdas no aprendizado pela suspensão das aulas devido a pandemia do Covid -19.** Revista Diálogos em Saúde – Volume 3 - Número 1 - jan/jun de 2020;

ARRUDA, Eucidio Pimenta. **Educação remota emergencial: elementos para políticas públicas na educação brasileira em tempos de Covid-19.** EmRede-Revista de Educação a Distância, v. 7, n. 1, p. 257-275, 2020.

BRASIL. **Lei nº 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Diário Oficial da União, Brasília, 23 de dezembro de 1996.

Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Análise em Saúde e Doenças não Transmissíveis. **Guia de vigilância epidemiológica Emergência de saúde pública de Importância nacional pela Doença pelo coronavírus 2019 – covid-19** [recurso eletrônico] / Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde. – Brasília : Ministério da Saúde, 2021.

Brasil. Secretaria de Atenção Primária à Saúde. **Orientações para Manejo de Pacientes com COVID-19.** Brasília: Ministério da Saúde, 2020. Disponível em: <https://portalarquivos.saude.gov.br/images/pdf/2020/June/18/Covid19-Orientac--o--esManejoPacientes.pdf> .

CAMPOS, R. **Educação infantil e os organismos internacionais: quando focalizar não é priorizar.** 2008. 15p. Disponível em Acesso em 15 de outubro de 2019.

LIMA, J. D. de. **O distanciamento social como redutor de contaminações.** Nexa [17/03/2020]. Disponível em: Acesso em: 12/04/2020.

Conselho Federal de Psicologia. (2019) Referências técnicas para atuação de psicólogos(os) na educação básica. Brasília: CFP.

Conselho Federal de Psicologia. (2020). A(o) psicólogo(a) e a(o) assistente social na rede pública de educação básica: orientações para a regulamentação da Lei 13.935, de 2019. Brasília: CFP

CURY, Carlos Roberto Jamil. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 43, n. 4, p. 1217-1252, out./dez. 2018.

FACCI M. G. D., SILVA S. M. C., SOUZA M. P. R. **A Psicologia Escolar e Educacional em tempos de Pandemia.** DOI:

<http://dx.doi.org/10.1590/2175-35392020> editorial Elucid - 2020
<https://doi.org/10.1590/2175-3539202001>

FARIZA, I. **Lições de 1918: as cidades que se anteciparam no distanciamento social cresceram mais após a pandemia.** El país [30/03/2020]. Disponível em: Acesso em: 12/04/2020.

Jerffeson Miguel de Oliveira, Zilda Tizziana Santos Araújo. **Desafios e estratégias do trabalho docente no cenário de pandemia.** IV Congresso Nacional de Educação. Maceió-Alagoas, 2020. Jusbrasil.com.br/Artigo 4 da Lei nº 9.394 de 20 de Dezembro de 1996.

LIMA, J. D. de. **O distanciamento social como redutor de contaminações.** Nexa [17/03/2020]. Disponível em: Acesso em: 12/04/2020.

MÉZAROS, István. A educação para além do capital. **Boitempo** editorial, 2015.

OLIVEIRA NETO, Benjamin Machado de; **Gestão pública da educação infantil: o trabalho coletivo em benefício de um ensino significativo. Ensino em Perspectivas,** Fortaleza, v. 1, n. 1, p. 1-11, 2020.

Orlando, Isabela Ramalho. **Trabalho coletivo como forma de resistência: uma experiência na educação infantil durante a pandemia de Covid-19.** Volume 3 | Número 2 | Ano 2021

Psicólogas(os) e assistentes sociais na rede pública de educação básica: orientações para regulamentação da Lei nº 13.935, de 2019 / Conselho Federal de Psicologia e Conselho Federal de Serviço Social. — 1. ed. — Brasília: CFP, 2021.

SOARES, Marcelo. **Planejamento: Concepções.** Sala ambiente realidade escolar e trabalho pedagógico. (UFES). Disponível em: [http://coordenação escola gestores .mec.gov.br/ufc/file.php/1/coordped/pdfalprojetopoliticopedagogicoeorganizaçãodoensinoescolar.pdf](http://coordenação_escola_gestores .mec.gov.br/ufc/file.php/1/coordped/pdfalprojetopoliticopedagogicoeorganizaçãodoensinoescolar.pdf) Acesso em: 21 out. 2019.

VEIGA, Lima Passos Alencastro. **Projeto Político-Pedagógico da escola: uma construção possível.** Campinas, SP: Papirus, 1998.

STETSENKO, Radical-transformative agency: continuities and contrasts with relational agency and implications for Education. In: **Frontiers in Education.** Vol 4, article 148, 2019.

STETSENKO, Critical Challenges in Cultural-Historical Activity Theory: the Urgency of Agency. Kul'turno-istoricheskaya psikhologiya. **Cultural-Historical Psychology**, Vol. 16, no. 2, pp. 5—18, 2020b. DOI: <https://doi.org/10.17759/chp.2020160202>

VEIGA, Lima Passos Alencastro. Projeto Político-Pedagógico da escola: uma construção possível. Campinas, SP: Papyrus, 1998.

O LÚDICO COMO METODOLOGIA PSICOPEDAGÓGICA AOS ALUNOS COM DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM

Érika dos Santos Pereira
Ingrid dos Santos Pereira

Introdução

O estudo consiste em envolver o tema da ludicidade como metodologia para os alunos com os alunos com alguma Dificuldade de Aprendizagem (DA). O interesse surgiu da expectativa de observar que a criança quando chega à escola não está muito interessada em permanecer sentada estudando, até porque não consegue possuir maturidade suficiente para tal. E que a prática educativa nos permite observar que nem todos os educadores estão dispostos a trabalhar com crianças que tem DA, e que o uso de jogos e brincadeiras são muito mais importantes e necessários do que imaginam.

De acordo com Bueno (2007) teríamos o verbete ‘incluir’ como tendo o significado de “abranger, compreender, envolver, implicar, somar” e, quando tratamos do assunto de incluir o lúdico como metodologia de ensino, deparamo-nos na maioria das vezes, com atitudes exatamentes contrárias.

O fato de a criança utilizar como objeto de prazer o jogo e a brincadeira facilitam o alcance dos objetivos educacionais propostos, tendo em vista que esta criança utilizará de forma natural um instrumento próprio da qual os adultos precisam tomar ciência do seu real significado para tirar proveito, ou resultados que sejam satisfatórios (KISCHIMOTO, 2002).

De acordo com Jacoby (2003, p.39) o brinquedo além de ser formador de identidade, representa cultura e meio de produção

cultural, “porque ‘dirige’ atitudes e comportamentos, ou seja, representa práticas sociais, que definem valores e atitudes que se deseja instituir”.

Problema da pesquisa

- Quais as contribuições do lúdico como metodologia para a prática educativa do psicopedagogo junto aos alunos com Dificuldade de Aprendizagem?

Objetivos

- Identificar como o psicopedagogo pode utilizar os recursos lúdicos no processo de ensino e aprendizagem junto aos alunos com Dificuldade de Aprendizagem.

- Descrever a prática do uso dos jogos e das brincadeiras como metodologia pedagógica.

- Observar como se dá o processo do ‘brincar’ como instrumento metodológico de ensino junto aos alunos com Dificuldade de Aprendizagem.

Portanto, descrever as vantagens e desafios do uso do lúdico no trabalho psicopedagógico, torna-se importante para que haja a ‘desconstrução’ do significado deste método no processo de ensino aprendizagem dos alunos que apresentam DA.

Faz-se necessário entender e agir de forma positiva sobre esta dificuldade, compreender como que o processo de ensino e aprendizagem acontece no cotidiano das salas de aula com os alunos que apresentam DA, pois, fazer acontecer a aprendizagem e conduzir os alunos a ultrapassarem os obstáculos impostos por suas limitações, é um desafio para o profissional que atua diretamente com esse público, seja o professor, o pedagogo ou o professor colaborador, porque a teoria não consegue dar conta da prática no currículo oculto presente na escola.

Os procedimentos metodológicos que se aplicam a esta proposta têm como base a pesquisa bibliográfica, caracterizada e

fundamentada em material já publicado em livros, revistas, jornais, redes eletrônicas, teses, dissertações e periódicos diversos (GIL, 1996).

O estudo apresenta fundamentação teórica específica da revisão bibliográfica, destacando que as aprendizagens serão de valor significativo para a nossa atuação profissional como psicopedagogo.

Desenvolvimento

De acordo com o renomado educador Paulo Freire (2008) “ninguém sabe tudo, ninguém ignora tudo! [...] por isso aprendemos sempre”. O lúdico na educação agrega os aspectos relacionados à infância, traz a memória tradições, estimula os sonhos e aguça a imaginação. E propor um estudo que destaca o lúdico como metodologia de ensino constitui-se como indispensável na busca por divulgar sua importância e efetividade, porque brincar é o que as crianças fazem de melhor.

Convém esclarecer sobre alguns termos comumente compreendidos, um tanto quanto distante do que o Ensino Fundamental I significa muito:

- **Jogo:** é conceituado como o uso de regras e limites numa brincadeira.

- **Brincadeira:** Vygotsky (1998) afirma que o brincar é um espaço na aprendizagem onde a criança tem a oportunidade de agir além da sua faixa etária, desempenhando simbolicamente, o que mais tarde realizará na vida real. Apesar de estar fazendo o que gosta, ao brincar a criança aprende à obediência às regras das situações que reconstrói, beneficiando no aprendizado dos direitos e deveres no grupo social ao qual está inserida. Essa habilidade de sujeição às regras, impostas pela situação imaginada, é uma das fontes de prazer no brincar.

- **Brinquedo:** neste contexto é o elemento que favorece aos progressos afetivos e cognitivos, adquirindo essencial valor no processo de aprendizagem, agenciando o incremento da criança enquanto pessoa e a edificação do saber. A brincadeira não pode

ser avaliada como uma atividade complementar, e sim primeiramente pedagógica.

Para Macedo (2005 apud FONSECA, 2011), o brincar é um processo importante na e para a construção de conhecimentos e no desenvolvimento integral da criança, independentemente do local em que vive, grupo que participa, ou da cultura da qual faz parte proporcionando a mediação entre o real e o imaginário.

“O ato de jogar é tão antigo quanto o próprio homem” (RIZZI; HAYDT, 1987, p. 18). E, a tendência lúdica é um impulso humano e animal, contudo, há diferenciação. De acordo com Piaget (apud RIZZI; HAYDT, 1987, p. 9), a atividade lúdica dos animais é de origem reflexiva ou instintiva, como nas lutas ou perseguições, etc. e, no homem extrapola estas perspectivas, graças aos esquemas racionais que faz com que se prolongue e se aperfeiçoem as atividades de prazer. Assim ultrapassa a esfera da vida humana, sendo, portanto, anterior à cultura.

A função social do jogo seria o desenvolvimento da cultura, uma vez que a tendência lúdica do ser humano está na base de muitas realizações na esfera da Filosofia, da Ciência, da Arte - e em especial da música e da poesia, no campo militar, político e até judicial (HUIZINGA, 1999 apud RIZZI; HAYDT, 1987, p. 9).

É na sala de aula que as crianças constroem a aprendizagem através do brincar, criando e imaginando situações de representações simbólicas entre o mundo real e o mundo a ser construído. É preciso que seja levada a sério, os pais e os educadores necessitam compreendê-la como ação motivadora, pois, uma vez que a criança experimenta carências, elas poderão ser supridas através de brincar (KISHIMOTO, 2002).

Histórico do brincar

Desde a antiguidade os primeiros povos trabalhavam apenas para garantir a sobrevivência das tribos. A vida era praticamente destinada a atividades sem produtividade financeira: atividades lúdicas, religiosas, artísticas, culturais, etc. o meio de sobrevivência

em si, era de costume lúdico, tudo literalmente acabava em festa, celebração, como por exemplo uma boa colheita.

Entende-se que no século XV muitos brinquedos tenham surgido a partir das imitações realizadas por crianças. Elas, na verdade, observam situações do cotidiano dos adultos e transportavam-nas para a realidade. Assim surgiram cavalos-de-pau, transmitidas e alteradas de geração em geração.

O brincar tem, hoje, seu valor reconhecido por estudiosos, educadores organismos governamentais nacionais e internacionais. E a Declaração Universal dos Direitos da Criança, no Artigo 7º, ao lado do direito à Educação, enfatiza o direito ao Brincar: “Toda criança terá direito a brincar e divertir-se, cabendo à sociedade e às autoridades públicas e garantir a ela o exercício pleno desse direito”.

Atuação do Psicopedagogo

A psicopedagogia é um campo de estudo que propõe estudar os processos de aprendizagem da crianças, adolescentes e adultos. Identifica as dificuldades e os transtornos que interferem no desenvolvimento intelectual de um indivíduo, trabalhando em conjunto com os profissionais da área de Psicologia, Neurologia Psicanálise, Filosofia e Antropologia. Assim, analisa o comportamento humano e promove intervenções em casos necessários: Escolar e Familiar (VISCA, 2010).

Entende-se que a intervenção do Psicopedagogo no trabalho com as crianças com Dificuldade de Aprendizagem é de suma importância para o processo de ensino e aprendizagem. Pois, a de considerar que o objeto de estudo da psicopedagogia está estruturado em torno do processo de aprendizagem humana: seus padrões evolutivos normais e patológicos e a influência do meio (família, escola, sociedade) em seu desenvolvimento.

Assim, ressaltam-se vários autores, Sampaio (2006), por exemplo, confirma que o Brasil recebeu influências tanto americanas, quanto europeias, através da Argentina. E

notadamente no sul do país, a entrada dos estudos de Querós, Jacob Feldmann, Sara Paín, Alicia Fernández, Ana Maria Muniz e Jorge Visca enriqueceram o desenvolvimento desta área de conhecimento no Brasil, sendo Jorge Visca um dos maiores contribuintes da difusão da psicopedagogia no Brasil.

Para o Psicopedagogo aprender é um processo que implica pôr em ações diferentes sistemas que intervêm em todo o sujeito: a rede de relação e códigos culturais e de linguagem que, desde antes do nascimento, têm lugar em cada ser humano à medida que ele se incorpora a sociedade (BOSSA, 2007, p. 51)

Kiguel (1983) ressalta que a Psicopedagogia se encontra em fase de organização de um corpo específico, visando à integração das ciências pedagógicas, psicológica, fonoaudiologia, neuropsicológica e psicolinguística para uma compreensão mais integradora do fenômeno da aprendizagem humana.

De acordo com Griz (2009), a psicopedagogia é um conhecimento em contínuo processo de construção, representa a tentativa de refletir nos dias atuais a respeito dos novos questionamentos sobre o processo de ensino/aprendizagem e, ainda demonstra uma retrospectiva teórica enfatizando o papel da Associação Brasileira de Psicopedagogia.

Como a psicopedagogia se ocupa da aprendizagem humana, e nesse contexto entender as dificuldades de aprendizagem humana: como se aprende; como a aprendizagem evolui e está condicionada por vários fatores; como se produzem as alterações na aprendizagem; como reconhecê-las, tratá-las e preveni-las, é imprescindível. O uso do lúdico como metodologia de intervenção psicopedagógica, propõe alternativas que priorizam o aprendizado não apenas daquilo que é prático, mas de conteúdos significativos que lhe forneça base para elaboração de novos conceitos. A partir da compreensão e da necessidade de usar jogos ou brincadeiras, no processo de ensinar a aprender, é impossível desenvolver o pensar (BARBOSA, 2006). Segundo Dermeval Saviani (1980, p. 6),

A constituição dos chamados “sistemas nacionais de ensino” data de inícios do século passado. Sua organização inspirou-se no princípio de que a educação é direito de todos e dever do Estado. O direito de todos à educação decorria do tipo de sociedade correspondente aos interesses da nova classe que se consolidara no poder: a burguesia.

Nas instituições, o psicopedagogo utiliza instrumental especializado, sistema específico de avaliação e estratégias capazes de atender aos alunos em sua individualidade, auxiliar o educando nas atividades escolares, e para além dos muros da escola, colocando os alunos em contato com suas reações diante da tarefa e dos vínculos com o objetivo do conhecimento, no caso específico o uso dos jogos e brincadeiras. Cabe ainda ao psicopedagogo assessorar a escola, reestruturando sua atuação junto a alunos e professores, redimensionando o processo de aquisição e incorporação do conhecimento no espaço escolar, ou seja, usando recursos metodológicos específicos e/ou encaminhando o aluno para outros profissionais.

De certo, é necessário ter atenção para não confundir o real trabalho do psicopedagogo, que não está inserido na escola para ditar regras ou interferir na forma que o gestor administra ou o professor conduz sua aula. Este profissional pode mediar e refletir de maneira conjunta através do diálogo com os profissionais (PORTO, 2011).

A autora Márcia Siqueira de (2004) descreve sobre a pedagogia do afeto relacionado ao processo de aprendizado, mostrando que o sujeito possui emoções, fantasias, realizações e, que estes são fatores essenciais para sua sociabilidade. A articulação nos diferentes níveis de desenvolvimento (motor, afetivo e cognitivo) não se dá de forma isolada, mas de forma simultânea e integrada. Por isso, é preciso ter claro que a compreensão de infância, criança e desenvolvimento tem passado por inúmeras transformações, principalmente a partir do final do século XX.

O relacionamento entre a escola e os responsáveis pelos educandos devem ser claro, direto, verbais e/ou por escrito. A família deve ser informada sobre tudo o que ocorre com os alunos

durante o período que estiver na instituição, bem como a forma de trabalho e a proposta pedagógica que será desenvolvida.

Porém, é preciso estabelecer limites para esse diálogo e intervenções, alguns pais pensam que podem mandar ou desrespeitar o trabalho que ali é desenvolvido, cabe a gestão conquistar a confiança e o respeito dos pais. Através de um trabalho competente e bem fundamentado pedagogicamente, com respeito e entendimento das necessidades e especificidades de cada criança ou jovem, com fundamentação teórica dos conhecimentos, contribuindo na sua formação pessoal e acadêmica.

É importante a aproximação das famílias no espaço e mantendo a parceria, reforçando as regras escolares e buscando ouvir e solucionar os problemas ou queixas relatadas por alunos e seus familiares. Bem como quando necessário acionar a família ou órgãos competentes para intervir e assegurar o direito da criança ou jovem como estabelecido pelo Estatuto da Criança e Adolescente.

O uso dos jogos e brincadeiras como instrumento ou prática pedagógica, perpassa pela compreensão e noção de aprendizagem vinculada à participação e execução das atividades, incluindo o copiar do quadro. E parafraseando o que nos diz Relvas (2009) a aprendizagem é a modificação do comportamento, portanto, o aluno tem progredido, ou melhor, tem aprendido, mesmo que não consiga copiar, por meio da interação nos jogos e brincadeiras sugeridos.

Aprender apenas através da repetição de conteúdos ou da memorização, para aquele que apresentam DA pode ser impossível, pois, a aprendizagem ocorre de forma mais natural quando há reflexão sobre aquilo que se faz. Inclusive Vygotsky afirma que esse processo de aprendizagem humana é desenvolvido através da interação com o ambiente, o que ressalta a função de mediação do professor como agente motivador (COUTINHO; OLIVEIRA, 2011).

O processo de ensino e aprendizagem demanda atividades adequadas, para que os indivíduos se desenvolvam, dentre as quais exige algumas capacidades básicas (LONGHI, 2008):

○ Compreensão do símbolo = letra – com significante que representa um significado = som (PIAGET, 1996).

Sugestão de atividades: brincadeiras de imitação e faz de conta (jogo simbólico); atividades de desenho e de linguagem oral: dramatização, reconto de história, rodas de conversas; uso de símbolos na comunicação social: bandeiras, logomarcas, gestos e sinais de trânsito.

○ Superação do realismo nominal, separando a palavra falada = significante do objeto = significado.

Sugestões de atividades: listar “absurdos”: frutas, animais, pessoas e objetos pequenos de nome grande e vice-versa.

○ Desenvolvimento da reversibilidade – flexibilidade do raciocínio.

Sugestão de atividades: brincadeiras de desfazer e refazer – quebra cabeça, jogos de montar; organizar o material utilizado; conectar o que estragou; guardar os brinquedos.

○ Discriminação dos sons da fala.

Sugestão de atividades: listar palavras que começam ou terminam com os mesmos sons; fazer rimas; imitar sons e ruídos.

○ Reconhecimento das letras = grafemas como símbolos dos sons da fala = fonemas.

Sugestão de atividade: identificação e organização de palavras que começam/terminam com a mesma letra (mesmo som), por meio de bingo, palavras cruzadas e caça-palavras.

○ Discriminação das formas das letras.

Sugestão de atividades: atividades variadas de identificação/discriminação de formas geométricas e letras semelhantes e/ou invertidas. Através de dominó, jogo da memória e tangran.

○ Reconhecimento das unidades vocabulares = palavra/sentença.

Sugestão de atividades: atividades de leitura e escritas de parlendas, quadrinhos, trava-línguas, ditos populares, etc.; contar números de palavras; identificar palavras que se repetem, jogos/atividades de montar palavras, frases e textos.

- Percepção da organização espacial = progressão esquerda-direita, de cima para baixo, margens e espaçamentos.

Sugestão de atividades: brincar de ler poemas, canções, textos já conhecidos (pseudoleitura).

Todas essas “capacidades de desenvolvem no processo de interação social, através de farto material de leitura e através de atividades de escrita contextualizadas, diversificadas, criativas e prazerosas” (LONGHI, 2008).

Conclusão

O objetivo deste trabalho é identificar como psicopedagogo pode utilizar os recursos lúdicos no processo de ensino aprendizagem junto aos alunos com Dificuldade de Aprendizagem.

Portanto, para que se desenvolva um processo satisfatório de ensino e aprendizagem, é necessário que o psicopedagogo busque formas de preparar os professores para entenderem seus alunos, diferenciar um a um, respeitar o ritmo de cada um, atuando diretamente junto à família e o indivíduo, com vistas a contribuir nessas intervenções. O aluno com DA precisa de amadurecimento e superação dos anseios e desafios relacionados à inserção do contexto educacional.

A partir do processo de compreensão e aceitação das dificuldades/limitações pessoais, por meio de ludicidade (jogos e brincadeiras) os alunos tendem a desenvolver resultados positivos junto aos ambientes sociais ao qual pertencem.

A escola deve se esforçar para a aprendizagem ser significativa para o aluno. Numa intervenção pedagógica quando é possível o uso da metodologia adequada que prioriza as potencialidades dos alunos com DA, ocorre naturalmente um resgate dos valores morais e éticos, pois, os casos de indisciplina são recorrentes. Inclusive o problema da evasão, abandono, faltas ou repetência escolar é um desafio para a equipe pedagógica, porque a vergonha,

baixa autoestima e sentimento de inferioridade são os sentimentos desse grupo que se sente excluído do processo de aprender.

Conclui-se que as contribuições do lúdico no trabalho psicopedagógico ultrapassam o aspecto do lazer e alcançam os objetivos de aprendizagem num grupo que sabe utilizar muito bem o seu principal ofício: o brincar.

Referências

- BARBOSA, Laura Mont Serrat. **O projeto de trabalho – uma forma de atuação psicopedagógica**. Curitiba, Paraná: Gráfica Arins, 1999.
- BOSSA, Nadia A. **A psicopedagogia no Brasil: contribuições a partir da prática**. Porto Alegre: Artmed, 4ª edição, 2007.
- BUENO, Silveira. **Minidicionário da língua portuguesa**. 2. Ed. São Paulo: FTD, 2007.
- COUTINHO, Jamile Serra; OLIVEIRA, Vinicius. **Qual a importância da mediação no processo de aprendizagem?** Disponível em: < <http://vsos.blogspot.com/2011/01/qual-importancia-da-mediacao-no.html>>. Acesso em janeiro/2022.
- Crítica do surgimento da Psicopedagogia na América Latina. **Cadernos de Psicopedagogia**, v.3, n. 6, 70-71, junho. 2004.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005, 42ª. Edição. In: BORGES, Valdir. Resenha. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n.31, p.211-213, set, 2008.
- GIL, Antônio Carlos. **Projetos de Pesquisa**. 3ª. Ed. São Paulo: Atlas, 1996.
- GRIZ, Maria das Graças Sobral. **Psicopedagogia Um Conhecimento em Continuo Processo de Construção**. Casapsi Livraria, Editora e Gráfica Ltda., - 1º Edição, 2009.
- HUZINGA, J. **Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura**. 4. Ed. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- JACOBY, Sissa. **A criança e a produção cultural**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2003.

KIGUEL, Sonia Moojen. **Reabilitação em Neurologia e Psiquiatria Infantil – Aspectos Psicopedagógicos**. Congresso Brasileiro de Neurologia e Psiquiatria Infantil – A Criança e o Adolescente da Década de 80. Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Abenepe, vol. 2, 1983.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **O brincar e suas teorias**. São Paulo: Pioneira-Thomson Learning, 2002.

LONGHI, Armino José. **Ação educativa e agir comunicativo**. Caçador: Unc caçador, 2008.

MACEDO, Lino de. Os jogos e o lúdico na aprendizagem escolar. Porto Alegre: Artmed, 2005. In: FONSECA, Karla Beatriz Perini. **A Compreensão do Brincar na Educação Infantil**. 2011. 36 páginas. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação – Pedagogia) – Sistema de Ensino Presencial Conectado, Universidade Norte do Paraná, Vitória, 2011.

PIAGET, Jean. A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho, imagem e representação. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. In: RIZZI, Leonor & HAYDT, Regina Célia. **“Atividades Lúdicas na educação da criança”**. São Paulo: Ática, 1987.

PORTO, Olívia. **Psicopedagogia Institucional: teoria, prática e assessoramento psicopedagógico**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2011.

RIZZI, Leonor & HAYDT, Regina Célia. **“Atividades Lúdicas na educação da criança”**. São Paulo: Ática, 1987.

SAMPAIO, S. (2006). Sobre a psicopedagogia. Disponível em: <<http://www.pedagobrasil.com.br>> Acesso em janeiro/2022.

SÁNCHEZ, J. N. G. História y concepto de las dificultades de aprendizaje. In: **Dificultades de aprendizaje**. Madrid (ES): Ed. Síntesis S.A., 1998.

SAVIANI, Demerval. **Escola e Democracia: Teoria da Educação**, Editora Autores Associados, 1980.

VISCA, Jorge. **Clínica Psicopedagógica**. Porto Alegre, Rio Grande do Sul: Artes Médicas, 1987.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

Fontes eletrônicas

<https://monografias.brasilecola.uol.com.br/pedagogia/o-papel-psicopedagogo-educacional.htm>]

http://www.editorarealize.com.br/revistas/fiped/trabalhos/Comunicacao_1674.pdf

Portal da Educação: www.eunapos.com.br

NEUROCIÊNCIA E EDUCAÇÃO: PERSPECTIVAS PARA UM NOVO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

Diego de Almeida Silva¹

Introdução

O ambiente escolar está firmado no compromisso de estabelecer-se na sociedade como um espaço de acolhimento, convivência e acima de tudo de conhecimento e desenvolvimento humano. Desde as primeiras relações entre pessoas, as primeiras escritas, os movimentos, até os mais complexos cálculos, pesquisas e descobertas, tudo, tem na escola o seu início, desenvolvimento, consolidação e aplicação. Essa efetivação transcorre pela existência de funcionários, instalações estruturais, currículos, planos, metodologias e etc., porém acima disso tudo, pela presença de professores e estudantes, todos buscando um objetivo em comum, que é a construção do conhecimento, através da aprendizagem.

É neste ambiente desafiador, coletivo e privilegiado que construções acontecem, através de relações, que trarão influências para tempos futuros. Para Michael Young (2007) apesar das críticas que a escola vem recebendo durante os anos, não é sábio negligenciar a sua importância, pois sem ela, cada geração teria que começar do zero ou, como as sociedades que existiram antes das escolas, permanecer praticamente inalterada durante séculos. Uma destas relações presentes no ambiente escolar, trata do processo de ensinar e aprender, denominado por *processo de ensino-aprendizagem*. Esta arte, como apontam Kubo e Botomé (2001) não se refere a “coisas estáticas ou fixas”, muito menos a procedimentos independentes ou separados. Isso assinala que que o processo de ensino-aprendizagem deve ser desenvolvido fundamentado no

que baseia o trabalho educativo, o desenvolvimento da aprendizagem e respeitando as singularidades dos estudantes, dando assim, sentido aos sujeitos envolvidos nesta ação.

Diante da relevância do espaço escolar na sociedade, é fundamental que os profissionais que nele atuam, estejam em constante processos formativos, e aprimorando seus meios e modos de contribuir para o crescimento dos agentes dessa ação, atendendo as demandas que fazem parte da realidade escolar. Mediante as realidades da sociedade atual, seja relacionada a aspectos políticos, econômicos entre outros, a educação apresenta-se cada vez mais como um ofício árduo e extremamente complexo, pois durante o andamento dos anos a escola lidou com mudanças significativas.

Daí então, quando se trata de atos educativos que envolvem docentes, nos deparamos com um campo extremamente amplo e recheado de desafios no que diz respeito a formação do professor. Cardoso e Queiroz (2019), afirmam que hoje em dia há um interesse em recomendar que a educação seja qualificada em variados aspetos, mas, sobretudo em formação de sujeitos críticos e reflexivos e que o professor para além de todas as suas ocupações tem o dever de preparar os estudantes para pensar. Assim sendo, suscita-se a relevância para ciências que tratem de contribuir com a resolução de problemas e desafios do ato educacional e que o tornem algo efetivo, que promova criticidade e estimulem seus partícipes a refletir não apenas sobre suas ações, como também sobre a sociedade em que está inserido.

Recentes estudos sobre o Sistema Nervoso Central (SNC), o cérebro, sua estrutura anatômica e seu funcionamento durante a absorção de novas informações, apontam grandes descobertas e supõem grandes contribuições no desempenho em aprender. Denominada de Neurociência, este campo de estudo atua entre várias outras ciências como Anatomia, Biologia, Genética, Neurologia, entre outras e se propõe a estudos inerentes à educação humana e de como o cérebro aprende. (Molina 2021; Neri 2017)

A partir dessas realidades surge um questionamento: Tendo em conta que a aprendizagem se constitui como um pilar da educação e

que esta realidade não pode ser dissociada do SNC, do cérebro e suas atividades, como a neurociência pode contribuir com a educação de forma efetiva, no processo de ensino-aprendizagem? Esta indagação estimulou o exercício do presente estudo que por meio de um levantamento sistemático do tema, baseado em artigos publicados em periódicos acadêmicos em um determinado espaço de tempo, dedicou-se em compreender a neurociência em seus aspectos básicos e como esta ciência pode contribuir com a educação no processo de ensino aprendizagem, e especificamente em entender a neurociência e seus aspectos mais elementares, apontar os diálogos existentes entre a neurociência e a educação, e expor as contribuições da neurociência para o processo de ensino-aprendizagem.

DESENVOLVIMENTO

Desde os primórdios da humanidade é possível perceber a influência do ensino, bem como da educação em diversas realidades da sociedade. Relatos históricos das comunidades primitivas expõem o poder transformador do ato educacional no ser humano, no seu papel social e de sobrevivência. Obviamente que o modelo educacional que se apresentava naquelas longínquas épocas, em nada se assemelha com a orientação de estruturação a ser seguida hoje, principalmente no Brasil, e debruçando-se sobre as narrativas que tratam do desenvolvimento da educação percebe-se que não existia uma instituição determinada para a educação como conhecemos hoje, assim sendo, o ensino acontecia a partir do contexto familiar, pautado nas funções sociais do seu grupo, tribo, ou da coletividade subsidiando o suprimento das necessidades da comunidade, como afirma Ponce (1983, p. 19) citado por Silva *et al.* (2016, p. 3):

“[...] nas comunidades primitivas, o ensino era para a vida e por meio da vida; para manejar o arco, a criança caçava; para aprender a guiar um barco, navegava. As crianças se educavam tomando parte nas funções da coletividade.”

Este modelo de educação permeia a sociedade por longos anos, até que, seguindo a evolução social, diferentes culturas trouxeram suas contribuições e influências sobre o que se tinha como processo educacional. Dentre muitos podemos citar a ação advinda da Grécia Antiga que revolucionou a ideia de educação e para Jaeger (1995, p. 5), “não é possível descrever em poucas palavras a posição revolucionadora e solidária da Grécia na história da educação humana”, bem como também a influência dos modelos ligados a religião, já na Idade Média, intrinsecamente ligados aos mosteiros como responsáveis pelo ensino, surgindo daí a primeira ideia de espaço de organização, preservação e sistematização do ensino, como aponta Oliveira (2008, p. 208):

O mosteiro foi o primeiro espaço de organização e preservação dos saberes na Idade Média. Eles salientam que a concepção que temos de um local especialmente destinado à sistematização do ensino e do conhecimento nasceu da ideia cristã de evangelização presente no mosteiro e nas escolas cristãs dessa época.

Afirma-se que esta realidade não apenas idealizou a escola como espaço educacional, como também conceituou a ideia filosófica que norteou o ensino, durante todo o tempo onde o catolicismo influenciou profundamente na ética do ocidente.

Tratando de uma realidade educacional mais específica, percebemos que no nosso país, os caminhos da educação seguem a mesma linha de concepção e desenvolvimento, pois é possível afirmar que mesmo antes da chegada dos nossos colonizadores, os povos que destas terras brasileiras já faziam habitação, praticavam de alguma forma, o educar, sempre partindo do âmbito familiar. Isso não é um privilégio apenas deste particular episódio histórico, mas todos os povos em qualquer época e lugar da história, praticavam e praticam alguma forma de educação que começa sempre no âmbito familiar, como afirma Bittar (2010), prefaciando o livro História da Educação Brasileira: da Colônia ao século XX.

Esta realidade só começa a ser transformada, com a chegada dos portugueses, acompanhados dos jesuítas, companhia que seria

responsável pela estruturação da catequização e escolarização dos indígenas, povos nativos brasileiros. Souza *et al* (2018, p.4) salientam que:

O processo educacional com a participação dos jesuítas iniciou em março de 1549 os primeiros jesuítas chegaram ao Brasil e perceberam que não seria possível ensinar a fé católica sem que os jesuítas soubessem lê e escrever, contudo, juntamente com Tomé de Souza que era governador Geral, foi criada a Escola elementar brasileira em Salvador.

Para além da influência religiosa, que se deu no período colonial, a educação no Brasil passou por mudanças em outros momentos históricos do país como por exemplo, no período do Brasil Império, quando veio a se tornar uma República, e etc. Num primeiro momento, entre os anos de 1822 à 1889, quando deixou de ser colônia de Portugal, o Brasil como um Império, passou a fomentar debates políticos a respeito da educação, Serenna (2018) afirma que após a independência brasileira, a partir da constituinte de 1823, passou-se a discutir políticas de educação pública e a idealização de universidade no país. Esses movimentos resultaram na lei de 15 de Outubro de 1827, que determinava a criação de escolas de primeiras letras em todas as cidade, vilas e vilarejos. A autora ainda aponta que:

Anos mais tarde, houve a descentralização das responsabilidades educacionais do governo, com o Ato Adicional de 1834, que delegou às províncias a legislar sobre a educação primária. Sistema esse que foi mantido, anos depois, pela República.

Tratando do Brasil República, no período que se estabeleceu entre os anos de 1889 à 1964, a educação recebeu consideráveis avanços, pois nesse intervalo de tempo se deu a criação do Conselho Federal de Educação e a expansão do ensino primário e superior, a criação de campanhas de alfabetização de adultos e os grandes movimentos que defendiam a escola pública, até que, depois de lutas, embates e convicções defendidas, nasce a

Constituição Federal 1988, que dispõe sobre dos direitos sociais, e inclui a educação neste princípio fundamental. Segundo Serenna (2018), com força da carta magna, educação passou a ser um direito de todos e teria como finalidade, permitir à pessoa o exercício da cidadania e a preparação adequada para o mercado de trabalho.

Conquistas como as citadas a pouco, se deram pela condição libertadora que o conhecimento oferece à aqueles que o buscam. Desde os primórdios percebemos que o homem foi conquistando seu espaço e suprindo suas necessidades através das aprendizagens adquiridas no processo educacional em qualquer que seja o contexto dentro da realidade histórica da humanidade. A aprendizagem de acordo com Gazzaniga (2006), citado por Bortoli e Teruya (2017) pode ser compreendida como o processo de aquisição de informação, e são essas informações que irão fundamentar um efetivo processo de ensino.

O conhecimento e o estudo desse processo trazem contribuições substanciais no que diz respeito ao ensino. Baseado nesta realidade Bartoszeck e Bartoszeck (2012) e Sousa e Alves (2017) afirmam que a aprendizagem deve ocupar o objeto principal de pesquisa da educação, considerando que esta posição pode melhorar o ensino e conseqüentemente a aprendizagem e que o compromisso da educação deve ser fundamentalmente, o processo de ensino-aprendizagem, desde que se assuma o compromisso de oferecer um cenário real o para o aprender e que este atenda às exigências sociais.

Estas contribuições de aperfeiçoamento que acabam influenciando na maneira de instruir-se advêm dos avanços no conhecimento e estudos científicos sobre esta área, que relatam que a aprendizagem e outras etapas do conhecimento estão interligadas, quando ativadas pelo processo de ensino-aprendizagem no SNC. Assim sendo, destaca-se a importância dos aportes ofertados pelas ciências que apontam como oferecer o conhecimento num formato em que o cérebro aprenda. (Souza e Silva, 2019)

Por meio da Neurociência, estudos sobre o SNC, sobre o cérebro, seu funcionamento no decorrer de aquisições de

informações e conhecimento e a estrutura anatômica deste órgão apontam grandes descobertas e supõem grandes contribuições no desempenho em aprender. Bortoli e Teruya (2017) caracterizam o cérebro humano como o principal órgão do encéfalo, localizado no SNC, desempenhando o controle de atividades voluntárias e involuntárias em razão dos estímulos provenientes do meio ambiente. Ainda para Souza e Silva (2019, p. 66):

A partir da Neurociência, entender a conexão cérebro *versus* aprendizagem, vem surgindo como uma possibilidade de resposta para os desafios da educação, de como o aluno deve ser ensinado a aprender para potencializar os resultados do processo ensino-aprendizagem.

Desta forma, a neurociência possibilita o ato de refletir sobre estratégias pedagógicas que sejam mais coerentes com o aprendizado, bem como métodos e técnicas didáticas, tendo em vista que, segundo Relvas (2010) a aprendizagem adquire novas perspectivas em razão das descobertas provenientes de estudos e avanços tecnológicos que permitem visualizar as regiões que são ativadas no momento exato de sua execução, e possibilitam o aprofundamento de conhecimentos sobre o cérebro, antes inviáveis cientificamente.

METODOLOGIA

Caracterizada como pesquisa qualitativa e bibliográfica e tendo como método de levantamento de dados a revisão sistemática esta pesquisa assume o desafio de analisar artigos ligados a temática escolhida. Para Lima et al. (2000, p. 2):

A revisão sistemática tem como princípios gerais a exaustão na busca dos estudos analisados, a seleção justificada dos estudos por critérios de inclusão e exclusão explícitos e a avaliação da qualidade metodológica, bem como a quantificação do efeito dos tratamentos por meio de técnicas estatísticas.

Para a construção da revisão sistemática foram adotados alguns critérios para realização da pesquisa, dentre eles, os artigos

que estivessem relação direta com os descritores da pesquisa (Neurociência, Educação e Ensino-Aprendizagem) e completando estes critérios, os artigos publicados em periódicos entre os anos de 2017 a 2021, ou seja, nos últimos 5 anos. Foram encontrados um total de 26 artigos, porém, foram excluídos um total de 15 artigos, por não estarem publicados dentro do período de tempo determinado ou por não atenderem diretamente a temática da pesquisa. Sendo assim, foram analisados 11 artigos que se acomodavam nos critérios de busca. (Quadro 1)

Quadro 1- Artigos analisados

Artigo	Ano	Autor(es)	Periódico
Neurociência cognitiva e educação infantil: Possibilidades de aprendizado	2017	Clorijava de Oliveira Santiago Júnio e Irecê dos Santos Barbosa	Revista BIUS
Implicações da Neurociência na educação	2017	Kelly Naxara e Victor Silva Ferreira	Revista de Pós-Graduação Multidisciplinar
Neurociência e Educação: Os percalços e possibilidades de uma caminho em construção	2017	Bruno de Bortoli e Teresa Kazuko teruya	Revista Imagens da Educação
A Neurociência na formação dos educadores e sua contribuição no processo de aprendizagem	2017	Anne Madeliny Oliveira Pereira de Sousa	Revista Psicopedagogia
Neurociência aplicada à Educação: Teorias da aprendizagem	2017	Karine Pereira Neri	Revista Maiêutica
Contribuições da Neurociências no processo de ensino e aprendizagem	2018	Sidney Lopes Sanchez Junior	Revista Diálogo e Interação
Teorias da aprendizagem e neurociência cognitiva: Possíveis aproximações	2018	Estela Mari dos Santos Simões, Arnaldo Nogaro e Hildegard Susana Yung	Revista Cocar

A Neurociência como ferramenta no processo de ensino-aprendizagem	2019	Laura Aparecida Alves Ferreira de Souza	Revista Mythos
As contribuições da Neurociência para a Educação e a formação de professores: Um diálogo necessário	2019	Marcélia Amorim Cardoso e amanta Lacera Queiroz	Revista Cadernos da Pedagogia
A aprendizagem de acordo com a Neurociência: Tempo, memória e atenção como método de estudo	2020	Giovani Meinhardt	Revista Acadêmica Licencia & Acturas
Os avanços da Neurociência e a aprendizagem	2021	Cristiane de Souza Molina	Revista Científica Multidisciplinar

Fonte: Próprio autor.

Os artigos foram retirados dos periódicos: Revista de Pós-Graduação Multidisciplinar, Revista Imagens da Educação, Revista Psicopedagogia, Revista Maiêutica, Revista Diálogo e Interação, Revista Cocar, Revista Mythos, Revista Cadernos da Pedagogia, Revista Acadêmica Licencia & Acturas e Revista Científica Multidisciplinar..

Ainda sobre a revisão sistemática Gomes e Caminha (2014, p. 3) apontam a mesma como:

Opção para não apenas acastelar informações, mas acompanhar o curso científico de um período específico, chegando ao seu ápice na descoberta de lacunas e direcionamentos viáveis para a elucidação de temas pertinentes.

Sendo desta forma a revisão sistemática vem para contribuir não só na reunião de informações sobre uma determinada temática bem como ampliar o número de pesquisas sobre um assunto estudado que promove a atualização dos profissionais de saúde, uma vez que sintetiza amplo corpo de conhecimento e ajuda a explicar as diferenças entre estudos com a mesma questão clínica. (Cook, Mulrow e Haynes, 1997)

Resultados e discussão

Após minuciosa leitura e levantamento de dados, apresenta-se os resultados encontrados baseados no que se objetivou este estudo e a colocação das discussões entre escritos dos autores estudados e o entendimento do autor deste estudo, por hora, julgados pertinentes.

1- Dos aspectos básicos da neurociência

Como o próprio nome sugere, a neurociência é um campo de pesquisa que se propõe a estudar o sistema nervoso, suas estruturas e seu funcionamento. Para além disso identificamos nas afirmações de Meinhardt que o objeto principal das neurociências é a pessoa, na qual chegamos ao estudo cérebro. Ainda segundo o autor, a atividade cerebral está em profunda fecundação mútua com todos os órgãos humanos e que o funcionamento cerebral transformou-se em um campo de pesquisa sem precedentes. Baseados nestas colocações, compreendemos que a neurociência vem contribuir com o conhecimento e a elucidação dos atos ocorridos durante o funcionamento dos processos do cérebro quando ativado por ações intrínsecas e extrínsecas ao organismo humano.

Neri em seu artigo, afirma que a neurociência é um conjunto de disciplinas que busca informações sobre o sistema nervoso, propõe-se a esclarecer sobre os mistérios dos processos cerebrais, e as ações do meio externo e interno que podem comprometer o pleno funcionamento desta enigmática estrutura. Já Naxara e Ferreira escrevem que a neurociência é uma ciência nova, que estuda o sistema nervoso central, bem como sua complexidade, que compreende a biologia cerebral, a anatomia e fisiologia do cérebro que aprende e mais especificamente aponta que a mesma traz uma discussão de como o conhecimento da memória, do esquecimento, do sono, da atenção, do medo, do humor, da afetividade, do movimento, dos sentidos, e linguagem são estruturados fisiologicamente em cérebros de crianças e adultos.

Substanciando a afirmação anterior sobre a efetiva participação do cérebro nos processos neurais e nos estudos desta ciência Bortoli e Teruya apontam que com uma nova abordagem, a neurociência destaca-se pelas pesquisas realizadas sobre o cérebro humano, seguindo uma abordagem multidisciplinar, ampliando conhecimentos e evidenciando descobertas que até o século XIX eram praticamente intuitivas para algumas áreas do conhecimento, dada a falta de instrumentos tecnológicos capazes de aprofundar os estudos. A partir daí, já é possível perceber entre outras estruturas, o destaque do cérebro nessas atividades neurais. Os mesmos autores apontam em seu artigo que o cérebro humano caracteriza-se como o principal órgão do encéfalo e localizado no SNC, desempenha o controle das atividades voluntárias e involuntárias. As atividades complexas, como o pensamento, a memória, a emoção e a linguagem, fazem parte das funções deste importante órgão.

Ainda sobre a neurociência Santiago Junio e Barbosa registram que esta ciência, recente mas com sua importância já estabelecida, possui cinco grandes disciplinas neurocientíficas, são elas: a) Neurociência Molecular, que tem como objetivo de estudo as diversas moléculas de importância funcional no sistema nervoso, e suas interações; b) Neurociência Celular, que aborda as células que formam o sistema nervoso, sua estrutura e sua função; c) Neurociência Sistêmica, a que considera populações de células nervosas situadas em diversas regiões do sistema nervoso, constituindo sistemas funcionais como o visual, o auditivo, o motor, etc.; d) Neurociência comportamental, aquela que dedica-se ao estudo das estruturas neurais que produzem comportamentos e outros fenômenos psicológicos como o sono, os comportamentos sexuais, emocionais, e muito outros; e) Neurociência Cognitiva, que trata das capacidades mentais mais complexas, geralmente típicas do homem, como a linguagem, a autoconsciência, a memória, etc.

Para concluir, Molina ainda acrescenta que esta ciência é a compreensão de como os sistemas neurais são fixados no instante

de aprendizagem, como é possível visualizar como se chega ao cérebro da maneira como as memórias se fixam e como devemos ter acesso às informações que são guardadas no cérebro. Sendo assim, baseado em todas as informações e afirmações expostas, percebemos possíveis alinhamentos entre a neurociência e a ciência da educação, naquilo que esta se apoia como finalidade. A partir de então, apontamos os diálogos entre estas duas áreas.

2 – Dos diálogos entre a neurociência e a educação

Ante a todo conhecimento já exposto sobre conceitos e propósitos de estudos da neurociência, já são presumíveis os princípios que geram a proximidade entre esta e a educação. Porém, não obstante o que já foi posto, Sousa e Alves apontam que a neurociência considera o conhecimento das funções cerebrais como peça chave para o estímulo de um desenvolvimento cognitivo saudável e que compreendendo-se que o cérebro humano possa revitalizar-se, existem inúmeras possibilidades para trabalhar o processo de ensino e aprendizagem, já que o cérebro é dinâmico, e tem a capacidade de mudar em resposta aos desafios da sociedade moderna.

Sanchez Junior, tratando da capacidade do cérebro de se organizar a cada novo aprender, por meio da plasticidade cerebral, afirma que é importante compreender que o mesmo é marcado por sua permanente plasticidade, ou seja, a capacidade de neurônios estabelecer novas conexões e se reorganizar a partir dos estímulos e interações com o meio externo e interno do corpo. Para Cardoso e Queiroz, aprendizagem e cérebro estão indissolúvelmente entrelaçados, entremeados, já que uma das figuras indispensáveis da educação, o professor, lida de forma direta com o órgão da aprendizagem, o cérebro. Souza e Silva acrescentam que a neurociência é considerada a ciência do cérebro, enquanto a educação é conhecida como a ciência do ensino e da aprendizagem e são próximas porque o cérebro participa do processo de aprendizagem do indivíduo.

Sousa e Alves, em concordância, afirmam que avanços dos estudos da neurociência são de suma importância para o entendimento das funções corticais superiores envolvidas nos processos da aprendizagem, haja vista que o sujeito aprende por meio de modificações funcionais do SNC.

De igual modo, Cardoso e Queiroz ainda afirmam que as pesquisas em neurociência vinculadas à educação tiveram um crescimento vertiginoso nos últimos anos, pois a neurociência vem trazendo consideráveis contribuições no campo educacional. Desta forma, partindo desse pressuposto, podemos afirmar que a neurociência e a educação são vias de mão dupla e se entrelaçam.

Sousa e Alves acrescentam que para pensar em “educação de qualidade” faz necessário em primeiro lugar a compreensão de como se dá o processo de aprendizagem no cérebro e em segundo lugar a importância desse conhecimento por parte dos educadores, pois o objetivo da educação só é atingido se houver aprendizagem e é através da neurociência e do estudo desta por parte dos docentes, que isto será proporcionado. É bem verdade que deste ponto em diante a neurociência não pode ser tratada como aquela que vai extinguir todos os desafios da educação, mas também, não é sábio negar as propostas de reorientação de direções no processo de aprendizagem, principalmente nos seis primeiros anos, como apontam Simões, Nogaro e Yung.

Por esse motivo, Bortoli e Teruya afirmam que na educação, o estudo da neurociência possibilita a elaboração de estratégias pedagógicas mais coerentes com a neurobiologia do aprendizado e posto isto, a aprendizagem, do ponto de vista biológico, traduz-se como o processo pelo qual se possibilita a formação e a consolidação das ligações entre as células, ou seja, é resultado de uma experiência sensitiva que provocou alterações químicas e estruturais no sistema nervoso.

Os diálogos e aproximações dessas duas áreas já são realidades. Fatos que se estabelecem de uma forma tão fulgente, acabam que chegam a tornar-se espécies de subsídios para a educação, fomentando contribuições e influências para todos

aqueles envolvidos com o processo educacional. Molina afirma que os progressos e invenções na área da neurociência atrelada ao sistema de aprendizagem são, sem questionar, uma inquietação na busca por algo que agregue e torne mais adequado este sistema.

3 – Das contribuições da neurociência no processo de ensino-aprendizagem

Como já citado anteriormente, o estudo do cérebro e de como ele aprende traz de fato, inúmeras colaborações para que se possa compreender melhor os processos que envolvem os participantes da educação, ou seja, tanto de quem ensina, como também de quem aprende. Apresenta-se em primeiro plano as contribuições da neurociência à quem aprende.

3.1- Das contribuições da neurociência à quem aprende

Naxara e Ferreira apontam que as pesquisas nesse campo do conhecimento têm revelado aos profissionais da educação a relação do funcionamento do cérebro com estratégias para que a aprendizagem seja mais eficaz, e além disso, tais estudos indicam a relação entre os seis primeiros anos de vida, comportamento e a saúde da criança. Ainda acrescentam, que os estudos do cérebro permitem avaliar como o desenvolvimento cognitivo ocorre, mostrar períodos críticos de desenvolvimento da criança e os estímulos que devem ser garantidos a elas em cada fase, como a criança faz uso de seus sentidos para aprender e o papel da atenção, memória, motivação, emoção e o meio social, para a construção do conhecimento.

É bem verdade que, todas as ações necessárias para que uma aprendizagem significativa e efetiva aconteça, partem da ação do professor, porém nessa perspectiva, entendemos que os estudantes são tão beneficiados quanto, por desfrutarem de verdades científicas que facilitarão a aquisição de conhecimento e de novas informações. Souza e Silva registram em seu estudo que ao investigar e lidar com informações a respeito das especificidades

do sistema nervoso, a neurociência permite compreender como o aluno aprende e desse modo, se a aprendizagem é o conceito principal da educação, aplicando os métodos e princípios sugeridos por esta ciência, os estudantes poderão aprender de forma apropriada e eficiente.

3.2 Das contribuições da neurociência à quem ensina e a sua importância na formação docente

A atividade docente é uma prática social complexa e cheia de desafios, que requer dos seus autores a combinação de habilidades, atitudes, expectativas e conhecimentos. Dentre a infinita gama de conhecimento, que são atreladas a docência, o conhecer o cérebro, sua estruturação e como ele se comporta durante suas ações torna-se, cada vez mais, imprescindível. Sousa e Alves discorrem que é perceptível a importância do conhecimento por parte dos educadores de como se processa a construção da aprendizagem no cérebro, já que tais conhecimentos poderão proporcionar estratégias e metodologias eficazes para um processo de aquisição de novas informações e aprendizagens de forma satisfatória. Explorar as bases da aprendizagem a partir da neurociência poderá contribuir de forma satisfatória para responder algumas questões, tais como: Garantir o sucesso de um currículo compatível com o desenvolvimento cerebral; Converter o conhecimento obtido em pesquisas e métodos instrucionais efetivos com cenários reais; Melhorar a instrução nas disciplinas e os impactos de novas tecnologias no desempenho escola.

Sousa e Alves, e Souza e Silva em seus respectivos estudos indicam que os fundamentos da neurociência mostram que o conhecimento das funções cerebrais é a base para que se estimule desenvolvimento cognitivo saudável e que a educação pode se beneficiar dos conhecimentos neurocientíficos para o planejamento de suas práticas pedagógicas, desenvolvendo atividades que fortaleçam os circuitos neuronais, já que estes conhecimentos proporcionam para os educadores estratégias de ensino e

aprendizagem que geram alterações na quantidade e qualidade de conexões sinápticas, resultando em um processo cerebral positivo e o aumento de possibilidades de resultados eficazes.

Neri em seus escritos, assegura que a falta do domínio sobre o sistema nervoso em sala de aula pelos professores, motiva um empecilho para que haja a inserção mais eficiente e célere desta temática na pedagogia e por falta de incentivos e propagação deste saber, acaba-se gerando um posição de ignorar algo tão valioso, o que ao nosso entender é lamentável, levando em consideração que vivemos em uma sociedade cada vez mais exigente e com necessidades pontuais e específicas. Em consonância, Molina, Cardoso e Queiroz interpretam que os conhecimentos básicos da neurociência são essenciais para os professores, já que estes têm como objetivo proporcionar aprendizagens aos seus discentes da forma mais otimizada possível.

Concordando com as posições de Neri, Sousa e Alves, findamos este estudo, exprimindo que, não obstante a todas as contribuições, colaborações e influências da neurociência, tanto para a estudante como para professores, é de uma audácia imensurável afirmar que esta seria a resposta que solucionariam todos os desafios e problemas relativos ao processo de ensino-aprendizagem, pois entendemos que outros aspectos causam, de igual forma, influências neste processo. Contudo entendemos equitativamente que a busca pelo conhecimento e o aporte de áreas que contribuem e trazem ganhos, sempre serão bem-vindos e mais que isso, necessários para que cheguemos em um ideal favorável a todos. Concluo este prazeroso estudo com a colocação de Sousa e Alves, e em concordância com esta, quando afirmam que o educador é o profissional que maior impacto pode causar no sistema atual da educação e do qual muito se espera.

Referências

- BARTOSZECK, Amauri B. BARTOSZECK, Flavio K. **Neurociência dos seis primeiros anos- Implicações educacionais**. Revista Educação v. 9, p. 59-71, 2012.
- BITTAR, Marisa. **História da Educação Brasileira da colônia ao século XX**. In: FERREIRA JR, Amarílio. *História da Educação Brasileira da colônia ao século XX. Prefácio*. Editora EdUFSCar, São Carlos, 2010.
- BORTOLI, Bruno. TERUYA, Teresa K. **Neurociência e educação: Os percalços e possibilidades de um caminho em construção**. Revista Imagens da educação, Maringá, v. 7, n. 1, p.70-77, 2017.
- CARDOSO, Marcélia A. QUEIROZ, Samanta L. **As contribuições da neurociência para a educação e a formação de professores: Um diálogo necessário**. Revista Cadernos da Pedagogia, São Carlos, v. 12, n. 24, p. 30-47, jan/jun. 2019.
- COOK, D; MULROW, C; HAYNES, B. **Systematic reviews: synthesis of best evidence for clinical decisions**. Ann Intern Med, 1997.
- GAZZANIGA, Michael. Et al. **Neurociência cognitiva: a biologia da mente**. Editora Artmed, 2 ed. Porto Alegre, 2006. apud BORTOLI, Bruno. TERUYA, Teresa K. **Neurociência e educação: Os percalços e possibilidades de um caminho em construção**. Revista Imagens da educação, Maringá, v. 7, n. 1, p.70-77, 2017.
- GOMES, Isabelle, S., CAMINHA, Iraquitan O. **Guia para estudos de revisão sistemática: uma opção metodológica para as ciências do movimento humano**. Revista Movimento. Porto Alegre. 2014.
- KUBO, Olga M. BOTOMÉ, Silvio P. **Ensino-aprendizagem: Uma interação entre dois processos comportamentais**. Revista Interação em Psicologia, Curitiba, vol. 5, dez. 2001. ISSN 1981-8076. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/psicologia/article/view/3319>>. Acesso em: 05 ago. 2021.
- JAEGER W. **Paidéia a formação do homem grego**. São Paulo, Martins Fontes, 1995.

LIMA, Maurício D. SOARES, Bernardo, BACALTCHUK, Josué. **Psiquiatria baseada em evidências**. Revista Brasileira de Psiquiatria. Rio de Janeiro. 2000.

MOLINA, Cristiane S. **Os avanços da neurociência e a aprendizagem**. Revista Científica Multidisciplinar, Maringá, v.2, n. 6, 2021.

NERI, Karine P. **Neurociência aplicada à educação: Teorias da aprendizagem**. Revista Maiêutica, Indaial, v. 5, n. 1, p. 27-34, 2017.

OLIVEIRA, Terezinha. **Os mosteiros e a institucionalização do ensino na Alta Idade: uma análise da história da educação**. Revista Série-Estudos, Campo Grande, n. 25, p. 207-218, jan/jun. 2008.

PONCE, Aníbal. **Educação e Luta de Classes**. 4. ed. São Paulo, Cortez, 1983. apud SILVA, Shirley M. et al.. **A educação jesuíta no brasil colônia e sua herança contemporânea**. III Congresso Nacional de Educação, Anais. Campina Grande: Realize Editora, 2016. Disponível em: <<http://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/19784>>. Acesso em: 29/10/2021.

RELVAS, Marta P. **Neurociência e educação: potencialidades dos gêneros humanos na sala de aula**. Editora Wak, Rio de Janeiro, 2 ed., 2010.

SERENNA, Nathalia. **História da educação no mundo e no Brasil**. Jusbrasil, 2018. Disponível em: <<https://serenna.jusbrasil.com.br/artigos/605451719/historia-da-educacao-no-mundo-e-no-brasil>>. Acesso em: 29/10/2021.

SOUSA, Anne M. O. P. ALVES, Ricardo R. N. **A neurociência na formação dos educadores e sua contribuição no processo de aprendizagem**. Revista Psicopedagogia, São Paulo, v. 34, n. 105, p. 320-331, 2017.

SOUZA, Fracivane P. et al. **O processo educacional no Brasil no período jesuítico**. V Congresso Nacional de Educação, Anais. Olinda: Realize Editora, 2018. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2018/TRABALHO_EV117_MD1_SA6_ID4665_09092018215456.pdf>. Acesso em 29/10/2021.

SOUZA, Laura, A. A. F. SILVA, Sidney V. **A neurociência como ferramenta no processo ensino-aprendizagem.** Revista Mythos, Cataguases, v. 12, n. 2, p. 66-77, 2019.

YOUNG, Michael. **Para que servem as escolas?** Revista Educação e Sociedade, Campinas, vol. 28, n. 101, p. 1287-1302, set./dez. 2007.

**DESAFIOS E POSSIBILIDADES DO PROCESSO DE
APRENDIZAGEM DA LEITURA E DA ESCRITA NOS
ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL II**

Camila Abreu Thomazini Frinhani¹

Introdução

A relevância da leitura é incontestável, apesar da existência de diversificadas inovações tecnológicas no dia a dia, os livros permanecem sendo uma ferramenta fundamental para o processo de ensino-aprendizagem colaborando com a realização da formação integral de muitos discentes.

Nos currículos e programas constam a grande exigência e necessidade de se desenvolver habilidades de leitura e de escrita para promover o melhor desempenho dos discentes nas práticas sociais. Entretanto, é percebida a existência de um fragmento entre as práticas de leitura e de escrita trabalhadas na escola e sua efetiva utilização na sociedade. Neste contexto, ensinar a ler e a escrever se destaca como uma das mais importantes funções da escola, entretanto, no ensino continuam estagnadas as propostas metodológicas tradicionais, em que o docente é o personagem principal, magistrocêntrico, sendo ele a única fonte detentora do saber e do discurso, não oferecendo ao aluno a oportunidade de assumir uma postura mais ativa, crítica e política dentro da sala de aula.

Dados de pesquisa revelaram que os professores de Língua Portuguesa dos anos finais do Ensino Fundamental têm recebido alunos em suas classes com dificuldades em ler e escrever

¹ Mestranda em Educação, pela Universidade Columbia, graduada em Letras – Língua Portuguesa, pelo Centro Universitário São Camilo, camila_thomazini2@hotmail.com.

corretamente. Concomitante a este fato, foi percebido que muitos docentes também não estão preparados para desenvolver nos seus alunos a disposição necessária para o pleno uso da leitura e da escrita.

Perante a este fato, embora as habilidades fossem trabalhadas anteriormente, nos anos iniciais do Ensino Fundamental, o docente tem se deparado com um número cada vez maior de alunos incapazes de ler, entender e escrever textos, desde os mais simples, de forma significativa. Mesmo cabendo à escola a função de promover a leitura e a escrita dos alunos das séries iniciais, ela não tem conseguido formar alunos membros plenos da comunidade de leitores e escritores. Entretanto acredita-se na importância de o aluno adquirir cada vez mais autonomia na produção do conhecimento, pois ao se instruírem, eles participarão efetivamente da sociedade.

Dentro dessa visão, o problema que será investigado nesta pesquisa será o seguinte: Quais são as contribuições e o papel do professor para desenvolver um processo de aprendizagem da leitura e escrita, adequadamente, aos seus alunos no Ensino Fundamental II?

Responder por este estudo, bem como algumas das hipóteses levantadas como possíveis sustentação ao problema levantado: Acredita-se que o professor deva viabilizar o acesso do aluno ao universo dos textos que circulam socialmente, ensinar a produzi-los e a interpretá-los, pressupõe-se ensino da língua portuguesa, permanece preso a propostas metodológicas e curriculares tradicionais e ultrapassadas, causando um fragmento entre as práticas de leitura e de escrita trabalhadas na escola e seu efetivo uso na sociedade e finalmente, julga-se que o processo de ensino-aprendizagem é configurado como um mundo à parte da realidade e os alunos são obrigados à apropriação de atividades a qual se atribuem sem nenhum significado, não estão sendo preparados corretamente para utilização de práticas condizentes aos contextos sociais nos quais estão inseridos.

O estudo se justifica pela necessidade da pesquisadora em compreender o processo de aprendizagem dentro de um contexto de ensino, ou seja, como se concretizou as práticas de leitura e

escrita nos anos iniciais do Ensino Fundamental e analisar os fatores que interferiram no desenvolvimento da leitura e da escrita dos alunos. Sendo assim, será avaliada a contribuição que as práticas da leitura e escrita poderão exercer para transformar os alunos das séries finais do Ensino Fundamental II em leitores e escritores competentes, possibilitando realizar uma análise do papel dos atores professor-aluno, envolvidos no processo de ensino-aprendizagem da leitura e da escrita.

A pesquisa apresentou como objetivo principal descrever os desafios e possibilidades do processo de aprendizagem da leitura e da escrita nos alunos do ensino fundamental II em um contexto de ensino (não) voltado para as práticas de letramento. E quanto aos objetivos específicos apresentados destacam-se: Discutir as estratégias e práticas de leitura em sala de aula utilizada pelos educadores; discorrer sobre gêneros textuais que contribuem para a formação de leitores e produtores de textos competentes; e finalmente, descrever as práticas pedagógicas para o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita.

A metodologia empregada neste estudo é uma revisão bibliográfica, trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa e descritiva, trazendo um texto dissertativo expositivo, pautado na exposição e explicação de ideias, no qual foi feita uma consulta a livros, dissertações e artigos científicos selecionados através de busca nos seguintes bases de dados (livros, sites de banco de dados, etc) base 1: Soares(2015), base 2: Smith (2009), base 3: Cafiero (2010), base 4: Solé (2012), dentre outros, que deram base para realização deste estudo. O período dos artigos pesquisados foi entre 2017 a 2021 (publicações dos últimos 05 anos), as palavras-chave utilizadas na busca foram: habilidades de leitura e escrita, formação de leitores e letramento.

As estratégias e práticas de leitura utilizadas em sala de aula

A formação de leitores competentes só é possível com a incitação à leitura, na sala de aula, antes mesmo da alfabetização formal dos indivíduos. A leitura, definida por Solé (2012) como

“um processo de interação entre leitor e texto” deve ser prazerosa e com os objetivos claramente definidos.

Para ler necessitamos, simultaneamente, manejar com destreza as habilidades de decodificação e aportar ao texto nossos objetivos, idéias e experiências prévias; precisamos nos envolver em um processo de previsão e inferência contínua, que se apóia na informação proporcionada pelo texto e na nossa própria bagagem, e em um processo que permita encontrar evidência ou rejeitar as previsões e inferências antes mencionadas (SOLÉ, 2012, p. 23).

A leitura, numa perspectiva de letramento engloba as habilidades linguísticas e psicológicas que vão desde transcrição fonética de grafemas simples a interpretação de textos mais complexos.

Desse modo, a leitura estende-se da habilidade de traduzir em sons sílabas sem sentido a habilidades cognitivas e metacognitivas; inclui, dentre outras: a habilidade de codificar símbolos escritos; a habilidade de captar significados; a capacidade de interpretar sequências de idéias ou eventos, analogias, comparações, linguagem figurada, relações complexas, anáforas; e, ainda a habilidade de fazer previsões iniciais sobre o sentido do texto, de construir significado combinando conhecimentos prévios e informações textual, de monitorar a compreensão e modificar previsões iniciais quando necessário, de refletir sobre o significado do que foi lido, tirando conclusões e fazendo julgamento sobre o conteúdo (SOLÉ, 2012, p. 37).

Mediante a isso, são muitos os fatores que contribuem para que as práticas de leitura estejam cada vez mais presentes em nossas escolas. Entretanto, apesar de um grande número de professores buscarem formas reais e significativas de interação entre leitor e texto, a maior parte das leituras em sala de aula acaba por tomar um papel coadjuvante ou mera oferta de diversão aos leitores (PAIVA; RODRIGUES, 2014).

Ainda é muito decorrente, nas escolas, o entendimento da leitura apenas como a decodificação dos signos linguísticos, mas além dessa habilidade, ler pressupõe aprender as diferentes estratégias que levam a compreensão, por inteiro, daquilo que foi lido. Para isso, espera-se que o leitor seja um processador ativo do

texto, capaz de compreender e inferir, inclusive, as entrelinhas do texto (SOLÉ, 2012).

Para a leitura tomar um local privilegiado na aprendizagem dos alunos, os professores em suas práticas pedagógicas devem colocar a leitura como um objeto de ensino e não apenas como um simples recurso pedagógico. A leitura é um processo de muitas facetas (cognitiva, linguística, psicológica, histórica, cultural e social) que pode tomar vários sentidos na construção do sujeito. Conceber a leitura por este ângulo transforma totalmente a maneira de se pensar a aprendizagem. Somente por meio de estratégias que favoreçam a aquisição de habilidades de leitura é que o educando poderá se tornar um leitor sujeito ativo no processo, inferindo e atribuindo sentidos (CAFIERO, 2010).

As práticas pedagógicas, quando bem planejadas e sistematizadas, podem contribuir para que o aluno leia melhor, visto que o ensino da leitura não é algo curtamente delimitado que se encerra na alfabetização. Existem formas de potencializar as competências de leitura ao longo da vida (CAFIERO, 2010). Segundo o referido autor, uma boa aula de leitura começa com o planejamento, que pode ser esquematizado em duas vertentes: o planejamento macro e o planejamento micro.

O planejamento macro consiste na delimitação das ações de leitura com base nos documentos oficiais. O planejamento micro é, basicamente, a articulação da prática didática diária na sala de aula.

O principal objetivo da organização do planejamento é o de possibilitar que o professor desenvolva um trabalho sistemático dos conteúdos e habilidades que envolvem o processo de alfabetização e letramento. Desenvolver um trabalho sistemático significa considerar, entre outros aspectos, uma continuidade entre uma aula e outra; a previsão do ensino dos conhecimentos complexos para o aluno depois daqueles menos complexos; e a seleção de atividades adequadas aos conhecimentos que serão ensinados (SILVA, 2011, p.77).

O resultado esperado, se o professor se embasar por estes aspectos, é que o trabalho docente produza resultados

significativos e duráveis. No caso das práticas de leitura, que o aluno domine, com destreza, as diversas habilidades de compreensão do texto lido.

O planejamento micro deve ser estruturado com base na realidade social da turma. Ou seja, o professor deve incentivar a leitura a partir dos textos que os alunos já conhecem do seu entorno cultural. O esperado e desejável pelos documentos oficiais é que todos os alunos concluam o Ensino Fundamental (1º ao 9º ano) já sabendo ler textos curtos e familiares. O desafio dos anos finais do Ensino Fundamental é refinar essas competências de leitura, aprimorando o gosto literário nos discentes e favorecer a promoção de habilidades superiores.

Estratégias de leitura em sala de aula

O desafio de contribuir na aquisição das habilidades de leitura nos alunos do Ensino Fundamental II pode se tornar mais fácil se o professor fizer o uso sistemático de estratégias de leitura. De acordo com Cafiero (2010):

Estratégias são ferramentas cognitivas, mas que podem ser desenvolvidas por meio de atividades sistemáticas e bem planejadas. Bons leitores utilizam estratégias que lhes permitem ler tirando o máximo de proveito e compreensão e economizando recursos cognitivos (CAFIERO, 2010, p.121).

As estratégias de leitura são procedimentos didáticos de ordem elevada que envolve todo o processo psicológico e cognitivo dos alunos. Elas são conteúdos didáticos que devem ser ensinados aos alunos para que estes possam fazer uso dessas ferramentas nas variadas situações de leitura (SOLÉ, 2012).

Solé (2012), afirma que delimitar as estratégias de leitura, em listas, por exemplo, é risco por minimizar demais as ações dessa ferramenta. Assim, o que seria um meio acaba se tornando um fim previamente concebido.

As estratégias de leitura são ações pedagógicas sistematicamente definidas que permitem ao aluno planejar “a

tarefa geral da leitura e sua própria localização – motivação, disponibilidade – diante dela; facilitar a comprovação, a revisão, o controle do que se lê e a tomada de decisões adequadas em função dos objetivos perseguidos” (SOLÉ, 2012)

O referido autor acentua que o planejamento didático com base nas estratégias de leitura deve favorecer a compreensão do que se lê que é produto de três condições básicas:

- Clareza e coerência do conteúdo dos textos. Familiaridade e reconhecimento da tipologia e do gênero textual ou conhecimento de sua estrutura léxico-gramatical, sintaxe e coesão;
- Do grau em que o conhecimento prévio do leitor seja relevante para o conteúdo do texto. Ou seja, a capacidade do leitor em atribuir significados aos elementos do texto;
- Das estratégias que o leitor utiliza para intensificar a compreensão e a lembrança do que se lê. Leitura como recurso mnemônico.

Desenvolvimento das habilidades de leitura

São muitas as habilidades que o professor pode trabalhar com os alunos, segundo Cafiero (2010), para que ele possa desenvolver diferentes capacidades de leituras. Aqui serão destacadas algumas, com sugestões de práticas pedagógicas que favorecem a aquisição dessas habilidades e competências.

• Localizar informação – Essa é uma habilidade que permite localizar nos textos questões simples, como: Onde? Quem? Por quê? Quando o leitor ainda faz a leitura fragmentada, essa habilidade não é muito desenvolvida pela decodificação de letra por letra ou sílaba por sílaba, que não garante a compreensão do que foi lido.

Como sugestão de atividade para o desenvolvimento desta habilidade, Cafiero (2010) diz:

Auxilie o aluno para que ele leia com fluência, sem gaguejar, sem escandir sílaba – seja, você mesmo, modelo de leitura para ele. Leia em voz alta na

turma; coloque os alunos para ler uns para os outros [...]. Proponha desafios para os alunos localizarem no texto, isto é, façam perguntas orais para que os alunos busquem localizar a resposta rapidamente, e depois a leia em voz alta(CAFIERO, 2010, p. 80).

- Inferir sentido de palavras e expressões. Inferir é criar uma nova informação com base naquelas que foram expostas no material lido mais os conhecimentos prévios do leitor.

Trabalhe com textos lacunados para o aluno completar a informação que falta, seguindo pistas de informação anteriores [...]. Proponha que os alunos contem oralmente uns para os outros os textos que leem, de modo a permitir que eles organizem mentalmente as informações e possam compreendê-los melhor (CAFIERO, 2010, p. 99).

- Identificar opiniões expressas no texto. Essa habilidade corresponde a retirar do texto informações implícitas e/ou subjetivas. Os leitores devem perceber as diferentes opiniões que são emitidas num mesmo texto, reconhecer quem as emitiu e comparar com as suas próprias opiniões.

O trabalho com manchetes de diferentes jornais, editoriais dos mesmos, debates e julgamentos favorecem o desenvolvimento dessa habilidade.

- Identificar a finalidade de um texto. É importante os leitores perceberem para que serve este determinado texto que está sendo lido. “Usar a leitura para seguir instruções (as charges), para apoio à memória (a lista daquilo que devo comprar), para a comunicação com quem está distante ou ausente (o recado, o bilhete, o telegrama).” (SOARES, 2015). E mais que isso, saber por que, onde e quando utilizar esses textos.

Para que essa habilidade seja desenvolvida o professor deve proporcionar o contato do aluno com os mais diferentes textos, sempre mostrando a finalidade de cada tipologia textual.

- Relacionar imagem e texto. A relação entre desenho e escrita, linguagem verbal e linguagem não-verbal é muito importante na

aquisição da leitura. Para essa habilidade vale estimular a leitura de tirinhas de humor, história em quadrinhos e charges na sala de aula. Também é construtiva a produção textual com base numa sequência de imagens.

- Estabelecer relações entre partes de um texto de modo a (re)construir a continuidade temática. Essa habilidade corresponde na capacidade de retomar partes do texto que já foram expostas sem a necessidade de repetir a leitura. O leitor com essa competência é capaz de estabelecer relações espaços-temporais no desenvolver da leitura. Cafiero (2010) orienta que o professor deve “pedir aos alunos, durante as atividades de leitura, que identifiquem elementos do texto que se referem a outros já citados, visando recuperá-los para a construção da coerência textual”.

- Perceber efeitos da variação linguística. O leitor deve perceber que, embora a língua portuguesa seja apenas uma, existem variações que perpassam pela linguagem oral e escrita. Nessa habilidade o leitor deve saber distinguir as especificidades das linguagens oral e escrita, que uma não é a mera transcrição da outra, e que elas mesmas variam em si mesmas (SOARES, 2015).

- Ler globalmente. Aprende a ler globalmente o aluno que consegue retirar do texto informações de todas as possibilidades: linguagem verbal e não-verbal, informações explícitas e implícitas. Pode-se dizer que essa habilidade é uma somatória de todas as outras.

Percebe-se a importância de se repensar os procedimentos didáticos para garantir a formação do leitor, nas escolas. Somente por meio da leitura que é possível formar cidadãos críticos capazes de compreender o mundo letrado que os cercam.

Gêneros textuais: contribuição para a formação de leitores

A formação de leitores e produtores de textos competentes, ou seja, indivíduos efetivamente letrados, capazes de interpretar, traduzir e produzir qualquer tipo de texto é necessária uma constante intervenção do professor durante toda a vida escolar do aluno. Tal intervenção deve ocorrer de maneira sistemática, antes,

durante e depois das atividades de leitura, que devem proporcionar aos alunos o contato com os mais diversos textos que circulam socialmente (BRAGA; SILVESTRE 2014).

Para Soares (2015), uma das condições fundamentais para a aquisição da escrita é a disponibilidade de material de leitura. Leitura e escrita são processos procedimentais: só se aprende a ler lendo; só se aprende a escrever escrevendo.

As atividades de leitura e escrita devem ser prazerosas. Não adianta entregar um livro para o aluno e lhe mandar ler. Falta, aí, a vontade, o desejo de ler. Falta a maturidade para compreender a importância da leitura e da escrita, falta a intertextualidade, o diálogo com outros textos. Nessa situação o aluno estará fadado ao fracasso (BRAGA; SILVESTRE 2014).

É muito importante, então, a escolha correta do tipo de texto para o tipo de leitor. Um texto só faz sentido para um leitor se tiver significado real, ou seja, se fizer parte do contexto sócio-histórico do leitor. De acordo com Smith (2009)

O significado da palavra leitura, em todos os sentidos, depende de tudo o que está ocorrendo, não somente do que está sendo lido, mas o porquê de um determinado leitor estar lendo. (...) A leitura depende da relevância da especificação que o leitor faz do texto (SMITH, 2009, p. 56).

Braga e Silvestre (2014), afirmam que é de responsabilidade do professor fazer com que o processo da leitura seja transparente para o aluno. Explicar as etapas, todas as intenções da leitura, para que possa chegar a compreensão verdadeira do texto lido.

Todas essas atividades de leitura vão proporcionar a formação de um leitor competente.

As práticas pedagógicas para o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita

A aprendizagem da escrita se inicia muito antes de a criança saber ler e escrever convencionalmente, e muito antes mesmo do ingresso escolar. Contudo existe ainda a concepção de que só com

a entrada na escola é que se poderá aprender realmente a escrita. Esta, vista como um processo puramente mecânico.

A escola tem realmente fundamental papel na aquisição da escrita, porém o que se deve esperar é “que a criança ao final de um ano de alfabetização, saiba escrever e não que saiba escrever tudo e com correção absoluta.” (CAGLIARI, 2013).

A escrita representa um processo muito mais complexo do que a simples codificação de símbolos. É preciso que ela seja vista como uma representação simbólica da realidade, que se leve em consideração todas as suas atividades: o gesto, o desenho (REGO, 2009).

Toda escrita é produzida para ser lida, porém embora essa escrita tenha, de acordo com Cagliari (2013), a função de informar, esta não é a única, tampouco a mais importante. A escrita tem como objetivo a leitura, e escrever é transmitir, expressar um pensamento, uma ideologia. Desta forma, tratar a escrita como mera transcrição da fala é reduzir sua função.

O texto escrito é a expressão de ideias, sentimentos e experiências internalizadas. [...] Manifesta o conteúdo que está na mente da pessoa [...]. Um texto escrito é, portanto, o resultado de um processo: a transformação de um significado em forma [...]. A escrita é uma das formas de tornar público algo privado: o conhecimento. (NASPOLINI 2009, p.68)

A escola deve ser capaz de desenvolver nos alunos capacidades intelectuais que lhe permitam compreender plenamente os conhecimentos acumulados. Isto significa que ela não deve ser uma mera reprodutora dos conteúdos, mas, sobretudo, ensinar o aluno a pensar, ensinar formas de acesso à apropriação do conhecimento elaborado, de modo que ele possa praticá-las autonomamente ao longo de sua vida, além de sua permanência na escola (DAVIDOV, apud REGO, 2015).

Nas palavras de Cagliari (2013), saber escrever não basta para se produzir textos. É preciso compreender que para se escrever é necessário um motivo. Escrever sem motivo é deixar de atribuir a escrita sua real função: a leitura. Se a escola propõe escritas sem motivação real, não poderá permitir que o aluno compreenda as

estruturas que estão por traz desta produção. O aprendizado só ocorre quando há significado para o que é ensinado. Assim, só se poderá proporcionar o desenvolvimento das habilidades escritoras no aluno se ele compreender desde cedo para que serve a escrita.

Portanto, a escola ao trabalhar com seus alunos deve deixar de lado os textos puramente escolares, com os quais os alunos se limitam a conhecer regras e normas gramaticais e adotar a produção, leitura e compreensão dos textos que são utilizados por eles na vida real.

Práticas que possibilitam o desenvolvimento das competências em escrita

Primeiramente, o professor deve ter claro que a base para se aprender a escrever é a leitura. Por isso ele, professor, deve ler muito e os mais variados tipos de textos, pois é através da audição, da entonação de voz que os alunos vão percebendo as estruturas de cada texto, mesmo antes de aprender a ler ou escrever e percebe para que se utilize a escrita (CAGLIARI, 2013).

Contudo, a competência na escrita só ocorre por meio da produção escrita. Somente ouvir não garante o sucesso na produção. É preciso criar razões para se escrever. Os Parâmetros Curriculares Nacionais, citados por Soares (2015) assinalam:

É necessário, portanto, ensinar os alunos a lidar com a escrita da linguagem – os aspectos notacionais relacionados ao sistema alfabético e às restrições ortográficas – como com a linguagem escrita – os aspectos discursivos relacionados à linguagem que se usa para escrever. Para tanto é preciso que, tão logo o aluno chegue à escola, seja solicitado a produzir seus próprios textos, mesmo que não saiba grafá-los, a escrever como lhe foi possível, mesmo que não o faça convencionalmente. (PCNs, 1997, p. 68).

Outro aspecto a ser observado é que não se deve esperar que o aluno produza somente após ter sido explicado todos os aspectos do gênero escolhido. Ao contrário, após a produção é que se deve trabalhar esta adequação. Portanto, a competência na escrita não se

dá, embora seja este um aspecto importante, a partir do aprendizado da estrutura do texto, mas saber qual tipo de texto é o mais adequado para determinada finalidade.

De acordo com Naspolini (2009), “os pensamentos para serem materializados necessitam de um fio condutor – o raciocínio – e de instrumentos que lhes indiquem caminhos e lhes deem concretude – a escrita, a fala [...]”.

Para Bonnet e Tamine apud Naspolini (2009), os alunos utilizam estratégias e estas são importantes instrumentos para o professor compreender o desenvolvimento deles. Estas estratégias realizam agrupamentos em sete categorias brevemente relatadas a seguir por Naspolini (2009):

- ✓ Repetição das frases com variação de palavras – a construção do texto se faz graças à repetição de um mesmo esquema e à variação de palavras pertencentes ao mesmo grupo semântico.

- ✓ Progressão temporal – caracteriza os textos narrativos. A cronologia da história contada assegura a progressão do texto.

- ✓ Diálogo – os textos construídos a partir desta técnica apresentam em cena duas ou três personagens que falam entre si. O jogo das perguntas e das respostas entre elas faz a progressão do texto.

- ✓ Diálogo inserido numa progressão temporal – o diálogo não liga simplesmente as réplicas dos personagens-locutores uns aos outros, mas os insere no fio do texto.

- ✓ Associação – é a estratégia poética de se fazer uma produção escrita. As palavras e ideias se ligam umas às outras em uma construção suave sustentada pela sonoridade, porém às vezes, sem um plano lógico.

- ✓ Raciocínio lógico – construção baseada na lógica em que o texto progride por meio de afirmações, explicações, argumentações, justificativas, julgamentos ligados uns aos outros por termos de conexão.

- ✓ Frases justapostas – a utilização desta estratégia resulta em produções desenvolvidas com frases desconectadas com menos coerência e coesão.

É importante ressaltar que estas estratégias não representam necessariamente os erros dos alunos, mas tentativas de se chegar à estrutura adequada. Para que se alcance este objetivo, torna-se necessária a mediação do professor, que ele conheça estas estratégias e as utilize para fazer com que os alunos aprimorem seus conhecimentos. É do professor a responsabilidade de intervir nos textos dos alunos para torná-los escritores competentes. Intervir, porém, não significa corrigir os textos dos alunos, mas fazer questionamentos para que eles percebam os pontos a serem melhorados.

Segundo Schneuwly apud Rangel e Rojo (2010), é preciso ter a consciência de que a produção textual na escola é a base para se ensinar e aprender todas as etapas para a escrita, como planejamento, avaliação, revisão e reformulação; que todo texto é escrito para ser compreendido e para isso é necessário que, ao terminar um texto, o escritor o revise a fim de saber se o objetivo inicial para a escrita foi alcançado. Os alunos sozinhos não são capazes de fazer estas revisões. É necessário que o professor faça as intervenções necessárias para garantir que eles avancem nesse processo. Portanto é preciso compreender o texto como um processo em construção e ensinar o aluno desde cedo que o texto pode e deve ser sempre melhorado, a fim de que o objetivo inicial seja alcançado

A avaliação pelo autor do texto faz-se necessária, pois se o objetivo desta prática é formar um escritor competente, alguns pontos devem ser analisados, como: se atingiu a finalidade da produção, se ficou claro para quem foi escrito (destinatário), se o gênero está de acordo com a finalidade escolhida, se houve sequência lógica que permita ao interlocutor apreender a ideia, se as normas básicas de acordo com cada gênero textual estão adequadas. [...] (SOARES, 2015 p. 61).

Analisar um texto produzido por um aluno vai além da correção ortográfica ou gramatical. É preciso antes de qualquer coisa saber se este aluno é capaz de lançar mão do gênero textual adequado ao seu propósito, se ele compreende a estrutura deste texto e se apresenta raciocínio lógico-espaco-temporal.

Uma boa forma de se auxiliar os alunos com relação à estrutura de cada gênero é a reescrita. Esta estratégia de ensino se torna eficiente e interessante, pois permite ao aluno pensar apenas na estrutura do texto não necessitando pensar no que escrever, uma vez que o conteúdo já existe. Dependendo dos objetivos o professor poderá pedir aos alunos que façam a reescrita utilizando o mesmo gênero ou que transforme um gênero em outro.

Quando se fala em objetivos, três aspectos podem ser considerados para o planejamento e avaliação (Naspolini, 2009): estrutura do texto, relacionado aos aspectos discursivos com ambientação, descrição dos personagens, coerência; forma, relacionada à utilização dos sinais de pontuação, usa de parágrafos, coesão, uso de letras maiúsculas; e apresentação, que diz respeito a parte estética do trabalho.

É importante ressaltar que estes aspectos serão interiorizados pelo aluno gradativamente, mas que aos poucos elas vão interiorizando, pois um escritor competente é aquele que adquire autonomia para ele mesmo fazer revisões em seus textos:

[...] é preciso dizer, logo no início, o que é a escrita, as maneiras possíveis de escrever, a arbitrariedades dos símbolos, a convencionalidade – que permite a decifração - as relações variáveis entre letras e sons – que permitem a leitura. Enfim, é preciso não camuflar a complexidade da língua (CAGLIARI, 2013, p. 99 e 100)

Como diz Soares (2015), é preciso criar nas salas de aula situações que permitam ao aluno vivenciar a escrita, que ele possa escrever espontaneamente suas histórias, que formule ideias a partir das relações com os colegas. Mas é preciso também que ele conviva com os textos sociais e funcionais e seus portadores, principalmente os alunos que só tem na escola a convivência com textos. Utilizando esses textos em situações reais de escrita e leitura tornando o aprendizado da escrita mais significativo e motivador.

Considerações finais

O estudo permitiu demonstrar a relevância de que aprender a ler e escrever são atividades inerentes à escola. Quando o discente ao ingressar na escola, o que se espera é que este objetivo seja alcançado. Contudo, o processo de aprendizagem do domínio da leitura e escrita transpassa a codificação e decodificação dos signos, representando a independência do aluno em um mundo letrado, a apropriação da realidade ao mesmo tempo em que lhe permite se distanciar dela e percorrer o mundo imaginário da leitura.

Como resposta a pergunta proposta e ao objetivo de pesquisa, compreende-se que o professor deve intervir, explicitamente, na relação de aprendizagem dos alunos, de modo a proporcionar um ensino competente o qual se adianta ao desenvolvimento. A mediação externa de terceiros (no caso específico da escola, basicamente o professor) é essencial para o desenvolvimento de novos conhecimentos no aprendiz. Construir o conhecimento não se resume em aguardar até que o aluno ultrapasse as etapas e aprenda a escrever alfabeticamente, pelo contrário, a figura do professor é importantíssima, pois é ele quem deverá desafiar o aluno, conflitando seus conhecimentos e possibilitando que este vá se desenvolvendo cada vez mais.

Ao observar esses fatores é possível analisar se o professor observa a escola como mera transmissora de informações baseadas nos conteúdos dos livros didáticos ou se seu trabalho deve ser desenvolvido na resolução de problemas de interesse dos alunos, e que possibilitem ver sentido nas práticas escolares como auxiliadoras nos problemas reais com os quais esses alunos convivem.

Referências

BRAGA, Regina Maria; SILVESTRE, Maria de Fátima Barros. **Construir o leitor competente: atividades de leitura interativa para a sala de aula**. 3 ed. São Paulo: Global, 2014.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa**. vol. 2, Brasília: 1997

CAFIERO, Delaine. **Letramento e leitura: formando leitores críticos**. in: In: ROJO, Roxane (Org.). Explorando o ensino: Língua Portuguesa. Brasília/DF: PDE, 2010.

CAGLIARI, Carlos Luiz. **Alfabetização e Linguística**. São Paulo: Scipione, 2013.

DAVIDOV, V. **La enseñanza escolar y el desarrollo psíquico**. Moscú: Editorial Progreso, 2015.

NASPOLINI, Ana Tereza. **Didática de Português. Tijolo por tijolo. Leitura e Produção Escrita**. São Paulo. FTD, 2009.

PAIVA, Marcia Maria Calizotti; RODRIGUES, Cleide. **Aprendizagem da leitura e escrita: dificuldades que se apresentam neste processo**. 2014. Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2013/2013_uel_edespecial_artigo_marcia_maria_calizotti.pdf. Acesso em: 12 de janeiro de 2022.

REGO, L. L. B. The role of early linguistic awareness in children's reading and spelling. **Tese de Doutorado**. University of Oxford, 2009.

RANGEL, E. O.; ROJO, R. H. R. **Língua Portuguesa. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica**, 2010. V.19.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **O Ato de Ler: Fundamentos Psicológicos para uma Nova Pedagogia da Leitura**. 10 ed. São Paulo: Cortez, 2013.

SILVA, E. T. da. **Conhecimento e cidadania: quando a leitura se impõe como mais necessária ainda?** Campinas: Autores Associados, 2011.

SMITH, Frank. **Leitura significativa**. Tradução de Beatriz Affonso Neves. 3. ed. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2009.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. São Paulo: Contexto, 2015

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. 6. ed. Porto Alegre: Artimed, 2012.

**EDUCAÇÃO E TECNOLOGIA:
desafios na implementação das Tics no processo de
ensino-aprendizagem aplicada a Educação Básica**

Karla de Lourdes Antunes Souza

Introdução

Denomina-se de “Era da informação” onde frequentemente tem-se observado grandes inovações tecnológicas com os mais variados fins. Nesse sentido faz-se pertinente destacar que não é de hoje que as tecnologias fazem parte de nossas vidas; praticamente todos os seres humanos vivem na era da informação.

Desde a descoberta e uso do fogo, à medida que a espécie humana e a ciência evoluíram, novos aparatos tecnológicos foram criados ao passo que sua funcionalidade contribuiu e continua contribuindo para o progresso das atividades humanas, chegando às conhecidas invenções tecnológicas da Revolução Industrial (século XVIII) que provocaram importantes transformações no processo produtivo.

Já a partir do século XX, dentre outras inovações tecnológicas obteve-se o advento das tecnologias da Informação e comunicação, tendo como seus principais representantes os computadores e a internet. Desde então, a velocidade das informações aumentou de forma vertiginosa e não timidamente podemos dizer que passamos a viver numa sociedade tecnológica e em crescente expansão, onde as tecnologias a cada dia mais se tornam presentes nos mais variados cenários da sociedade brasileira, inclusive na Educação.

O presente estudo se justifica perante as mudanças decorrentes do impacto causado pelas tecnologias dentro das instituições de ensino, bem como as habilidades e competências a

serem adquiridas pelos professores, faz-se importante atualizar os procedimentos do processo de ensino-aprendizagem, de forma a qualificar a formação profissional do educando.

O acesso rápido e às vezes fácil às tecnologias tem provocado sua popularização e sua explosão em massa. Contudo, há apenas alguns anos o uso de jogos, softwares ou simplesmente a internet vem entrando de maneira tímida nas salas de aulas brasileiras. Seja pela falta de investimentos em recursos, seja na preparação de educadores para implementarem as tecnologias em suas aulas, dentre outros fatores. As tecnologias estão cada vez mais presentes, contudo, ainda podem ser mais exploradas no processo educativo, uma vez que os jovens, hoje nativos digitais, veem na própria tecnologia a sua vida.

O aluno contemporâneo e a sociedade informacional em que se vive exige que os recursos tecnológicos estejam presentes na escola e que sejam explorados. Contudo, diante de todo esse imediatismo, grande parte, senão a maioria dos professores, quando não resistem ao uso, entende a utilização das tecnologias de forma equivocada. Eles demonstram uma eminente dificuldade em canalizar as tecnologias no propósito pedagógico e uma das razões para isso talvez seja o fato de que os governos fazem o caminho inverso, oferecendo a tecnologia, mas não preparando as pessoas para a utilizarem.

Essa evidência torna a utilização da tecnologia algo frustrante e incômodo ao profissional porque, sem conhecer bem os recursos, ele acaba utilizando essa ferramenta apenas para transpor a informação que já está nos livros e em outras fontes, limitando o potencial dos recursos tecnológicos e não obtendo o resultado possível, o que nos leva a teses como a que entende que, no caso do acesso à informação na Internet, essa informação não deve ser utilizada sem antes ser criticada e discutida, cabendo tal reflexão crítica ao professor.

Por outro lado, quando o professor resiste ao uso das tecnologias em suas aulas sinalizam um verdadeiro obstáculo epistemológico. Ao rejeitarem o conhecimento de uma estrutura

nova, preferindo permanecer em caminhos que já foram experienciados por eles e que, portanto já possuem respostas construídas, prontas. Limitam-se ao que já sabem, ou seja, o que já está cristalizado em suas mentes e impedem-se de abrir-se a novas descobertas, novas ideias e técnicas. Esse comportamento não pode perdurar, em pleno século XXI, auge das tecnologias. Não é possível se distanciar delas, nem mesmo na escola.

Além disso, em decorrência da explosão tecnológica o professor ganha um novo papel nessa sociedade da informação, deve agora criticar e auxiliar o aluno a canalizar as inúmeras informações que este recebe e transformá-las em conhecimento. Nesse sentido, se apresenta uma das possibilidades que o educador possui ao se deparar com a vigente revolução tecnológica da educação, onde quadro e giz não são mais suas únicas ferramentas de trabalho, já que contam agora com inovadores recursos tecnológicos.

Assim, visando desenvolver um estudo que contemple a relação escola/novas tecnologias, levantou-se a *questão-problema* que norteará este estudo: Qual é o principal obstáculo que tem limitado a implementação das Tecnologias no processo educativo e o que pode ser feito para amenizar os reflexos desse obstáculo?

Nessa direção, o objetivo é investigar o entrave que tem limitado a implementação das Tecnologias no processo educativo e apontar o que pode ser feito para amenizar os reflexos deste na educação.

A metodologia estabelecida para nortear este trabalho é uma revisão bibliográfica, trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa e descritiva, onde foram utilizados livros publicados por autores, dissertações, teses, monografias que abordam este tema, assim como também artigos científicos nacionais e internacionais, jornais e revistas eletrônicas especializadas na área, disponíveis na rede mundial de computador, buscou-se a fundamentação em referenciais teóricos acerca do tema, especialmente em autores como Moran e Perrenoud por serem pesquisadores que se destacam na pesquisa sobre o uso das Tecnologias da Informação e Comunicação na educação brasileira.

O obstáculo epistemológico diante das tecnologias na educação

Apesar dos debates acerca da efetiva articulação da educação com a tecnologia já venham sendo realizados há décadas, ainda observa-se a presença dos recursos tecnológicos de modo bastante tímido no cenário educacional atual. “Na década de 1970, as discussões que pairavam era sobre o viés tecnicista que permeava a leitura que se fazia das tecnologias no contexto pedagógico, criando-se o mito de que o professor poderia ser substituído pelos elementos tecnológicos”. (SANTOS & ALVES, 2016, p.19).

Compreende-se que a tecnologia não oferece ao professor o risco de sua substituição plena, pois o material humano é essencial no processo de “ensinagem”. Na década de 1980, avançou-se rumo a uma visão mais crítica da educação, mas foi somente no final de 1990, no Brasil, que obteve-se uma visão expressiva da presença da tecnologia no ambiente escolar (CARMO & RAMOS, 2012, p. 34).

Conforme os referidos autores afirmam que o eminente destaque das Tecnologias da Informação na sociedade as pessoas possuem novas formas de aprender, uma vez que agora o professor não é mais a única fonte de informação. Percebe-se que a escola sendo parte desse meio social não pode de maneira alguma se fazer distante dessa inovação. Uma vez que a cultura da escola está diretamente relacionada à cultura fora dela. Sendo assim, não há possibilidade de ignorar o lugar das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) no processo de aprendizagem dos alunos e professores.

Pode-se afirmar que, ignorar essa realidade é caminhar rumo a um possível fracasso educacional, pois a escola poderá ficar desinteressante para o aluno. Conforme destaca Moran em sua obra *A Educação que desejamos novos desafios e como chegar lá* (2007. p.07), “Segundo pesquisa do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (Inep) o que afasta crianças entre a 5ª e a 8ª série é mais o desinteresse (40%) do que a necessidade de trabalhar (17%)”.

Embora seja uma pesquisa realizada há algum tempo atrás. Infelizmente não está muito distante da realidade do cenário atual. O professor nesse contexto precisará apropriar-se da linguagem

tecnológica e explorar junto ao aluno as possibilidades de aprendizagem nesse novo ambiente. “O professor não pode ficar fora desse contexto, deste mundo virtual que seus alunos dominam. Mas cabe a ele direcionar suas aulas, aproveitando o que a internet pode oferecer de melhor.” (MORAN, 2007, p.110).

Nesse novo contexto, exige-se das escolas e também outros espaços de aprendizagem como as universidades, um processo de reaprendizagem, isto é, precisam reaprender a aprender, conforme afirma Moran (2007), precisam oferecer serviços mais uteis a sociedade, não se distanciar dela e de suas demandas atuais.

Segundo o referido autor, isso implica uma mudança desde o gestor ao professor. São necessários gestores que entendam todas as dimensões que envolvem o processo pedagógico, que deem suporte aos professores inovadores, que sejam capazes de dar estabilidade ao gerenciamento empresarial, tecnológico e humano, colaborando para que haja um espaço de mais inovação e comunicação.

O grande educador Philippe Perrenoud(2010), em sua obra *10 novas competências para ensinar- convite à viagem* destaca a importância do uso das Tecnologias. Para esse autor uma das competências necessárias para ensinar nos dias atuais, inclui-se o domínio dos recursos tecnológicos. No texto destaca uma publicação de uma revista que tem como título “*se não se ligar, a escola se desqualificará*” que confere a Patrick Mendelsohn, responsável pela unidade das tecnologias da formação na Faculdade de psicologia e ciências da educação da universidade de Genebra, uma declaração que merece atenção: “as crianças nascem em uma cultura em que se clica, e o dever dos professores é inserir-se no universo de seus alunos.”.

A escola tem o papel de preparar os indivíduos para atuar de forma significativa na sociedade, de modo que o mesmo seja capaz de intervir no ambiente a sua volta e propor transformações necessárias. Se a escola prepara o indivíduo para a sociedade, e a sociedade atual é extremamente tecnológica, logicamente se a escola deixa de implementar a tecnologia em seu fazer pedagógico automaticamente estará deixando de cumprir um papel social, de preparar o indivíduo

plenamente para a sociedade nos aspetos intelectual, psicológico e agora profissional (RODRIGUES, 2016, p. 78).

O aluno precisa ser capaz de aplicar o que percebe na escola, em seu meio social. Logo se subentende que se ele na escola está em contato com meios tecnológicos, se adquire conhecimento a partir de uma aprendizagem mediada pelo professor em uso de ferramentas tecnológicas, certamente agirá com mais desprendimento quando se deparar num ambiente externo a escola com um instrumento desse gênero, pois já estará familiarizado com o mesmo. Corroborando com esse pensamento Perrenoud (2010, p.127) afirma que, “O computador não é um instrumento próprio da escola, bem ao contrario. Pode-se esperar que, ao utilizá-lo nesse âmbito, os alunos aprendem a fazê-lo em outros contextos.”

Para Frizon et al. (2015), o maior obstáculo epistemológico encontrado na implementação das TICs, no ambiente educacional é a resistência dos docentes, a rejeição a novidade. Muitos docentes, não veem com bons olhos o uso das tecnologias na sala de aula. Mas não porque tais ferramentas não sejam eficientes, mas porque esses educadores desconhecem as formas adequadas de utilizá-las, e como o novo costuma gerar certo desconforto, alguns profissionais preferem ficar presos a metodologias arcaicas, porque já as domina e não lhes oferece qualquer fragilidade. Isso implica numa mudança na abordagem educacional nos cursos de formação de profissionais da educação. É preciso que estes ainda em formação se conscientizem da necessidade de aprimorarem-se continuamente, desprendendo-se de antigas crenças e métodos já enraizados. É preciso abrir-se ao novo, e desenvolver estratégias para fazê-lo funcionar.

Afinal a escola precisa caminhar ao passo em que a sociedade caminha, ou então ficará detida num passado imutável, e condenando seus educandos a uma consciência limitada da realidade. Ao referir-se a tal assunto Santos & Alves (2016, p. 21,22) ressalta:

Cabe às instituições formadoras propiciarem momentos de rompimento de conhecimentos consolidados (...) o rompimento com os obstáculos

epistemológicos que estão presentes nas relações que os professores estabelecem com as tecnologias, exige questionamentos constantes, buscando desequilibrar no sentido piagetiano os conhecimentos construídos e consolidados, promovendo espaços para emergência de novas perguntas que nortearão a produção de saberes nessa área. Esses novos conhecimentos partirão sempre de um conhecimento pré-científico de um problema para um nível de reconhecimento científico, criação de novos questionamentos, passando quase sempre, pela rejeição de conhecimentos anteriores e se defrontando com certo número de obstáculos epistemológicos que geram obstáculos didáticos que tendem a dificultar a evolução da aprendizagem do saber escolar.

Vale notar e ressaltar que as tecnologias vêm para favorecer, mas isso não quer dizer que servem para resolver todos os problemas presentes na educação brasileira. É importante elucidar que a inserção de tais ferramentas no meio educacional implica em mais desafios para o profissional da educação, é possível dizer que um profissional com formação inadequada pode por a perder os projetos de sucesso mediados pelas TICs. É necessário que o docente possua uma formação que o possibilite encarar de maneira crítica e significativa à utilização de diversas tecnologias no processo de ensino-aprendizagem (OLIVEIRA; MOURA; SOUZA, 2015).

Importante ressaltar que há também profissionais que decidem não utilizar tecnologias, ou utilizá-las em pequeno grau em suas aulas, por pura escolha, e não porque não saibam aplicá-las pedagogicamente. E isso é perfeitamente aceitável, conforme elucidada Perrenoud (2010, p.138).

Os professores que sabem o que as novidades tecnológicas aportam, bem como seus perigos e limites, podem decidir, com conhecimento de causa, dar-lhes um amplo espaço em sua classe, ou utilizá-las de modo bastante marginal. Neste último caso, não será por ignorância, mas porque pesaram prós e contras, depois julgaram que não valia a pena, dado o nível de seus alunos, da disciplina considerada e do estado das tecnologias. Pode ser mais simples e igualmente eficaz ensinar física ou história por meios tradicionais do que passar horas pesquisando documentos ou escrevendo programas, sem que se tenha tempo para pensar nos aspectos propriamente didáticos.

Seguindo a idéia de Perrenoud (2010), depreende-se que é necessário que o educador tenha discernimento e conhecimento acerca daquilo que pretende utilizar como ferramenta de auxílio no processo de ensino. Não é porque a mídia, estudiosos e outros, afirmam que as tecnologias precisam fazer parte do ambiente escolar do aluno, que o educador precisa ceder a essas pressões e usá-las indiscriminadamente. É preciso ter cuidado. É fundamental estar atento e saber o que, quando e onde utilizar. Uma vez que precisa considerar as necessidades de sua clientela. É preciso saber se o os alunos estão maduros para incorporar, e entender a proposta a qual o professor se destina.

Os desafios na implementação das TICs

Os desafios são inúmeros, dentre eles podemos destacar a infraestrutura das escolas brasileiras. Algumas não possuem os recursos tecnológicos necessários. Funcionam ainda em quadro negro e giz. Formação inadequada dos docentes. A falta de abertura as mudanças por parte do gestor e professor, porque há situações em que a escola possui o recurso, mas a gestão não permite o uso. Ausência de uma proposta que contemple o uso de tecnologias no processo de ensino aprendizagem. Exclusão digital, embora muitos alunos tivessem intimidade com recursos tecnológicos, ainda há alguns outros que permanecem à margem da sociedade e que nunca tiveram um contato com um computador encontrando-se imaturo para manuseá-lo em prol de seu aprendizado, sendo necessário um esforço maior do professor para inseri-lo nesse contexto digital. Falta de conhecimento informatizado do próprio professor, o que o impossibilita utilizar e explorar os recursos da informática pedagogicamente e também a resistência docente (RODRIGUES, 2016, p.112).

Esses entraves dificultam e tornam lento o processo de efetiva incorporação de recursos tecnológicos nas escolas. Isso demanda uma mudança de postura, tanto de nossos governantes, tanto dos agentes escolares. Os governantes precisam desenvolver

estratégias para implementar a tecnologia, mas também mostrar como utilizá-la de maneira produtiva e adequada. Senão sua implantação deficiente estará fadada ao fracasso. É necessário ter um propósito. Do contrário todos os esforços gerados em torno dessas mudanças não terá valido a pena. Os agentes escolares, sendo aqui definidos como, os gestores e professores. Precisam também se adequar e estar abertos às mudanças em prol do beneficiamento da educação. Dessa forma educador e gestor precisam unir esforços e utilizar aquilo que melhor se apresenta como recurso nas escolas, “o educador, precisa se apropriar desta aparelhagem tecnológica para se lançar a novos desafios e reflexões sobre sua prática docente e o processo de construção do conhecimento por parte do aluno.” (ENRICHONE et al., 2008, p.47).

Por que fomentar a utilização das TICs na educação?

Conforme mencionado no capítulo anterior, as TICs não resolverão todos os problemas da educação, mas poderá contribuir de forma expressiva para o beneficiamento educacional. Uma vez que aproxima a linguagem do aluno à linguagem do professor. Desde que este, claro, esteja disposto a adequar-se e explorar ao máximo o que essa linguagem digital tem a oferecer.

As TICs tornam as aulas menos monótonas, e contribuem para uma Educação instigadora, provocativa, estimulante, dinâmica e ativa. Além disso, contribui para o desenvolvimento de novas formas de conhecer. Para Moran (2007, p.41), “conhecer é relacionar, integrar, contextualizar, incorporar o que vem de fora. Conhecer é saber, desvendar, é ir além da superfície, do previsível, da exterioridade. Conhecer é aprofundar os níveis de descoberta, é penetrar mais fundo nas coisas, na realidade, no nosso interior.”

Atualmente o professor não é mais a única fonte de informação que os estudantes possuem, hoje além dos livros, os alunos tem acesso a inúmeras informações veiculadas na TV, internet e outros meios de comunicação. E onde entra o professor em tudo isso? O professor agora tem a função de ajudar o aluno a criticar a informação que

recebe. Nos dias atuais nossos jovens possuem milhares de informações, mas pouco conhecimento, isso redobra o trabalho do professor. Que agora precisa possibilitar que o aluno conheça, incorpore a informação recebida, que esta se torne significativa para ele. Pois somente aprende-se algo, quando este algo torna-se parte do contexto pessoal do indivíduo. O professor agora precisa mostrar para o aluno a complexidade do aprender, ensiná-lo a relativizar, a valorizar a diferença e aceitar o provisório, já que as informações mudam constantemente (MORAN, 2007, p. 28). Segundo o autor aprender agora significa “passar da incerteza a uma certeza provisória, que dê lugar para novas descobertas e a novas sínteses.”

As TICs propiciam a ampliação na autonomia do pensar, pois as mesmas possibilitam ao sujeito a autocriação, criando diferentes formas para mediar o jogo da solidariedade humano-coletiva, bem como fazer emergir “novas concepções de vida, conhecimento e arte, avanços e novos tipos de ciência e tecnologia que transcendem a racionalidade e a política vigente e hegemônica.” (LINHARES, 2010, p.165).

Considerações finais

O estudo permitiu verificar a relevância do uso das TICs no espaço escolar para que os docentes incorporem à sua prática pedagógica, uma vez que, tem a função de preparar os indivíduos para tornarem-se cidadãos, agentes transformadores. Precisa familiarizá-los com a tecnologia.

Além disso, na opinião de alguns autores, as tecnologias influenciam as pessoas, a educação e conseqüentemente a sociedade, e a escola quando diversifica as opções de aprendizagem ajuda a sociedade a desenvolver um ambiente cultural e científico.

Contudo ainda esbarra em entraves, tais como despreparo dos educadores, infraestrutura deficiente, investimentos insuficientes do governo. Não adianta dar tablet, netbooks, notebooks, mas não ter uma proposta de ensino atrelada a essa iniciativa. Utilizar esses

recursos apenas como elemento motivador para os alunos melhorarem suas notas. Não é eficiente. Eficiente seria se esses recursos, também propiciasse condições de utilizá-los em aula e em favor da aprendizagem. Então seria motivador de forma plena para o estudante. Teria uma tecnologia em suas mãos, e atrelada à possibilidade de uma Educação concatenada ao seu tempo e necessidade. O aluno, provavelmente, renderia muito mais. As aulas não seriam mais tão monótonas, mas criativas e ricas de informações e debates de opiniões.

Finalmente, para obter êxito nessa proposta é necessária uma mudança de postura em todos os setores. Os governantes precisam adotar medidas realmente aplicáveis e eficientes, os gestores e professores precisam estar mais abertos a mudanças, mudanças possíveis. E os alunos maduros, suficiente, para incorporar e desenvolver-se perante essas novas propostas permeadas pela tecnologia.

As sugestões para as pesquisas futuras envolvem um aprofundamento no assunto para que os resultados possam contribuir com o desenvolvimento das novas tecnologias como ferramentas em sala de aula, propiciando um ensino-aprendizagem de forma adequada; corroborando com o aprendizado e desenvolvimento cognitivo das crianças.

Referências

- CARMO, P.E.D; RAMOS, F. A. **As tecnologias de informação e comunicação (TICs) no contexto escolar**. 2012. Disponível em: . Acesso em: 16 de janeiro de 2022.
- ENRICONE,D. et.al. **Ser Professor** .6.ed.atual.Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008. ISBN: 978-85-7430-773-2.
- FRIZON, V, LAZZARI, M. B, SCHWANEBAND, F. P., TIBOLLA, F. R. C. **A Formação de professores e as tecnologias digitais**. UNESCO, 2015

LINHARES, C. **Os professores e a reinvenção da escola**: Brasil e Espanha. S. Paulo: Cortez, 2010.

MORAN, J. M. **A Educação que desejamos novos desafios e como chegar lá**. 2.ed. Campinas, SP: Papirus, 2007. ISBN:978-85-308-0835-8.

OLIVEIRA, C. MOURA, S.P, SOUZA, E. R. TIC's na educação: **A utilização das tecnologias da Informação e comunicação na aprendizagem do aluno**. PUC Minas Gerais. 2015.

PERRENOUD, P. **10 Novas competências para ensinar**: convite à viagem. Trad. Patricia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Artmed, 2010. ISBN: 978-85-7307-637-0

RODRIGUES, N. C. **Tecnologias de informação e comunicação na educação: um desafio na prática docente**. Universidade Federal de Santa Catarina-UFSC. 2016.

SANTOS, E.; ALVES, L.. **Praticas Pedagógicas e Tecnologias Digitais** . Rio de Janeiro: e-papers, 2016. ISBN: 85-7650-083-3.

**DESBRAVANDO E SUPERANDO OS DESAFIOS
ENCONTRADOS NA LEITURA E ESCRITA PELOS ALUNOS
DO ENSINO MÉDIO**

Eliete Regina Alves da Silva

INTRODUÇÃO

Entende-se que, assuntos sobre as dificuldades encontradas pelo processo de ensino-aprendizado é o contexto rotineiro em trabalhos e pesquisas, sobretudo quando refere-se à leitura, logo à escrita. Uma não se apresenta senão ligada a outra, pois ambas fazem parte de um mesmo processo e resultado. Não apenas no dizer leitura e escrita, mas principalmente em compreendê-las. Compreender uma fala, uma leitura é o principal em uma comunicação, assim, a busca pela melhoria desses atos é fundamental para o convívio social. Cabe aos docentes desenvolver metodologias para desenvolvê-las.

As dificuldades de leitura e escrita estão presentes no cotidiano das escolas, sendo que estas afetam todos os tipos de educandos, podendo eles serem crianças, adolescentes ou adultos, tornando-se um problema a ser enfrentado pelos educadores, responsáveis e outros que mantêm contato com os portadores dessas dificuldades. (LIMA, 2017)

A busca por metodologias que possam solucionar, e até mesmo, facilitar esse processo educativo estão presentes no cotidiano escolar constantemente. Entretanto, a sociedade e a família, junto a escola, devem, também, abraçar essas problemáticas para que na coletividade, resolvê-las. Não cabe somente a escola ser responsável pelo resultado do aprendizado do aluno, mas a sociedade deve compreender que também contribui,

positivamente ou não, para o resultado final. Todavia, focaremos nas dificuldades de leitura e escrita dos alunos do ensino médio.

Este trabalho exerce o papel de amparar a sociedade para com a problemática voltada às dificuldades educacionais relacionadas com a leitura e escrita no ensino médio, verificando possíveis causas e apresentando algumas práticas para serem aplicadas como solução. Considerando ser completamente uma pesquisa bibliográfica, fundamentada em relatos científicos discutidos por outros autores.

Partindo do ponto de desvendar algumas das dificuldades encontradas na leitura e escritas de alunos do ensino médio. buscamos responder neste trabalho como o professor do ensino médio pode aprimorar a escrita do aluno, está, relacionada diretamente à leitura, em pleno momento auge estudantil, momento este que deveria receber o aluno positivamente letrado.

Pressupondo que, a leitura é fundamental para uma boa escrita, destacamos alguns requisitos que possibilitam um resultado positivo, como: Promoção de metodologias interdisciplinares voltadas a leituras; Promover e destacar a leitura sempre como fundamento importante para uma sábia escrita; Apresentar e possibilitar a leitura e escrita no cotidiano escolar dos alunos. Assim resultando a partir deste ponto uma escrita funcional e aprimorada.

Desejamos a partir deste, interpretar como a promoção de certas didáticas podem contribuir, ainda em tempo, para o aprendizado do aluno do ensino médio em sua escrita, seguindo alguns pontos: Analisar a interdisciplinaridade voltada a leitura como metodologia facilitadora; Explicar a funcionalidade da leitura como primórdio para uma boa escrita; Avaliar a leitura e a escrita no contexto escolar do ensino médio.

Defendemos que ainda há tempo de trabalhar uma boa escrita para com os alunos do ensino médio. Entretanto, deve-se depositar uma boa atenção nesse processo. O professor deverá saber adaptar suas metodologias com novas didáticas docentes, buscando trazer uma leitura e escrita presente no cotidiano escolar.

DESENVOLVIMENTO

a) A interdisciplinaridade como instrumento fundamental para o aprimoramento da leitura e escrita

Muito se tem discutido, recentemente, acerca de qual ou quais as causas para as dificuldades encontradas na leitura e escrita de um adolescente. Entretanto, o que deve ser levado em conta é, como podemos trabalhar para desenvolver este aluno que se encontra nesta situação. Compreendemos, sim, a necessidade de atuarmos na causa inicial para esta fragilidade, entretanto, o que fazer quando nos deparamos com os alunos que teoricamente já seriam capazes de ter uma boa leitura e escrita? Assim, os instrumentos voltados a desenvolver tornam-se fundamentais para todos os docentes, independente de sua disciplina.

Por muitos, este fato e ação destina-se apenas ao docente de letras, sendo responsabilizado pelo ocorrido e também imposto como único capaz e ponderado em resolver esta ocorrência.

Para tanto, faz-se necessário que todos os professores do Ensino Fundamental II transformem as práticas de leitura da escola em práticas mais atrativas, coerentes, significativas e que realmente contribuam com a formação do aluno-leitor; que tomem para si a tarefa de formar o leitor capaz de aprender o conteúdo da sua disciplina por meio da leitura. No entanto, para que essas proposições se concretizem, a prática do planejamento participativo é de fundamental importância, uma vez que os professores podem socializar atividades que são bem sucedidas ou não, desenvolvidas durante as suas aulas, possibilitando a construção de conhecimentos voltados para o ensino da leitura com seus pares. Conhecimentos esses que podem redimensionar o seu fazer pedagógico. (SILVA, 2010)

Contudo, devemos considerar que todos os profissionais estão aptos para desenvolver uma metodologia que possa revolver, se não, corrigir esta dificuldade, pensando que “a leitura é um processo de aprendizagem contínuo e complexo e plural que não se restringe a determinados níveis de ensino ou a disciplinas específicas” (SILVA, 2010). Podendo assim, o espaço escolar, junto

ao aluno, construir uma metodologia interdisciplinar, unindo não apenas o corpo docente, mas também a equipe pedagógica, valorizando a leitura e escrita em qualquer área e situação pedagógica, construindo uma ação pedagógica coletiva e transformadora. Como bem apresenta Silva, 2010, em seu artigo:

Para realizar um trabalho mais concreto, mais próximo das necessidades dos alunos, os professores precisam navegar pela imensidão de outros conhecimentos, outras áreas, precisam sair da solidão da sala de aula, precisam redimensionar a concepção da dimensão da sua autonomia. (SILVA, 2010)

Assim, quando mencionado outras áreas, deve-se frisar a necessidade da leitura e escrita não somente na área de linguagens, mas em todas as áreas educacionais.

Agora, quando pensado em ferramentas apropriadas para o desenvolvimento da escrita, sem dúvida a leitura é fator primordial para o seu desenvolvimento. É a partir da leitura que se descobre a escrita, ambas são passos que caminham juntos, não há uma sem a outra. Pois escrevemos o que falamos e como falamos.

Destacar a importância da leitura em sala de aula, e não somente, mas prioritariamente, é apresentar ao aluno que uma simples leitura pode transformar sua linguagem.

Se o ser humano comunica-se através da linguagem e esta se faz presente em toda a sociedade como o meio mais eficiente de comunicação apesar de estarmos cercados por aparatos de comunicação digital, ainda sim, a linguagem é a mais eficiente. Portanto, a escolha da língua materna como objeto de trabalho não é mera coincidência. (GUEDES, 2013)

Portanto, todos os docentes são plausíveis em trabalhar com a linguagem para que no coletivo, na interdisciplinaridade, possa desenvolver uma boa escrita. Detalhes como corrigir um erro de português, mesmo sendo prova de exatas, são traços essenciais para transformar e aprimorar uma escrita.

b) A importância de focar a leitura como primórdio para a construção de uma boa escrita

Defendemos neste contexto que a prática da leitura é primordial para uma boa fala e escrita. Guedes deposita ao trabalho docente a atenção na linguagem:

Portanto, o professor deve estar atento à aplicabilidade da linguagem que utilizará devendo sempre se ajustar à linguagem dos alunos, porque é justamente a apropriação da linguagem o alvo propulsor de toda essa transformação tecnológica que nos cerca. É através da utilização das ferramentas digitais que iremos alcançar grandes progressos na utilização e aplicação da língua materna, nosso grande objetivo. (GUEDES, 2013)

Cabendo ao professor compreender que não apenas o educa para o profissional, mas também para o convívio social, onde não basta apenas saber falar ou escrever, mas ser compreendido.

Para uma boa escrita, entende-se que a leitura é fundamental para que isso ocorra. Não somente para aprimorar o conhecimento, mas também, para apresentar o mundo, a sociedade ao indivíduo, já que este, a partir da leitura, ganhará experiência e conhecimento para sua evolução pessoal. Como afirma Góis:

A leitura é um ato que depende de estímulo e de motivação contínua. Sua prática é uma tarefa essencial para a construção do conhecimento e a formação do indivíduo, além de ser geradora de sentimento e de opinião crítica, exercendo sobre o indivíduo o poder de expandir seus horizontes. É uma atividade que em cada leitor produz um significado de acordo com a experiência e o conhecimento que cada um tenha. (GÓIS, 2012)

Sem falar que a leitura transforma o leitor em um indivíduo crítico e analista em todos os aspectos que envolvem sua existência. Ler um pouco de tudo é estar atento a diversidades de conhecimentos que nos cercam. Sem falar de que estaremos nos preparando para buscar todos os nossos direitos. Já que passamos a conhecê-los e identificá-los. Como se posiciona Góis:

Além do que já foi mencionado, é importante destacar que para uma boa leitura é imprescindível que o leitor esteja comprometido, que mantenha um posicionamento crítico e reflexivo a respeito do que lê. Desse modo, o leitor cria um processo de interação com o texto, permitindo-se ultrapassar as barreiras dos códigos e dos símbolos, dando lugar a uma relação da qual não pretende desprender-se. Pois a leitura capacita ao leitor a ampliação de conhecimentos e possibilita a evolução social do indivíduo. (GÓIS, 2012)

A leitura está presente em todos os ambientes que envolve o indivíduo, desde uma simples bula de remédio, até a escolha de um produto em supermercado. Portanto, é a partir da leitura, ou melhor, pela prática da leitura, que o indivíduo adquire uma bagagem de conhecimentos para uma boa escrita.

O cérebro precisa ser incentivado a direcionar a leitura para cada finalidade, a fim de otimizar o tempo, a aprendizagem e o gosto pela leitura. Os textos apresentam diferentes características e especificidades, como textos impressos e eletrônicos, para cada modalidade textual haverá um suporte que implica em saberes de leitura especial. Cada texto apresenta uma lógica própria em sua organização com intenções e objetivos claros. A leitura de uma bula de remédio é diferente da leitura de um conto ficcional, a leitura de um hipertexto pressupõe habilidades e competências para o leitor se apropriar da informação. A aplicação dos propósitos de leitura permite ao educador elaborar atividades significativas e com diferentes estratégias de leitura a fim de desenvolver a autonomia leitora dos alunos. Mas a aplicação equivocada de um propósito pode, ao invés de incentivar a leitura, distanciar e frustrar o iniciante leitor. (VASCONCELOS E RAMOS, 2014)

Logo, para uma boa escrita o indivíduo, neste caso específico, o aluno necessita ser estimulado a uma prática de leitura. Sendo a prática a melhor tática do aprendizado. Onde, quanto mais praticamos, mais tornamos eficientes aquilo que buscamos, assim aprimoramos.

c) A valorização da leitura e escrita no cotidiano escolar e social do indivíduo

É fundamental que os alunos sejam motivados à prática de leitura. Sabe-se que todos os indivíduos estão cercados pela leitura e

escrita, e este aprimora sua escrita a partir do que vivencia. Pensamos em um exemplo, pensando em sermos resultados do meio que estamos inseridos. Somos professores de um aluno filho de médico, um aluno filho de uma manicure e outro filho de um pedreiro. Ambos estão bem familiarizados com os instrumentos e ferramentas utilizadas por seus pais em suas profissões. Em uma aula um professor dará oralmente um exemplo utilizando a palavra “alicate”. Se esta palavra vier fora de contexto, penso que cada aluno terá uma visão diferente de alicate. Para que a comunicação seja completamente idêntica, será preciso contextualizar para os alunos qual ferramenta e profissão se refere, assim será com todas as outras palavras. Construímos nosso dicionário e vocabulário a partir do que descobrimos, do que está em nosso contexto. Portanto a necessidade de aprimorarmos cada vez mais nosso conhecimento.

Neste aspecto o professor recebe a missão de ofertar ferramentas para aprimorar a interpretação e escrita de seus alunos. E o instrumento mais funcional para a melhora da escrita é a leitura e sua prática. Não cabendo somente em sala de aula a prática de ler, mas também tornar-se um hábito social dos alunos.

O educador é responsável por enriquecer a vida do aluno através das obras lidas e ações educativas intencionais. Ele precisa observar e proporcionar aos educandos a leitura de diversos textos com assuntos diferentes e então descobrir quais são os temas que mais atraem esses leitores. A descoberta do assunto que mais aproxima os leitores vai depender da realidade em que estão inseridos, do seu contexto social e faixa etária. (DREYER, 2011)

Assim, fornecer metodologias que possibilitam e criam nos alunos um hábito de leitura e escrita, não somente em sala de aula, mas socialmente é papel essencial para o professor. O professor deve ser o mediador, ou aquele que apresentará as possibilidades para seus alunos, e estes devem utilizar das ferramentas conquistadas na sala de aula e aplicá-las no seu dia a dia, em convívio social. Pensando assim, quando um professor não utiliza do método de leitura, ou não tem o

costume de desenvolver a leitura em sala de aula, está privando seus alunos de praticar a leitura e até mesmo não reconhecer sua importância.

O desejo pela leitura não nasce conosco, é adquirido com o tempo e com a prática. É necessário apontar que a escola tem papel fundamental nesse contexto, é a partir dela que o indivíduo tem o primeiro contato com a produção da leitura. É dela a responsabilidade de promover condições e estratégias para que ocorra o interesse de crescimento individual do leitor, pois o ato de ler é iniciado na escola, que tem a função de desenvolver e despertar no aluno o hábito da leitura. (GÓIS, 2012)

Sendo assim, valorizar a leitura e a escrita, não somente na escola, mas também, e principalmente, no social dos indivíduos, transformará a bagagem de leitura e escrita do indivíduo, este, que aprenderá a reconhecer a diversidade de escritas possíveis. Demonstrando desde uma leitura de receita, na qual a mãe se baseia no almoço de domingo, ou um simples folheto de propaganda, são tipos de leitura que se apresentam no cotidiano do aluno e este deve compreender a necessidade de reconhecer as particularidades de cada tipo de leitura e escrita.

Conclusão

Podemos concluir que, dentre os passos fundamentais para melhorar a escrita do aluno, podemos destacar alguns como principais: Inicialmente destacamos e concluimos que o trabalho interdisciplinar, principalmente dentro da escola, é essencial para o desenvolvimento da escrita do aluno. A missão depositada ao professor de linguagens, como por muitos considerado o único responsável do ensino de leitura e escrita, deve ser esquecida e dividir a missão a todos os profissionais de educação. Todos os profissionais têm a mesma finalidade, preparar aquele aluno para se encaixar na sociedade, no aspecto profissional e social, ambos que necessitam de uma boa leitura e assim, escrita. Portanto,

trabalhar para desenvolver uma boa escrita é dever de todos e algo acessível a qualquer profissional.

Outro ponto necessário é a promoção e o destaque da leitura em sala de aula. Propor atividades que estimulam a leitura em sala de aula é o primórdio para desenvolver uma base letrada. Mas não somente em sala de aula. Estimular a prática da leitura e escrita no cotidiano do indivíduo é possibilitar a construção de uma boa escrita. O cotidiano escolar é cercado por métodos e ferramentas fáceis e acessíveis para desenvolver a leitura e escrita. Entretanto não somente em sala de aula ou no âmbito escolar, mas apresentar as possibilidades que rodeiam os alunos fora da escola, onde utilizam da escrita e da leitura para se comunicar. Cabe à escola principalmente apresentar como se utilizam dessas ferramentas e os alunos desenvolvê-las onde estiverem.

Esse é o papel da escola, permitir ao aluno oportunidades de aprender realmente a importância da leitura na vida de todo o cidadão, para que ele possa, com seus olhos, visualizar novos caminhos para novas descobertas e, assim, tornar-se um leitor crítico e competente. (GÓIS, 2012)

Sendo assim, promover a interdisciplinaridade, o destaque da leitura e a prática da leitura e escrita no cotidiano são ações fundamentais para uma boa escrita, tornando-se práticas não somente ao professor de ensino médio, mas para quaisquer profissionais que queiram desenvolver e trabalhar para a melhora da escrita.

Referências

DREYER, Loiva. **Alfabetização: O olhar de Paulo Freire**. Curitiba, 2011. Disponível em: <https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2011/5217_2780.pdf> . Acesso em: 10 de outubro de 2021.
GÓIS, Luciana Ribeiro dos Santos. **O ensino da leitura nas escolas de fundamental II**. UniCEUB, Brasília, 2012. Disponível em:

<<https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/123456789/3488/2/TC%20Luciana.pdf>> . Acesso em: 10 de outubro de 2021.

GUEDES, Rosilene de Sá. **Projeto interdisciplinar para o 9º. ano do ensino fundamental com a rede ning: gênero notícia em ambientes digitais - proposta didática para a disciplina língua portuguesa**. Minas Gerais, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUBD-9GPKQ5/1/trabalho_de_conclus_o_de_curso_ufmg_2013_final.pdf>. Acesso em: 10 de outubro de 2021.

LIMA, Maria do Socorro; SOUSA, Leandro Quaresma de; BEZERRA, Selma Moreno. **As dificuldades de aprendizagem de leitura e escrita no ensino fundamental e o seu contexto escolar**. Revista Científica Semana Acadêmica: Fortaleza, 2017. Disponível em: <https://semanaacademica.org.br/system/files/artigos/artigo_socorrimha_0.pdf> . Acesso em: 10 de outubro de 2021.

NETO, Márcia Cristina de Pádua. **A leitura e a escrita no cotidiano: um constante processo de transformação**. UNIESP, Minas Gerais, 2010. Disponível em: <<http://calafiori.edu.br/wp-content/uploads/2019/09/A-LEITURA-E-A-ESCRITA-NO-COTIDIANO.pdf>>. Acesso em: 10 de outubro de 2021.

RAUEN, Adriana Regina Feltrin. **Práticas pedagógicas que estimulam a leitura**. Paraná. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/390-4.pdf>>. Acesso em: 10 de outubro de 2021.

SANTOS, Rawenea Pereira Lopes dos.; COSTA, Jocenilton Cesário da; DANTAS, Marciana Vieira; FERNANDES, Eli da Silva; PAULINO, Francisco de Assis. **De texto em texto: leitura e escrita no cotidiano escolar**. IV CONEDU, Paraíba, 2017. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/36375>>. Acesso em: 10 de outubro de 2021.

SILVA, Maria Vitória da. **O Processo de ensino de leitura em diferentes disciplinas no ensino fundamental II**. ANPED, Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <https://www.anped.org.br/sites/default/files/10_o_processo_do_ensino_de_leitura_em_diferentes_

disciplinas_no_ensino_fundamental_ii.pdf>. Acesso em: 10 de outubro de 2021.

VASCONCELOS, Andréia Deodato Lira de; e RAMOS, Ivan Rodrigues Ramos. **A Valorização da leitura como degrau de mudança sociocultural**. Brasília, 2014. Disponível em: <https://bdm.unb.br/bitstream/10483/7788/6/2014_AndreiaDeodatoLira_IvanRodriguesRamos.pdf>. Acesso em: 10 de outubro de 2021.

ORGANIZADORES



Ana Estela Brandão Duarte

Pós-doutorado em Educação, com ênfase em educação Inclusiva e Tecnologia; doutorado em Ciências da Educação com foco em TICs e Inclusão; mestrado em Ciências da Educação, com ênfase em educação do Campo, Currículo e Formação docente; possui graduação em Matemática e Pedagogia; atua com tecnologia, ministério da Educação, Brasil, Universidade Aberta do Brasil; professora de mestrado e doutorado da Universidad del Sol, e da Universidad Columbia Del Paraguai e pós-graduação em: Matemática, Educação Inclusiva, Psicopedagogia Clínica e Institucional, Educação E Desenvolvimento Sustentável e Docência.

Contato: aayanne@hotmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0232314870124337>

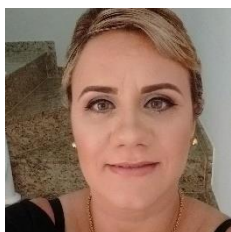


Diogo Janes Munhoz

Doutorando em Ciências da Educação na Universidad Columbia del Paraguai; possui graduação em Educação Física pela Universidade Norte do Paraná (2001) e especializações nas áreas de Treinamento Desportivo (2004); Educação Especial (2005); e Ensino a Distância (2008); Dedicar-se a estudos na área de Altas Habilidades-Superdotação e atualmente coordena o setor de Educação Especial do Núcleo Regional de Educação de Londrina/PR.

Contato: munhozdiogo@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5792026950175789>



Aline dos Santos Moreira de Carvalho

Bióloga - Saquarema/RJ, graduada em Biologia pela Universidade Salgado de Oliveira, Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional, Neuropsicopedagogia Educação Especial e Inclusiva, Transtornos Globais do Desenvolvimento, Ludopedagogia, Psicomotricidade e Gestão Escolar pela Faculdade Única – MG, Citologia Clínica pela Faculdade Souza Marques – RJ, Análises Clínicas pela Faculdade Integrada Maria Thereza - RJ, aluna do programa de Mestrado em Ciências da Educação pela Universidade Columbia del Paraguai, em parceria com o Instituto IDEIA – BR; Possui experiência no campo de gestão privada, exerci cargo de Coordenadora do Ensino Fundamental e Médio na rede privada em Saquarema/RJ, atualmente atuando como Orientadora Educacional na rede privada de Ensino de Saquarema e Búzios/RJ; Psicopedagoga Clínica com foco no TDAH no município de Saquarema/RJ.

Contato: bioaline2017@yahoo.com

AUTORAS E AUTORES

Alex do Carmo Barbosa

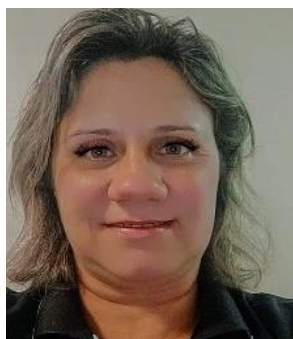


Mestrando em Ciência da Educação pela Universidad Columbia del Paraguay. Graduado em Ciência Biológicas (Licenciatura) pela Universidade Católica do Salvador (UCSal) possui Especialização em Psicopedagogia Clínica e Institucional pela Faculdade São Bento (FSB) e em Metodologia do Ensino, Pesquisa e Extensão em Educação pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Professor no Governo do Estado da Bahia possui experiência docente em Ensino Fundamental II e Ensino Médio, em Educação de Jovens e Adultos (EJA) e em Ensino Técnico. Com experiência em Gestão Escolar e em programas federais como o PDDE e Mais Educação em municípios baianos como professor formador.

Contato: biologotk@hotmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4680696994436987>

Aline dos Santos Moreira de Carvalho



Mestranda em Ciências da Educação pela Universidad Columbia del Paraguay, em parceria com o Instituto IDEIA – BR; graduada em Biologia pela Universidade Salgado de Oliveira, Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional, Neuropsicopedagogia Educação Especial e Inclusiva, Transtornos Globais do Desenvolvimento, Ludopedagogia, Psicomotricidade e Gestão Escolar pela Faculdade Única – MG, Citologia Clínica pela Faculdade Souza Marques – RJ, Análises Clínicas pela Faculdade Integrada Maria Thereza – RJ.

<http://lattes.cnpq.br/1905195483475216>



Camila Abreu Thomazini Frinhani

Mestranda em Ciências da Educação pela Universidad Columbia Del Paraguay; Possui graduação em Letras pelo Centro Universitário São Camilo – ES; Graduanda em História pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES); Pós-graduada “Latu-Sensu” nas áreas de Letras com ênfase em Linguística pela Faculdade de educação da Serra (FASE); Linguagem Oral e Escrita Linguística pela Faculdade de Ciências e Educação do Espírito Santo (UNIVES); e Arte na Educação pela Faculdade de Tecnologia Cachoeiro de Itapemirim (FACI); Atualmente Professora de Língua Portuguesa da Rede Estadual do Espírito Santo.

Contato: camila_thomazini2@hotmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7885751032443106>

Diego de Almeida Silva

Possui graduação em Licenciatura em Educação Física e em Bacharelado em Educação Física, pela Autarquia de Ensino Superior de Arcoverde (AESA). Especialização em Educação Física Escolar pela Faculdade de Tecnologia e Ciências do Alto Paranaíba (FATAP), com ênfase no desenvolvimento cognitivo, por meio da contribuição da Educação Física. Bolsista federal, através do CAPES, por meio do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID).

Contato: diego.edfisica.da@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5343004849194347>





Eliete Regina Alves da Silva

Mestranda em Ciências da Educação pela Universidad Columbia Del Paraguay; Possui graduação em Letras pelo Centro Universitário São Camilo – ES; Pós-graduada “Latu-Sensu” em Artes e Ensino Religioso pela Faculdade de Venda Nova do Imigrante (FAVENI); Atualmente Professora de Língua Portuguesa da Rede Estadual do Espírito Santo.

Contato: elieteregina.2016@hotmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6404764132487361>



Érika dos Santos Pereira

Mestranda em Ciências da Educação; Graduada em Pedagogia; Pós Graduada em Psicopedagogia Clínico e Institucional; Pós Graduada em Arte-Educação; Pós Graduada em Educação Especial com Ênfase em Deficiência Auditiva, Visual, Intelectual e Altas Habilidades.

Contato: espereira1337@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0320719577461350>



Hérica Cristina Oliveira da Costa

Mestranda em Ciências da Educação; Graduada em Pedagogia e Matemática; Graduanda em Tecnologia da educação; Especialista em: Tutoria e Orientação em EAD, Supervisão e Orientação Educacional, Professora da Prefeitura de Carapebus – RJ e do Colégio INSG - Rede Salesiana - Macaé - RJ; Diretora provisória do SEPE núcleo Macabu.

Contato: h_co_c@hotmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8122928123477417>

Ingrid dos Santos Pereira



Mestranda em Ciências da Educação; Graduada em Pedagogia, Pós Graduada em Psicopedagogia Clínica e Institucional; Pós Graduada em Educação Especial com Ênfase em Deficiência Auditiva, Visual, Intelectual e Altas Habilidades; Pós Graduada em Alfabetização e Letramento nas séries Iniciais e na Educação de Jovens e Adultos/Professora da Educação Infantil e Educação Especial da Prefeitura Municipal de Vila Velha -ES.

Contato:isp.pedagoga@gmail.com

Gabrielle Oliveira dos Santos



Mestranda em Ciências da Educação na Universidad Columbia Del Paraguay. Graduada em Pedagogia pelas Faculdades Integradas Maria Thereza – FAMATH. Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional, Especialista em Neuropsicopedagogia e Reabilitação Cognitiva, Especialista em Educação Especial e Inclusiva, Especialista em Psicomotricidade Educação e Clínica. Psicomotricista pela formação em Prática Psicomotora Aucouturier – PPA, Especialista em Transtorno do Espectro Autista – TEA, Especialista em Orientação Educacional. Atua no campo Clínico, realizando atendimento psicopedagógicos com avaliações e intervenções psicomotoras e neuropsicopedagógicas no GAMA CONSULTORIOS - Saquarema/RJ. É Orientadora Educacional na rede pública de ensino do município de Saquarema/RJ e atualmente coordena o setor pedagógico na Associação Pestalozzi de Saquarema, no município de Saquarema/RJ.

Contato: gabbiosantos@yahoo.com.br

ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-1160-569X>

LATTES: <http://lattes.cnpq.br/5449510912488204>



Jaqueline Flávia Rodrigues da Cunha França

Graduada em licenciatura plena em Pedagogia pelo Centro Universitário Moacyr Sreder Bastos (MSB), Especialista em educação Infantil pela Fundação Educacional Unificada Campograndense (FEUC), Aluna do programa de mestrado em Ciências da Educação pela Universidade Columbia del Paraguay, em parceria com o Instituto IDEIA-BR.

Contato: jaque.rodriguesfranca@gmail.com

<http://lattes.cnpq.br/7223177860182097>



Lana Cristina de Almeida Silva

Pedagoga especialista em áreas intercomunicantes (UFES), mestranda em Ciência da Educação e Screener (Síndrome de Irlen), atuando no planejamento pedagógico com foco na formação docente e avaliação do educando no âmbito acadêmico, afetivo, social e econômico. Atua como pedagoga efetiva e professora na Educação Especial numa perspectiva inclusiva com objetivo de orientar o processo educacional de pessoas com deficiência (PcD), transtornos globais do desenvolvimento (TGD) e demais transtornos e dificuldades de aprendizagens.

Contato: lanamestranda@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2106288805760498>

orcid.org/0000-0003-1391-5034



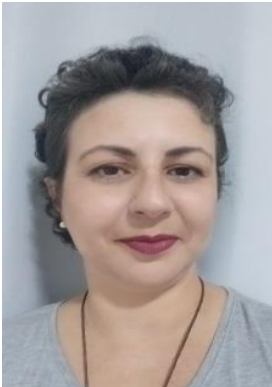
Léia Flauzina da Silva de Albuquerque

Mestranda em Ciências da Educação pela Universidad Columbia del Paraguay, em parceria com o Instituto IDEIA – BR; graduada em Pedagogia pela Universidade Castelo Branco, Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional pela Universidade Estácio de Sá _ RJ , Especialista em Educação Infantil, Neurociência e Aprendizagem, Especialista em Neuropsicopedagogia e Educação Especial e Inclusiva Pela Universidade Cândido Mendes

RJ, Especialista em Transtorno do Espectro Autista pela Faculdade UniBF, Especialista em Arteterapia e Psicomotricidade pelo Instituto Sinapses. Dedicar-se a estudos na área da educação e saúde voltada para inclusão e atualmente atende crianças, adolescentes e adultos com Transtornos e Dificuldades de Aprendizagem.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0511490751751596>
<https://orcid.org/0000-0002-6942-1116>

Liliane Musumeci Ferreira



Mestranda em Ciências da Educação pela Universidad Columbia Del Paraguay. Pós-graduada “Latu-Sensu” em Neurociência pela Faculdade Campos Eliseos (FCE). Pós-graduada “Latu-Sensu” em Inclusão pelo Centro Universitário Barão de Mauá. Pós-graduada “Latu-Sensu” em Psicopedagogia Institucional pelo Centro Universitário Barão de Mauá. Graduada em Pedagogia pela UNIA. Professora da Rede Municipal de Educação de Mauá/SP.

Contato: lilianemusumeciferreira@gmail.com

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/0477-9665-6708-9576> <https://orcid.org/0000-0001-8749-0652>

Lucas Frade Pinto Cunha



Mestrando em Psicologia Escolar/Educacional pela Integralize. Bacharel em Psicologia pela Faculdade do Espírito Santo, Graduado em Licenciatura Plena em Pedagogia pela Faculdade de Ciências de Wenceslau Braz. Pós-graduação em Dependência Química pela Faculdade de Educação e Tecnologia da Região Missioneira, Pós-graduação em Psicopedagogia Clínica e Institucional pela instituição Universidade Cândido Mendes. Criador do Projeto Morí Wei (Bom Dia) na terra indígena Uiramutã. Atualmente atuo como Psicólogo Educacional no Município de Caroebe-RR, atuo como Psicólogo no CRAS de Caroebe-RR, atuo como Psicólogo no CREAS de São João da

BalizaRR, atuo como professor de Psicologia nos Cursos Técnicos em Enfermagem das instituições CETERR e LIFE. Atualmente estou atuando como professor de Jiu Jitsu no projeto social Lutando Para o Bem da Instituição Centro de Treinamento Kleyber Mota no município de Caroebe-RR.

Contato: fradecunha@hotmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0172800978074180>

Lucélia Aparecida Jagobucci

Mestranda em Ciências da Educação pela Universidad Columbia Del Paraguay. Pós-graduada em Esportes e Atividades de Aventura pela FMU. Pós-graduada em Recreação e Lazer pela FMU. Pós-graduada em Educação Física Escolar pela FMU. Bacharel e Licenciatura em Educação Física pela UNIBAN. Graduada em Administração de Empresas pela FLATEC. Técnica em Eventos, Organização Esportiva, Administração e Turismo pelo Centro Paula Souza/SP. Professora de Educação Física do Ensino Fundamental I da Rede Municipal de Educação de Osasco/SP.

Contato: jagobucci@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7517-4441>



Karla de Lourdes Antunes Souza

Mestranda em Ciências da Educação; Graduada em Pedagogia e Educação Física; Pós-graduada “Latu-Sensu” em: Educação Física Escolar com Ênfase na Educação Infantil, Alfabetização e Letramento, Gestão Escolar, Educação Inclusiva e Especial. Professora Educação Infantil na Rede Municipal de Educação de Cachoeiro de Itapemirim/ES e Professora do Ensino Fundamental I na Rede Municipal de Educação de Piúma/ES.

Contato: kaka.antunes@hotmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4606259775618453>





Sabrina da Silva Menezes

Possui Licenciatura Plena em Matemática pelo Centro Universitário São Camilo – ES. Especialização em Docência do Ensino Superior pelo Centro Universitário São Camilo – ES. Mestranda em Matemática pela Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro. É Professora da Secretaria de Educação do Estado do Espírito Santo, na docência do Ensino Médio. E Professora na Rede Municipal de Marataízes, atuando com Ensino Fundamental II. Pesquisadora nas áreas de Educação Inclusiva, Modelagem Matemática e Deficiência Intelectual.

Contato: samenezes2017@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5860357157853164>



Viviani de Sá Merísio

Mestranda em Ciências da Educação na Universidad Columbia Del Paraguay, graduada em Matemática pela Faculdade São Camilo-ES, graduada em Pedagogia pelo Instituto de Educação e Tecnologia-ES, Especialista em Educação Matemática pela Faculdade da Região dos Lagos-RJ, Especialista em Gestão e Estratégia Educacional nas Vertentes da Administração, Supervisão, Orientação e Inspeção Escolar, pela Faculdade Mário Schenberg. Atualmente Técnica da Secretaria Municipal de Educação no município de Guarapari – ES.

Contato: viviani.merisio@hotmail.com



Esta obra buscou reunir reflexões sobre *Educação e...pandemia...família... tecnologia*. O livro, em cena, mesmo tendo sido concebido em momento de luto da humanidade devido à COVID-19, não se deixa abater, através de múltiplos olhares, lança luz sobre a educação quando, a muitas mãos, faz uma imersão na literatura, colhe, acolhe e reafirma a ideia de que a escola é viva, e viver é paradoxal por excelência. São propostas dos capítulos a discussão sobre a identidade feminina, sobre o conhecimento acerca da utilização do PDDE- Emergencial, destacando-o como Recurso Federal excepcional no contexto de situação de calamidade provocada pela Pandemia COVID – 19; Também nos convida a refletir sobre o ensino de Educação Física Escolar, ludicidade, gamificação, família como mediadora do conhecimento, Educação Infantil, dificuldades de aprendizagem, novas perspectivas de ensino – aprendizagem através do diálogo entre Neurociência e Educação. Assim, esta obra pretende levar a reflexões sobre a educação a partir das relações entre família, tecnologia e do que vivenciamos em tempos de pandemia.

